

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Letras

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS DE  
BELO HORIZONTE**

Nicolle Veronick Moreira de Faria

Belo Horizonte  
2008

NICOLLE VERONICK MOREIRA DE FARIA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS DE  
BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, sob orientação do professor Dr. Marco Antônio de Oliveira.

**Belo Horizonte  
Ago/2008**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F224c Faria, Nicolle Veronick Moreira de  
A concordância verbal no português de Belo Horizonte / Nicolle Veronick  
Moreira de Faria. Belo Horizonte, 2008.  
135f. : Il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Língua portuguesa - Concordância – Belo Horizonte (MG). I. Oliveira,  
Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa e Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 806.90(81)-25

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Nicolle Veronick Moreira de Faria

### **A Concordância Verbal em Belo Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,  
Belo Horizonte, 2008.

---

**Orientador: Professor Marco Antônio de Oliveira – PUC/MG**

---

**Professora Doutora Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG**

---

**Professora Doutora Vanda de Oliveira Bittencourt – PUC/MG**

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2008

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que tem possibilitado que eu conquiste todos os meus objetivos.

Agradeço à PUC-MG, por ter sido acolhedora e compreensiva desde meu ingresso nesta instituição, e também por ter sido meu alicerce no que se refere aos estudos da linguagem, apoiando-me inclusive na Iniciação Científica, quando me concedeu uma bolsa de pesquisa pelo Probic.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - pela concessão da bolsa de pesquisa no ingresso ao Programa de Pós-Graduação.

Aos meus grandes professores da PUC, que tanto contribuíram e ajudaram nesta trajetória.

Ao anjo que é a Marli, que tem caminhado sempre ao meu lado, ensinando-me princípios essenciais ao pleno desenvolvimento da pesquisa científica, como a disciplina e a organização, além de, muitas vezes, tranquilizar-me nos momentos de sufoco.

À amiga Priscila Chantal, que tem caminhos semelhantes aos meus desde a graduação e que, nesse período de convivência, mostra-se cada vez mais pronta a ajudar, conversar e aconselhar.

À Gláucia e Fernanda, por terem sido tão gentis, concedendo-me as informações de que precisava.

À Aline Medeiros, por ter me ajudado com o trabalho gráfico dos mapas.

Ao meu irmão Nicholas, por ter me cedido seu computador nos momentos em que mais precisei.

Ao querido José Roberto Medeiros, pela infinita paciência, pela ajuda com as planilhas, pela conferência dos cálculos dos Chi-Quadrados e também por me ceder, muitas vezes, seu computador e sua impressora.

Aos familiares, amigos e colegas de trabalho pelo incentivo e pela torcida, que são muito importantes nos momentos críticos, em que chegar ao fim parece algo impossível.

Aos meus pais, pelo exemplo e pelo apoio.

E agradeço, especialmente, ao meu querido mestre Marco Antônio de Oliveira, que tem me orientado impecavelmente até aqui, ensinando-me muito mais do que os complexos princípios sociolinguísticos. É dele toda a minha gratidão pelos ensinamentos, pelos conselhos amigos e carinhosos.

*"Sempre que pensamos em mudar queremos tudo o mais rápido possível. Não tenha pressa pois as pequenas mudanças são as que mais importam. Por isso, não tenha medo de mudar lentamente, tenha medo de ficar parado."*

*Provébio chinês*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva traçar um panorama do fenômeno da concordância verbal na terceira pessoa do plural em Belo Horizonte, à luz da Teoria da variação ou Sociolingüística Variacionista. Para esta pesquisa foram coletados dados de entrevistas espontâneas feitas com 26 informantes residentes na capital mineira. Da fala desses informantes foram extraídos 863 dados, que foram analisados considerando-se grupos de fatores constituídos pelas variáveis lingüísticas (morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica, ambiente fonológico que sucede ao verbo, posição do SN sujeito e relação ao verbo, constituição do SN sujeito, paralelismo formal) e extralingüísticas (estilo de fala, regionais, sexo, idade, classe social, escolaridade). Os dados foram analisados quantitativamente utilizando o GOLDVARB (2001) e inicialmente foram considerados todos os grupos de fatores. Os resultados obtidos mostraram predomínio de presença de concordância na fala dos moradores de Belo Horizonte. Além disso, exceto pelo ambiente fonológico que sucede o verbo, pelo estilo de fala e pela idade, todos os outros grupos de fatores mostraram-se relevantes para a análise do fenômeno.

**Palavras Chaves:** *Concordância verbal; variação lingüística; variáveis estruturais e não-estruturais.*

## ABSTRACT

The present work intends to trace a framework of the verbal concordance phenomenon of the third person plural in Belo Horizonte. In the light of the variation theory, or variacionist sociolinguistic. For this research spontaneous interview data, made with 26 people who live in the capital, was collected. From these speeches 863 pieces of data were extracted, they were analyzed considering constituted by linguistic variants (verbal form morphology and phonic salience degree, phonologic environment that occurs the verb, the SN subject position and relation to the verb, constitution of subject SN, formal parallelism) and extralinguistic variants (speech style, regional, gender, age, social class, scholarship). The data was quantitatively analyzed using GOLDVAR (2001) and, initially, all groups of factors were considered. The results revealed predominance of the presence of concordance speaks of the residents of Belo Horizonte. In addition to, except for the phonologic environment that precedes the verb, for speech style and age - all groups of factors have shown themselves relevant to the phenomenon analysis.

**Key Words:** *verbal concordance; linguistic variation; structural and non-structural variants.*

## LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 1: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Níveis de saliência fônica .....	85
GRÁFICO 02: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Comparação entre a presença de concordância nos verbos regulares em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007) .....	91
GRÁFICO 03: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Comparação entre a presença de concordância nas formas de pretérito perfeito em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007) .....	91
GRÁFICO 04: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal: Comparação entre a presença de concordância nas terminações acentuadas em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007) .....	92
GRÁFICO 05: Concordância verbal pelo ambiente fonológico que sucede ao verbo - Consoante/vogal e pausa .....	95
GRÁFICO 06: Concordância verbal pela posição do SN sujeito - IAOP .....	100
GRÁFICO 07: Concordância verbal pela constituição do SN sujeito: LS .....	103
GRÁFICO 08: Concordância verbal pelo paralelismo formal – OuFO .....	106
GRÁFICO 09: Concordância verbal pelo estilo de fala .....	109
GRÁFICO 10: Concordância verbal pelas distribuição geográfica .....	111
GRÁFICO 11: Concordância verbal pelo sexo .....	114
GRÁFICO 12: Concordância verbal pela idade - qst .....	116
GRÁFICO 13: Concordância verbal na relação entre sexo e idade .....	119
GRÁFICO 14: Concordância verbal pela classe social .....	120
GRÁFICO 15: Concordância verbal na relação entre sexo e classe social .....	122
GRÁFICO 16: Concordância verbal na relação entre idade e classe social .....	124
GRÁFICO 17: Concordância verbal pela escolaridade .....	126
GRÁFICO 18: Concordância verbal na relação entre idade e escolaridade .....	128

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Composição das classes sociais .....	33
TABELA 2: Profissões dos informantes por classes sociais .....	39
TABELA 3: Escolaridade dos informantes por profissões .....	40
TABELA 4: Escolaridade dos informantes do grupo 3.....	41
TABELA 5: Distribuição de Chi-Quadrados .....	48
TABELA 6: Níveis de saliência fônica por Lemle e Naro.....	62
TABELA 7: Níveis de saliência fônica por Nicolau .....	63
TABELA 8: Resultados percentuais e pesos relativos referentes à concordância verbal e à concordância padrão em todos os grupos de fatores .....	80
TABELA 9: Significância de cada grupo de fatores na concordância verbal .....	82
TABELA 10: Constituição morfológica da forma verbal .....	84
TABELA 11: Constituição morfológica da forma verbal: Verbos regulares, pretéritos perfeitos e terminações acentuadas.....	86
TABELA 12: Constituição morfológica da forma verbal: Verbos regulares e não-regulares .....	87
TABELA 13: Constituição morfológica da forma verbal: Marcas padrão e não-padrão em verbos no pretérito perfeito .....	88
TABELA 14: Constituição morfológica da forma verbal: Comparação entre a ausência de concordância, concordância padrão e não-padrão em BH (2008) e BH (1984).....	88
TABELA 15: Constituição morfológica da forma verbal: Comparação entre a ausência de concordância e concordância padrão e não-padrão em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007) .....	90
TABELA 16: Ambiente fonológico que sucede ao verbo.....	94
TABELA 17: Ambiente fonológico que sucede ao verbo: consoante/vogal e pausa.....	94
TABELA 18: Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos regulares .....	96
TABELA 19: Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos não-regulares .....	97
TABELA 20: Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos no pretérito perfeito com concordância não-padrão.....	97
TABELA 21: Posição do SN sujeito .....	98
TABELA 22: Posição do SN sujeito: IAOP.....	99
TABELA 23: Posição do SN sujeito: IOP.....	101
TABELA 24: Constituição do SN sujeito .....	102
TABELA 25: Constituição do SN sujeito: LS.....	103

TABELA 26: Paralelismo formal.....	105
TABELA 27: Paralelismo formal: OuFO.....	106
TABELA 28: Estilo de fala .....	108
TABELA 29: Distribuição geográfica.....	110
TABELA 30: Regionais de Belo Horizonte e datas de ocupação .....	112
TABELA 31: Sexo .....	113
TABELA 32: Idade .....	115
TABELA 33: Idade: qst.....	116
TABELA 34: Relação entre sexo e idade.....	118
TABELA 35: Classe social: xyz.....	120
TABELA 36: Relação entre sexo e classe social .....	122
TABELA 37: Relação entre idade e classe social .....	123
TABELA 38: Escolaridade.....	125
TABELA 39: Escolaridade: EF/EM e ES .....	125
TABELA 40: Relação entre idade e escolaridade .....	127

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Informantes do grupo 1 .....	35
QUADRO 2: Informantes do grupo 2 .....	36
QUADRO 3: Informantes do grupo 3 .....	37
QUADRO 4: Bens de Consumo e faixa salarial .....	38
QUADRO 5: Ambiente fonológico que sucede ao verbo .....	65
QUADRO 6: Posição do SN sujeito em relação ao verbo .....	67
QUADRO 7: Constituição do SN sujeito .....	68
QUADRO 8: Paralelismo formal .....	70
QUADRO 9: Estilo de fala.....	71
QUADRO 10: Distribuição geográfica .....	73
QUADRO 11: Sexo .....	74
QUADRO 12: Idade .....	75
QUADRO 13: Grupos sociais .....	77
QUADRO 14: Escolarização.....	78

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 PESQUISA SÓCIO-HISTÓRICA SOBRE A LOCALIDADE PESQUISADA.....	19
2.1 Considerações preliminares .....	19
2.2 Regional Barreiro .....	20
2.3 Regional Centro-Sul .....	21
2.4 Regional Leste .....	22
2.5 Regional Nordeste .....	23
2.6 Regional Noroeste .....	24
2.7 Regional Norte.....	25
2.8 Regional Oeste.....	27
2.9 Regional Venda Nova.....	29
2.10 Regional Pampulha.....	31
2.11 A Situação Social da população Pesquisada.....	32
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	41
3.1 A coleta dos dados .....	41
3.2 Levantamento e tratamento dos dados.....	45
3.3 Análise dos dados .....	47
3.3.1 Análise quantitativa .....	47
3.3.2 Análise qualitativa .....	48
3.4 A interpretação dos valores obtidos.....	49
3.5 O quadro teórico .....	50
4. A REGRA DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS.....	54
4.1 Apresentação do problema .....	54
4.2 Ausência de concordância verbal: não-aplicação da regra de concordância ou atuação da regra variável de desnasalização? .....	58

5. AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS .....	60
5.1 Visão geral das variáveis .....	60
5.2 Variáveis estruturais .....	61
5.2.1 <i>Morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica</i> .....	61
5.2.2 <i>Ambiente fonológico que sucede ao verbo</i> .....	64
5.2.3 <i>Posição do SN sujeito em relação ao verbo</i> .....	65
5.2.4 <i>Constituição do SN sujeito</i> .....	68
5.2.5 <i>Paralelismo formal</i> .....	69
5.3 Variáveis não-estruturais .....	70
5.3.1 <i>Estilo de fala</i> .....	70
5.3.2 <i>Distribuição geográfica</i> .....	72
5.3.3 <i>Sexo</i> .....	73
5.3.4 <i>Idade</i> .....	74
5.3.5 <i>Classe social</i> .....	76
5.3.6 <i>Escolaridade</i> .....	77
6. ANÁLISE DOS DADOS .....	79
6.1 Resultados preliminares.....	79
6.2 Análise dos fatores estruturais.....	83
6.2.1 <i>Morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica</i> .....	83
6.2.2 <i>Ambiente fonológico que sucede ao verbo</i> .....	94
6.2.3 <i>Posição do SN sujeito em relação ao verbo</i> .....	98
6.2.4 <i>Constituição do SN sujeito</i> .....	102
6.2.5 <i>Paralelismo formal</i> .....	104...
6.3 Análise dos fatores não-estruturais.....	108
6.3.1 <i>Estilo de fala</i> .....	108
6.3.2 <i>Distribuição geográfica</i> .....	110
6.3.3 <i>Sexo</i> .....	113
6.3.4 <i>Idade</i> .....	115
6.3.5 <i>Classe social</i> .....	120
6.3.6 <i>Escolaridade</i> .....	125

7. CONCLUSÃO.....	129
REFERÊNCIAS .....	134
ANEXOS .....	138

## 1 INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo do livro de Bortoni-Ricardo (2005), denominado *Heterogeneidade lingüística e ensino da língua – o paradoxo da escola*, a autora cita uma declaração do professor Paulo Freire, quando empossado secretário da Educação do município de São Paulo. O professor declarou que as professoras não deviam criticar ou reprimir um aluno que falasse coisas do tipo “nós chegemu”.

Contudo, como se não existisse o fenômeno da variabilidade lingüística, especialmente a variação na concordância verbal, é muito comum em nosso dia-a-dia de professores de Língua Portuguesa observarmos na escola, por exemplo, professores “corrigindo” os alunos, alunos “corrigindo” seus colegas ou até mesmo seus professores pelo modo como utilizam determinadas variantes lingüísticas.

Bortoni-Ricardo, ainda no primeiro capítulo, comenta que

...nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma lingüística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética. O prestígio do português culto, padronizado nas gramáticas e dicionários e cultivado na literatura e nos diversos domínios institucionais da sociedade, não se restringe, como seria de se esperar, aos grupos de seus usuários; ao contrário, perpassa todos os segmentos sociais. Varia apenas a sua manifestação, em função do acesso diferenciado que esses grupos têm às normas que funcionam como um quadro referencial da correção e propriedade lingüística. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 13-14).

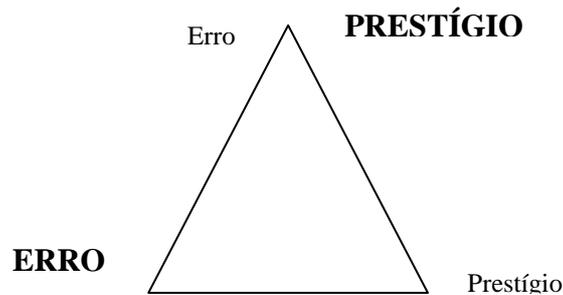
Scherre (1998:88)<sup>1</sup> aponta que o fenômeno da concordância é abordado pela tradição gramatical brasileira como sendo de natureza obrigatória, com base implícita ou explícita, na escrita ou na fala de pessoas cultas num registro formal ou coloquial tenso. Por conseqüência, a ausência de concordância é considerada um erro, sendo estigmatizada e, por isso, desde os primeiros anos de escolarização a criança é exposta a exercícios de “passar para o plural”.

Bagno (2006), em seu livro *A norma oculta*, no capítulo que leva o título de “Por que há erros mais errados que os outros?” mostra que quando o “erro” já se tornou uma regra na língua falada pelos cidadãos letrados, ele passa despercebido, mesmo que contrarie as regras da gramática normativa. Assim, de acordo com o autor, há erros mais crassos que outros e a escala da “crassidade” é inversamente proporcional à escala de prestígio social.

---

<sup>1</sup> SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do Português falado na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1998. P. 88.

A partir dessas colocações, Bagno apresenta uma figura que ilustra o fato de que, quanto menos prestígio social possui um indivíduo, mais erros e mais “crassos” os indivíduos das classes privilegiadas encontram na língua dele.



Dessa forma, segundo Naro & Scherre (2004:2), no caso da concordância verbal, a variante de prestígio é a variante explícita de plural e sua não-ocorrência, quando percebida, é julgada pela tradição dos falantes como índice de não se saber falar português.

Acontece que passar por cima da variabilidade das línguas é não considerá-las como organismos vivos, como afirma Melo, num trecho extraído de Bally:

(...) a verdadeira língua é a língua viva, matizada das cores do sentimento, reflexo direto das palpações da vida, individual e coletiva. (MELO, 1981, p.20).

Nicolau (1984) afirma que a teoria de Saussure também se mostra de acordo com essas concepções quando o autor diz que a língua é um produto social da faculdade da linguagem e de convenções necessárias, adotadas pela sociedade para permitir aos indivíduos o exercício dessas faculdades.<sup>2</sup>

Em conformidade com essa linha pensamento, para Meillet (cf. Weinreich, Labov e Herzog 1968) a linguagem é uma instituição com autonomia própria, mas que, além disso, inclui as condições gerais do desenvolvimento de um ponto de vista puramente lingüístico.

<sup>2</sup> C'est à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble des conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l'exercice de cette faculté, chez les individus. (SAUSSURRE apud NICOLAU 1984, p. 3).

No entanto, a língua é [também] uma instituição social, que estabelece que a Lingüística é uma ciência social e o único elemento variável capaz de acarretar uma mudança lingüística é a mudança social, cujas variações lingüísticas são apenas conseqüências.<sup>3</sup>

Motta (1979:7) concluiu, após questionar o papel da escola no que diz respeito à transmissão do padrão culto oral, que a tentativa de ensinar a variedade de prestígio acaba eliminando os antigos hábitos lingüísticos trazidos pelos alunos. Com isso, os estudantes acabam preocupados em falar diferente da comunidade em que estão inseridos, fazendo hipercorreções que levam ao aumento da distância dos grupos de maior status social para os de menor.

A solução para esse problema seria o ensino partir da realidade lingüística do aluno, o que só seria possível tomando-se como base a diversidade lingüística.

Partindo desse princípio, Nicolau assegura, sobre a regra de concordância verbal, que essa regra:

1º) (...) é uma regra variável; 2º) Essa regra não pode ser tratada como o faz nossa turma pedagógica, que segue a gramática inferida da análise de uma variedade lingüística distante da utilizada, inclusive pelos atuais escritores brasileiros; 3º) Não basta admitir que a regra da concordância verbal, em português, aplica-se em determinados casos e, excepcionalmente, em outros, deixa de se aplicar por razões semânticas e estilísticas, mas é urgente a necessidade de se identificarem os fatores lingüísticos e não-lingüísticos que favorecem ou inibem a aplicação dessa regra. (NICOLAU, 1984, p.7).

Portanto, como os grupos sociais possuem modos diferenciados de usarem a língua, busco novos esclarecimentos acerca de questões sobre a concordância verbal na cidade de Belo Horizonte. Dessa forma, saberei de que forma o comportamento lingüístico na capital mineira funciona como indicador da estratificação social.

Foram dois os motivos que me levaram a pesquisar a concordância verbal na capital mineira. O primeiro motivo é o fato de o português de Belo Horizonte possuir características especiais, tanto por sua composição lingüística, que apresenta um estágio de desenvolvimento de aproximadamente 110 anos de formação, quanto por sua composição social. Essas características devem-se ao início da construção da cidade, que sofreu influência de migrações

---

<sup>3</sup> Language is a institution with an autonomy of its own; one must therefore determine the general conditions of development from a purely linguistic point of view;... but since language is [also] a social institution, it follows that linguistics is a social science, and the only variable element to which one may appeal in order to account for a linguistic change is a social change, of which language variations are but the consequences (...). (MEILLET. cf. WEINREICH, U., W. LABOV e M. HERZOG, 1968. p.176).

internas, dentro do estado de Minas Gerais, como também de imigrações oriundas de outros países, principalmente de Portugal e da Itália.

O segundo motivo é o fato de, numa pesquisa sociolingüística, os dados serem mais bem coletados quando o pesquisador conhece bem a região a ser pesquisada. Como lidamos com fatores não-estruturais, como classe social e redes de relacionamento - *networks* de maior ou menor densidade – devemos ter em mãos o maior número de informações precisas sobre a comunidade estudada, até mesmo porque, como afirma Nicolau (1984:13), existe uma confusão na literatura específica acerca do conceito de classe social.

Em vista disso, penso que a familiaridade com a comunidade a ser estudada pode ajudar tanto na definição das redes de relacionamento quanto, em alguns casos, na própria coleta de dados.

Desse modo, o trabalho foi organizado em 7 capítulos. No capítulo 2 será mostrada a pesquisa sócio-histórica sobre a comunidade pesquisada, Belo Horizonte, sendo que o histórico da ocupação da capital será mostrado através da divisão em regiões administrativas adotada pela Prefeitura Municipal, além do quadro social da população pesquisada. No capítulo 3 está explicitado o quadro teórico adotado e a metodologia adotada nesta pesquisa. O capítulo 4 mostra o fenômeno da concordância pelo ponto de vista de autores diversos. No capítulo 5 estão explicitadas as variáveis estruturais e não-estruturais; no capítulo 6 estão os resultados das análises quantitativas dos dados, de modo que o comportamento de todos os grupos de fatores foi considerado neste trabalho, e não só aqueles que o GOLDVARB considerou como relevantes para a análise da aplicação da regra de concordância verbal em BH. Por último, o capítulo 7, em que apresento as conclusões tiradas a partir da interpretação dos dados e das hipóteses que orientaram a pesquisa.

## 2 PESQUISA SÓCIO-HISTÓRICA DA COMUNIDADE PESQUISADA

### 2.1 Considerações Preliminares

Em uma pesquisa sociolingüística, a coleta cuidadosa dos dados é um fator essencial para a confiabilidade dos resultados. Sendo assim, a seleção dos informantes contribui decisivamente para o sucesso da pesquisa e, portanto, não deve ser aleatória<sup>4</sup>. Ao contrário, antes da seleção dos informantes deve-se, primeiramente, fazer a descrição da população a ser pesquisada para, em seguida, selecionar uma amostra representativa dessa população.

A população pesquisada neste trabalho é a de Belo Horizonte, capital que, segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE, de 2000, conta com 2.412.937 habitantes distribuídos em 331 quilômetros quadrados. Por ser uma metrópole, a prefeitura municipal dividiu a cidade em setores administrativos, também denominados regionais (Anexo B), com o objetivo de facilitar a administração do município.

Cada regional é constituída por bairros, alguns dos quais tão antigos quanto a própria cidade, além de um grande número de bairros mais recentes que foram surgindo no entorno, pelo processo de urbanização que, segundo Nicolau (1984), acomete toda a sociedade brasileira no processo de passagem de sociedade agrária a sociedade industrial.

A seleção dos informantes foi feita utilizando-se essa divisão da capital com o fim de não concentrar os informantes em áreas ou bairros específicos, uma vez que cada regional possui uma história própria.

Como a composição social de Belo Horizonte possui características especiais, uma vez que a população nativa era minoritária até 1945, passando a majoritária a partir do final da Segunda Guerra, sua composição lingüística também sofreu influência dessa formação, já que sua população constituiu-se por migrações internas provenientes de Minas Gerais, assim como imigrantes oriundos de outros lugares.

---

<sup>4</sup> A seleção da amostra de informantes, numa pesquisa sociolingüística, é criteriosa. Para metrópoles do porte de Belo Horizonte, com milhões de habitantes, torna-se inviável uma amostra com uma quantidade de informantes proporcional ao número de habitantes. O critério utilizado, portanto, é o do preenchimento das células das variáveis não-estruturais. Através desse critério as células vão sendo completadas de modo que os informantes vão ocupando os espaços que ficam em aberto nas células. No caso dessa pesquisa, que possui 26 informantes, procurei dividi-los de forma que metade fossem homens e metade fossem mulheres, mas observando se eu poderia enquadrá-los nas diferentes faixas etárias, nos diferentes grupos sociais e níveis de escolaridade e ainda tentando excaixá-los em pelo menos uma das regionais administrativas de Belo Horizonte.

Fundada em 1897, a cidade foi projetada para ser a capital mineira e, hoje, uma de suas principais atividades econômicas é o turismo de negócios, sendo que ela sedia feiras e eventos de porte nacional e internacional, com o propósito de desenvolver empreendimentos com fins lucrativos que promoverão o crescimento de setores específicos como transporte, lazer, alimentação, hospedagem.

Atualmente, segundo a divisão da PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte), as regionais administrativas de Belo Horizonte são: a regional Barreiro, a Centro-Sul, a Leste, a Nordeste, a Noroeste, a Norte, a Oeste, a Venda-Nova e a Pampulha.

## **2.2 Regional Barreiro**

A história do Barreiro começou em 1855, quando surgiu a Fazenda Barreiro. O seu primeiro proprietário foi o coronel Damazo da Costa Pacheco, que a vendeu ao major Cândido José dos Santos Brochado. Após a morte do major, a família vendeu o local para o sr. Manoel Pereira de Melo Vianna e saiu da região.

Com a chegada de Aarão Reis e sua equipe para construção da nova capital, em meados de 1890, houve interesse do engenheiro em utilizar a água da região no abastecimento da capital. Nessa época a Fazenda Barreiro era ocupada por imigrantes que cultivavam produtos agrícolas.

Hoje o Barreiro é uma região industrial, com população predominantemente operária. A Companhia Siderúrgica Manesmann, a primeira grande indústria de Minas, foi instalada após negociação entre os proprietários da Fazenda Barreiro e um grupo estrangeiro, no fim dos anos 40.

A instalação do Distrito Industrial do Jatobá e das novas áreas industriais do bairro Olhos D'água, além da proximidade com a Cidade Industrial em Contagem, foram os grandes responsáveis pelo seu estágio atual de desenvolvimento.

A intensa diversidade comercial e de serviços, a presença de escolas públicas e privadas, faculdades, hospitais, postos de saúde, rede bancária, shoppings centers, supermercados, bares, restaurantes e grandes redes de loja deram à região a independência de uma cidade.

De acordo com o Censo Demográfico de 2000, do IBGE, o Barreiro possuía uma população de 262.194 habitantes, com 134.470 mulheres e 127.724 homens. A extensão territorial da região era de 53,58 Km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica de 4.893,32

hab./Km<sup>2</sup>. No que se refere à habitação, o Censo Demográfico 2000 mostrou, também, que a região possuía 69.746 domicílios particulares permanentes, em que cerca de 90% eram casas. Dos responsáveis por esses domicílios, 73% eram homens e quase 27% tinham entre 30 e 39 anos. A maior parte - 49,65% - tinham um rendimento entre 1/2 e 3 salários mínimos.

### **2.3 Regional Centro-Sul**

Pode-se dizer que todo o planejamento de Belo Horizonte partiu de onde é hoje a região Centro-sul e por isso a história da regional mistura-se à da criação da cidade.

Em 1891, após decreto assinado por Augusto de Lima, o vilarejo que antes era chamado de Curral Del Rey foi desapropriado para dar lugar à nova capital do estado de Minas Gerais.

Com um projeto inovador para o traçado das ruas que se cruzavam em diagonais, em 1895 Aarão Reis termina a planta básica de um projeto faraônico para a época, mas que foi planejado pensando-se no futuro, com avenidas e ruas mais largas que as convencionais.

Com o objetivo de tornar Belo Horizonte um centro comercial, lotes foram leiloados para a construção de comércios. Aqueles que adquirissem os lotes teriam o prazo de quatro anos para construir.

A inauguração da capital mineira ocorreu no dia 12 de dezembro de 1897 e a cidade foi crescendo proporcionalmente à sua importância política e econômica, sendo que em 1914 a cidade já passava dos 42 mil habitantes, concentrando, ao longo dos anos, as mais importantes atividades comerciais e financeiras, tendo sempre a responsabilidade de incentivar o crescimento das demais regiões.

A partir da década de 1980 a região sofreu intensas transformações. A Savassi, que antes era uma área residencial, passou a área comercial e, aos poucos, foi competindo com o centro histórico. A área de dentro da Contorno sofreu uma grande redução populacional, enquanto a área externa crescia demasiadamente.

As edificações verticalizaram-se e surgiram grandes prédios comerciais e residenciais, uma forma de aproveitar melhor o espaço que se valorizava. O centro histórico passou a abarcar a Savassi, consolidando a região Centro-Sul como referência comercial, financeira e política da grande Belo Horizonte. Durante esse processo a Zona Sul consagrou-se como região nobre, mesmo possuindo grandes aglomerados.

Atualmente, a região Centro-Sul é formada por 49 bairros, possuindo área territorial de 32,49 Km<sup>2</sup> e população de 260.524 habitantes, sendo 116.723 homens e 143.801 mulheres. A região foi dividida em 13 Unidades de Planejamento, pela Secretaria de Administração, de modo que as UP's reúnem um ou mais bairros e favelas, com características homogêneas de ocupação de solo e respeitando-se os limites das barreiras físicas, naturais ou construídas.

## 2.4 Regional Leste

A região Leste, uma das mais antigas de BH, é composta por bairros tradicionais como Floresta, Santa Tereza, Sagrada Família e Santa Efigênia, que se expandiram e deram origem a novos bairros como Colégio Batista, Horto, Novo São Lucas, Instituto Agrônômico e outros.

A primeira residência dos operários construtores de Belo Horizonte foi o bairro Floresta, o mais antigo da região, que cresceu rapidamente por sua proximidade com o Centro.

Na década de 1930, o comércio começou a se desenvolver na região e foi aí que surgiu a primeira construção realizada fora do perímetro da Avenida do Contorno, o Palacete do Conde de Santa Marinha.

A primeira fábrica de doces de Belo Horizonte, a Lalka, foi fundada em 1925 e ainda localiza-se no bairro. A Floresta possui ruas tradicionais como a Itajubá e o bairro, além disso, serviu de moradia para pessoas ilustres como o poeta Carlos Drummond de Andrade e o escritor Pedro Nava.

Na região Leste, o bairro de Santa Tereza também merece destaque pela beleza arquitetônica de suas casas, mas, principalmente, por sua produção cultural. Foi inicialmente ocupado por imigrantes, sendo muitos italianos. Naquela época, toda a região era conhecida como região do Isolado, por existir no local um grande hospital que abrigava e tratava os pacientes com tuberculose, doença considerada incurável na época.

Em relação à produção cultural, o bairro é famoso por seus carnavais e serviu de cenário para talentos da música mineira como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Fernando Brant, que formaram o *Clube da Esquina*, além de outras bandas igualmente famosas e mais recentes, como o *14 Bis*, *Sepultura*, *Skank*, *Jota Quest*.

De acordo com o Censo Demográfico de 2000, do IBGE, a Região Administrativa Leste de Belo Horizonte possuía uma população de 254.573 habitantes, com 136.493

mulheres e 118.080 homens. A extensão territorial da região era de 27,95 Km<sup>2</sup>, caracterizando uma densidade demográfica de 9.109,46 hab./Km<sup>2</sup>.

## **2.5 Regional Nordeste**

Diversos bairros da região Nordeste, como União, Campos Elísios, dentre outros, surgiram em terrenos da Fazenda São João Batista, cuja sede se localizava onde hoje se encontra instalado o Minas Shopping. Por isso a história da região está ligada à história do antigo Arraial de Belo Horizonte.

A partir de 1920 houve uma grande proliferação dos bairros populares. Um dos mais antigos, o da Concórdia, também foi ocupado, inicialmente, por funcionários da Comissão Construtora para edificação da cidade.

Entre as décadas de 30 e 40, BH preparava-se para a industrialização. Por causa disso, diversas vias foram abertas para servir de corredor ao novo processo produtivo pelo qual passava a Capital.

No fim dos anos 30, com a construção das fábricas têxteis no Cachoeirinha e da Companhia Renascença Industrial, no Renascença, esses bairros surgem como nova opção de moradia para as classes menos favorecidas. Os moradores desses bairros eram operários da fábrica vindos do interior em busca de trabalho.

Na mesma época, outros dois loteamentos deram origem aos bairros Campos Elísios e Ipiranga, onde se encontra a rua Jacuí, uma das mais importantes da região e que se chamava "estrada para Santa Luzia" e era toda em cascalho.

O loteamento da parte que restava do Retiro Sagrado Coração de Jesus deu origem aos bairros Cidade Nova, Nova Floresta e Silveira que, por sua importância econômica e pela influência exercida em outros bairros, atualmente são os mais importantes da região.

Com o crescimento da cidade a região também se desenvolveu, principalmente na década de 50, quando a expansão urbana se deu em todos os sentidos fora da Avenida do Contorno.

Em 1971 foi inaugurado o Túnel da Lagoinha, com o objetivo de incentivar o processo de ocupação da região Nordeste. No início, os novos bairros eram destinados à construção de residências e pequenos prédios, atraindo a classe média e o comércio e servindo de alternativa à zona sul.

A verticalização da região se consolida na década de 80 e a partir daí seu perfil já se apresenta completamente modificado. Com a inauguração oficial da Avenida Cristiano Machado, no início da década, o processo de ocupação da região é assustador. Novos bairros surgem, os velhos bairros vão mudando de perfil.

A transferência da Feira dos Produtores da Lagoinha para a Avenida Cristiano Machado, em 1981, é um marco significativo na história do bairro. Depois dele, instalaram-se supermercados, bancos, e outros. A inauguração do Minas Shopping, em 1991, ampliou o crescimento econômico e o desenvolvimento da região, consolidando sua independência do centro da cidade.

Apesar de se caracterizar pela grande diferença de poder aquisitivo de seus habitantes, a região vem se desenvolvendo, buscando alternativas para atender às demandas e necessidades de sua população.

A região Nordeste possuía uma população de 273.892 habitantes, de acordo com dados do Censo Demográfico 2000, do IBGE, distribuída em 68 bairros, incluindo vilas e favelas. Sua extensão territorial era de 39,60 km, com 19,46 km<sup>2</sup> de áreas verdes.

## **2.6 Regional Noroeste**

Essa é a região mais populosa de Belo Horizonte e reúne importantes referências históricas e culturais da cidade, tendo sido formada por bairros tradicionais que se localizavam no entorno da cidade planejada dentro da Avenida do Contorno.

Sua ocupação se remete à época da fundação, entre 1893 e 1897, sendo que a região foi ocupada inicialmente por imigrantes e operários que vieram trabalhar na construção da capital. Neste período, houve um grande crescimento populacional, o que desencadeou o surgimento das primeiras favelas da cidade. Neste contexto surge na região da Lagoinha, conhecida pela boemia, e a Pedreira Prado Lopes, a primeira vila de Belo Horizonte.

Nos anos de 1920, os imigrantes italianos chegaram aos bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio, alavancando o crescimento dessas áreas. O período de 1935 a 1951 foi destacado pelos investimentos públicos na capital e diversas intervenções urbanas foram realizadas contribuindo para o desenvolvimento da região, como a abertura das avenidas Antonio Carlos, Pedro II e Tereza Cristina e a construção do Conjunto Habitacional do IAPI, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1958, foi inaugurada a Universidade Católica de Minas Gerais, que muito contribuiu para a valorização da região e para o desenvolvimento da cidade. A Via Expressa foi implantada na década de 70, trazendo melhorias principalmente para os bairros Coração Eucarístico e Caiçaras. Em 1981, iniciou-se a construção do Complexo Viário da Lagoinha com a implosão de algumas quadras do bairro. Outro grande empreendimento na região foi a construção do Shopping Del Rey, em 1993, que se consolidou como centro de consumo por excelência.

Atualmente, vários outros bairros antigos da região passaram por um processo de renovação urbana e substituição de edificações para a realização de obras na Avenida Antônio Carlos, o que proporcionou uma ligação mais eficaz entre o Aeroporto Internacional de Belo Horizonte – Tancredo Neves (Confins) e o centro de Belo Horizonte, uma vez que o Aeroporto Carlos Drummond de Andrade (Aeroporto da Pampulha) teve grande parte de seus vôos transferidos para Confins.

A Secretaria de Administração da Regional Noroeste dividiu a região em 10 UP's (Unidades de Planejamento), seguindo as características homogêneas de ocupação de solo e respeitando-se os limites das barreiras físicas, naturais ou construídas e, segundo dados do Censo Demográfico de 2000, do IBGE, a população da região era de 360.000 habitantes e sua extensão territorial era de 36.874 Km<sup>2</sup>.

## **2.7 Regional Norte**

A região faz limite com os municípios de Vespasiano e Santa Luzia, com as regiões Pampulha, Venda Nova e Nordeste. Sua ocupação aconteceu de forma gradativa, iniciando por volta de 1930, através de áreas públicas que hoje são representadas pelos bairros São Bernardo e Primeiro de Maio, que ocupavam áreas de antigas fazendas do início do século XX que, posteriormente, dariam origem a outros povoados.

Antes da instalação do Matadouro Municipal, o povoado do Onça, onde hoje se localiza o bairro Aarão Reis, era o único povoado que aparecia em destaque em mapas da região. Daí, talvez, sua importância, pois, já em 1856 havia estradas que o ligavam ao Arraial de Embiras e, em 1923, ao Arraial de Venda Nova e ao Centro de BH.

Devido ao grande crescimento demográfico da cidade, que se expandiu para além dos limites da Avenida do Contorno, a partir de 1930 intensificou-se a ocupação da região,

surgindo a idéia das Vilas Operárias, soluções adotadas para a questão habitacional, pois os lotes de tamanhos reduzidos tinham menor preço.

Em 1937, houve a inauguração do Matadouro Municipal, que foi deslocado para a região devido à disponibilidade de água e para proporcionar fácil acesso aos boiadeiros. Com sua inauguração, foi promovido um novo parcelamento do solo na região, resultando na criação da Vila Operária que deu origem ao bairro São Paulo. Parte da Vila Operária, localizada ao norte da atual BR 262, continuou com este nome até 1967.

A Vila Operária mantinha intensas relações com o bairro São Paulo pelo fato de, nele, existirem as únicas igrejas e escolas da região. No entanto, na década de 50, com o rompimento da barragem da Pampulha, um grande número de desabrigados invadiu a vila, passando a existir entre a vila e o bairro uma diferença de caráter sócio-econômico.

A união das Vilas Santa Maria, Operária, Minaslândia e São José, em 1967, deu origem ao bairro Primeiro de Maio, nome escolhido pelos próprios moradores. Em 1991, a Prefeitura de Belo Horizonte fez o desmembramento definitivo dos bairros Primeiro de Maio e São Paulo.

A região possui um perfil cultural diversificado, tendo o bairro Primeiro de Maio como principal referência cultural da região, pois conta com o Centro de Referência da Cidadania e é ponto de encontro dos acontecimentos culturais, abrangendo desde a cultura de resgate, memória e patrimônio das identidades culturais, como os grupos de capoeira, congado e folia de reis, passando pela dança, pelo *hip hop*, pelo grafitismo, até o teatro e a música. Além disso, movimentos festivos e de lazer que acontecem próximo à Igreja Santo Antônio.

Com o crescimento desordenado na região, a ocupação de áreas inapropriadas para habitação tornou-se comum. Foram erguidas moradias em morros, em áreas íngremes e às margens de córregos, com elevado risco para esses moradores.

Hoje, pode-se observar duas situações conflitantes na região, pois nela existem tanto bairros habitados por uma população com melhor poder aquisitivo e infra-estrutura urbana, quanto bairros e vilas habitados por uma população carente, com condições mínimas de moradia.

Há na região um predomínio de serviços e produtos de pequeno porte, além de algumas indústrias de médio porte. Apresenta, ainda, possibilidades de expansão econômica e vem sendo valorizada após realizações de obras urbanas como a construção da Via 240 e a canalização de parte do Ribeirão do Onça, além do aumento da linha do metrô, com a implantação das estações Minas Shopping a Venda Nova.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2000, do IBGE, a Região Norte de Belo Horizonte possuía uma população de 193.764 habitantes, com 100.218 mulheres e 93.546 homens. Sua extensão territorial era de 33,69 Km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica de 5.750,87 hab/Km<sup>2</sup>.

## 2.8 Regional Oeste

A regional Oeste é composta por bairros tradicionais em Belo Horizonte, principalmente o Calafate e o Prado.

No começo do século XX, iniciou-se a ocupação da região oeste através do Núcleo Agrícola do Carlos Prates. O local era formado por chácaras e uma pequena Capela. Povoador oficialmente por colonos, muitos estrangeiros.

Em 1902 foi construída, pelo Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Francisco Salles, a Estrada de Ferro Oeste de Minas, dirigindo-se a Betim e passando pelo bairro Calafate, onde foi instalada uma estação perto da Rua Santa Quitéria. A Estrada para o Barreiro foi inaugurada em 1910, também passando pelo bairro. Estas vias foram os primeiros acessos oficiais ao bairro.

Na década de 20, especificamente em 1924, a região oeste era a que mais se expandia. Com isso, a pequena Capela foi transformada na Igreja São José do Calafate, erguida na Praça Inácio Fonseca, e lá se encontra até hoje, sem grandes alterações em sua forma e estrutura.

Quando Belo Horizonte era ainda um pequeno arraial, onde as oportunidades de entretenimento praticamente se limitavam às celebrações e festividades religiosas, foi criada, em 1895, a Banda Carlos Gomes. Fundada oficialmente em 11 de julho de 1896, poucos meses depois, em 24 de setembro, a Banda fazia sua estréia em uma missa.

O Calafate é um bairro essencialmente residencial, caracterizando-se por residências unifamiliares horizontais, na sua maioria antigas. O comércio é de caráter local, no interior do bairro, concentrando-se na Rua Platina. Nota-se uma presença mais concentrada de edifícios nas áreas limítrofes.

De acordo com Lima (1996:77), o nome *Calafate*, originário da navegação marítima, deve-se ao fato de marinheiros portugueses terem abandonado o navio no Rio de Janeiro e terem chegado a Belo Horizonte por motivo ainda desconhecido. Esses marinheiros eram

responsáveis pela calefação dos assoalhos dos navios e, aqui, passaram a exercer a profissão de toneleiros. Quando lhes perguntavam sobre sua profissão, diziam eles serem “calafates”.

A história do Prado está intimamente ligada à fundação da Capital e mais de um século depois que a cidade foi fundada, o bairro tem um pé fincado no passado e outro no futuro. Pela rua Platina, passaram as carroças que trouxeram material de construção para as obras de construção da cidade.

O bairro conserva algumas de suas características tradicionais, como as casas e as mercearias onde as compras ainda são anotadas nas cadernetas. Contudo, assiste à implantação das confecções que estão instalando-se ali com uma velocidade surpreendente. Na década de 70, com a aprovação da Lei do Uso e da Ocupação do Solo Urbano, a verticalização virou tendência em quase toda a cidade, mas no Prado a verticalização ocorria de forma mais lenta.

As corridas de cavalo que eram realizadas no Prado Mineiro, antigo hipódromo de Belo Horizonte, deram início às primeiras atividades turísticas da capital. Foi inaugurado em 1909, pelo então Prefeito Prado Lopes, o que deu origem ao nome do bairro. A pista de corridas foi transformada em um campo de futebol com a retração deste tipo de esporte, e nela eram realizados importantes jogos do Campeonato Mineiro.

Além de provas hípicas e do futebol, o Prado Mineiro também foi marcado pelo primeiro vôo de avião realizado na capital, sendo que este foi o maior acontecimento da época, já que o avião só era conhecido nas telas de cinema.

Em 1928 chegaram os primeiros bondes elétricos e as pequenas chácaras deram lugar às construções feitas pelo operariado. Uma das maiores produtoras de tecidos da cidade se localizava onde está hoje o campus da Faculdade Estácio de Sá, na rua Erê.

Em 1932, o antigo hipódromo foi ocupado pelo Comando da Polícia Militar de Minas Gerais - PMMG, que instalou ali o Departamento de Instrução – DI, para formar recrutas da corporação, e depois a Academia de Polícia Militar de Minas Gerais – APM, uma das principais referências do bairro.

Além do DI, o bairro também abriga um dos mais antigos contingentes da Polícia Militar: o Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes, fundado em 9 de julho de 1775, em Ouro Preto, que, quatro anos mais tarde foi transferido para Cachoeira do Campo.

Boa parte dessa regional é extensão da Regional Centro-Sul, principalmente os bairros Estoril, Buritis, Gutierrez, Alto Barroca e Prado, que são ocupados pela classe média e possuem alta densidade habitacional. Seguindo o mesmo padrão da regional Centro-Sul, é

bastante elevada a presença de favelas e vilas em torno dos bairros nobres, sendo que mais de um terço da população da região vive nestas localidades.

A região Oeste possuía uma população de 268.124 habitantes, distribuídos em 37 bairros oficiais, segundo dados do Censo Demográfico 2000, do IBGE.

## **2.9 Regional Venda Nova**

Quando a capital foi inaugurada, alguns moradores deixaram o antigo Curral Del Rey para se instalar no bairro. Antes de pertencer a Belo Horizonte, Venda Nova pertenceu a Sabará, Santa Luzia e Ribeirão das Neves.

É provável que sua ocupação tenha ocorrido no século XVIII, uma vez que pesquisas dos últimos anos localizaram documentos datados de 1781 solicitando autorização para o comércio de secos e molhados junto aos tropeiros que passavam pelo lugar. Até que um português abriu uma venda com variados produtos como arroz, toucinho e querosene. Dessa forma, os clientes vinham de todas as partes, atraídos pelas vantagens da venda nova.

A região desenvolveu-se de forma autônoma e a partir da década de 50 intensificou sua população, que saía para trabalhar no Centro e em cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, caracterizando a região como cidade dormitório. Enquanto isso, novos bairros formavam-se no seu entorno.

Segundo Lima (1996:86), o povoado de Venda Nova era conhecido como Santo Antônio dos Clementes – nome dado pelos primeiros moradores do local. No entanto, existem referências de vários nomes anteriores para a região, como Santo Antônio do Barranco e Santo Antônio de Venda Nova. Conta-se que o nome atual surgiu para identificar uma venda, que era mais nova em relação às anteriores.

Como sua ocupação ocorreu sem planejamento, as construções foram surgindo de forma indiscriminada e irregular. Só em 1948 a região se tornou parte da capital, mantendo a estrutura semelhante à que possuía no início do século XX.

Por ser ocupada por pessoas simples e por não ser considerada por muitos anos nem como região rural da capital, Venda Nova sofreu por muito tempo com problemas sérios de iluminação, transporte e enchentes.

Na década de 70, aconteceram melhorias no tocante aos investimentos públicos e em 1972 surgiu na região, mas sem êxito, um forte movimento de emancipação, que acabou culminando na criação Administração Regional de Venda Nova, em 1973, descentralizando

vários serviços prestados pela Prefeitura de Belo Horizonte, no intuito de procurar atender aos anseios da população.

Em 1987 foram criadas as outras sete Regiões Administrativas em Belo Horizonte e a região de Venda Nova foi novamente dividida, dando origem à atual área jurisdicionada da região de Venda Nova, a área da região Norte e parte da região da Pampulha.

A partir da década de 90 um grande volume de obras estruturantes como o alargamento e melhorias da Rua Padre Pedro Pinto, a aprovação do centro urbano de Venda Nova, pela Prefeitura de Belo Horizonte, a canalização do córrego do Vilarinho e a modernização da MG-10, estrada que corta Venda Nova, incrementaram o setor comercial da região.

No entanto, a conclusão da Estação Vilarinho, que levou o metrô de superfície até a região, é uma obra que se destaca, juntamente com a atual construção da Linha Verde e a anunciada transferência do Centro Administrativo do Estado para o bairro Serra Verde. Com isso, espera-se mais desenvolvimento e progresso para a região.

O comércio da região é diversificado e diversos bairros possuem núcleos de comércio local. O Shopping Norte, inaugurado na década de 90, amplia as diversas opções de lazer da região, que conta também com casas noturnas, salas de cinemas e clubes recreativos. Merece destaque, também, o Jockey Clube, o Autódromo Serra Verde, para onde será transferido o futuro Centro Administrativo do Governo Estadual, outro fato que fará do local um dos mais importantes de Belo Horizonte.

De acordo com os dados do Censo Demográfico 2000, do Instituto IBGE, a região de Venda Nova possuía uma população de 245.334 habitantes, com 126.632 mulheres e 118.702 homens. Sua extensão territorial era de 28,30 Km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 8.670,58 hab./Km<sup>2</sup>.

Além disso, quanto à habitação, o Censo mostrou que a região possuía 64.894 domicílios particulares permanentes, em que cerca de 89% eram casas. Dos responsáveis por esses domicílios, 71% eram homens e quase 27% tinham entre 30 e 39 anos, sendo que 50,19% da população possuía um rendimento entre 1/2 e 3 salários mínimos.

## 2.10 Regional da Pampulha

A Pampulha teve sua história iniciada na década de 30, com a construção, em 1933 do Aeroporto Carlos Drummond de Andrade, ou aeroporto da Pampulha, obra que foi incorporada ao projeto do complexo arquitetônico e que teve suas atividades voltadas para atender aos vôos do Correio Aéreo Militar, com a denominação oficial de Destacamento da Aviação.

Só em 1936 iniciou-se o represamento do Ribeirão Pampulha para construção da barragem da Pampulha, na administração do prefeito Otacílio Negrão de Lima e que foi inaugurada em 1943. A obra tinha a finalidade de controlar as cheias dos tributários e promover o abastecimento da cidade.

No decorrer dos anos 40 foi implantado o conjunto urbanístico e arquitetônico da Pampulha, como marco da modernidade da capital, com projetos arquitetônicos originais do jovem arquiteto Oscar Niemeyer. Considerado um ícone da modernidade e das perspectivas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek, a Pampulha promoveu a interação entre a arquitetura, as artes plásticas e o paisagismo. Destacam-se nesse conjunto a Igreja de São Francisco de Assis, o Museu de Arte Moderna, a Casa do Baile, o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) - inaugurado em 1965, sendo o segundo maior estádio coberto do Brasil e do mundo - o Ginásio do Mineirinho e a UFMG.

A Pampulha se destaca por possuir uma grande área verde, composta pela Fundação Zoobotânica e pelo Campus da UFMG, além de diversos parques ecológicos, tais como: Ursulina de Melo, Dona Clara, Ouro Preto, Garças, Fazenda Lagoa do Nado entre outros.

Na região encontra-se uma das maiores bacias hidrográficas metropolitanas do país, composta por 11 afluentes: córregos Mergulhão, Tijuco, Ressaca, Sarandi, Água Funda, Braúnas, Olhos D'Água, Garças, AABB, Bandeirantes e outros, sem denominação. Os córregos Sarandi, Ressaca e Água Funda são os de maior importância pois, juntos, são responsáveis pelo aporte de 75% dos sedimentos que poluem a Lagoa.

Segundo dados do Censo Demográfico 2000, do IBGE, a Região da Pampulha possuía uma população de 141.853 habitantes, numa extensão territorial de 45,90 km<sup>2</sup>, com densidade Demográfica de 3.090,75 hab/km<sup>2</sup>, sendo 74.054 mulheres e 67.799 homens.

Eram 39.668 domicílios particulares permanentes, com 70% de casas. Dos responsáveis por esses domicílios, 72% eram homens e quase 28% tinham entre 30 e 39 anos. A maior parte, 36,53%, possuía rendimento mensal entre 3 e 5 salários mínimos.

A população da região encontra-se estratificada em diversos níveis sócio-econômicos, variando desde o padrão muito baixo até muito alto. Entretanto, a grande maioria da população, cerca de 70%, encontra-se nas faixas de renda baixa e muito baixa.

Apesar de servir de acesso para cidades como Vespasiano, Santa Luzia e Pedro Leopoldo, na grande BH, a região da Pampulha não é uma região industrializada.

## **2.11 A Situação Social da população Pesquisada**

A definição de classe social é difícil de ser concebida, uma vez que ela depende de análises em perspectivas diversas. Algumas vezes essa definição leva em consideração o salário, o lucro ou a renda da população. Outras vezes, considera os papéis dos indivíduos no processo produtivo de uma sociedade. Sendo assim, as profissões e o status que elas representam numa comunidade também podem contribuir para essa conceituação.

Karl Marx (1981:1.012) afirma que as três grandes classes sociais da sociedade contemporânea, baseada no modelo capitalista de produção, constituem-se pelos assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras.

Já para Poulantzas (1977:97-9), se considerarmos apenas os modos de produção, veremos que eles são constituídos por duas classes: a do explorador, política e ideologicamente dominante, e a do explorado, política e ideologicamente explorada, sendo composta por burgueses e operários.

Ainda segundo esse autor, se falarmos em uma sociedade concreta, que não leve em conta apenas os modos de produção, mas sim sua formação social, essa sociedade comportará mais de duas classes, sendo que os critérios econômicos não são suficientes para se determinar as classes sociais nesta sociedade concreta, tendo que se recorrer às referências políticas e ideológicas para se tentar chegar a essa definição.

Corroborando essa idéia da complexidade existente na definição de uma classe social, Milroy (1992:14-15) discorre sobre a grandeza dessa categoria e fala que a definição de classe social em uma comunidade deve ser feita levando-se em consideração características como educação, ocupação, residência ou estilo de vida.

Trudgill (1974:33) também fala do caráter fluido e abstrato de atribuir aos indivíduos grupos sociais específicos.

Citando Tumin (1970), Nicolau afirma que esse autor não se utiliza do termo classe social para se referir às desigualdades de determinada sociedade. O termo utilizado por ele é “estratificação social”. Sobre a estratificação social, Tumin afirma que:

Uma sociedade consiste de vários estratos, dispostos em ordem hierárquica, e esta é baseada em quantidade de poder, propriedade, valorização e satisfação psicológica que geralmente os estratos recebem. (TUMIN *apud* NICOLAU, 1984, p. 12)

A revista Veja, do ano de 1999, apresentou um quadro que representa a mobilidade social do país de 1973 a 1996. Nesse quadro, que representa as classes sociais do país, são consideradas as seguintes classes: Elite, Classe média-alta, Classe média-média, Classe média-baixa, pobres e muito pobres.

**TABELA 1**  
**Composição das classes sociais**

<b>Classes</b>	<b>Composição</b>	<b>% (1973)</b>	<b>% (1996)</b>	<b>Evolução</b>
<b>Elite</b>	Profissionais pós-graduados, empresários e altos administradores.	3,5%	4,9%	cresceram 40%
<b>Classe média-alta</b>	Pequenos proprietários, técnicos com especialização e gerentes de grande empresa.	6,3%	7,4%	cresceram 17%
<b>Classe média-média</b>	Pequenos fazendeiros, auxiliares de escritório e profissionais com pouca especialização.	18,4%	13,3%	encolheram 13%
<b>Classe média-baixa</b>	Motoristas, pedreiros, pintores, auxiliares de serviços gerais, mecânicos, etc.	23,7%	26,9%	cresceram 13%
<b>Pobres</b>	Vigias, serventes de pedreiros, ambulantes e outros trabalhadores sem qualificação.	16,1%	23,4%	cresceram 46%
<b>Muito pobres</b>	Trabalhadores rurais, bóias-frias, pescadores, peões de fazendas, catadores urbanos, etc.	32%	24%	encolheram 25%

Fonte: Indicadores e Estatísticas Econômicas. Classes sociais do Brasil. Revista Veja, mai. 1999.  
Disponível em: <<http://www.ai.com.br/pessoal/indices/CLASSES.HTM>> Acesso em: 12 mai. 2007.

Estudos revelados pela Folha de São de Paulo, em dezembro de 2006, mostraram que a renda da classe média caiu 46% em 6 anos. Essa queda é atribuída pela revista ao aumento dos investimentos do governo FHC e do governo Lula para as camadas mais pobres da população, diminuindo o saldo de criação de empregos e da evolução da renda para a classe média. Como afirma Canzian:

O saldo da criação de empregos e da evolução da renda da classe média no primeiro mandato do governo Lula é amplamente negativo. (...) O fenômeno ocorre desde os anos FHC. Considerando classe média quem ganha acima de três salários mínimos (mais de R\$ 1.050), houve saldo negativo de quase 2 milhões de empregos formais nos últimos seis anos. (...) Os trabalhadores com pior remuneração foram na outra direção. Houve um saldo positivo (admitidos menos demitidos) de quase 6 milhões de novas vagas para quem ganha entre um e três mínimos de 2001 a setembro de 2006. (...) Há outras maneiras de estabelecer quem é classe média no país, como levar em conta uma renda individual um pouco maior do que três salários mínimos e os bens e serviços a que o cidadão tem acesso. Mesmo pelo critério de renda maior do que três mínimos e de consumo de determinados bens, segundo levantamento do Datafolha, foi a classe média quem menos ganhou nos últimos quatro anos. Enquanto cerca de 7 milhões de eleitores migraram no governo Lula das classes D e E (maioria com renda até R\$ 700) para a C (de R\$ 700 a R\$ 1.750), a migração de membros da classe C para a A/B (ou média, com renda acima de R\$ 1.750) envolveu apenas cerca de 1 milhão de eleitores. (CANZIAN, 2006)<sup>5</sup>.

O jornal ainda mostra que mais da metade das famílias de classe média no país está concentrada na região sudeste:

Segundo o "Atlas da Nova Estratificação Social do Brasil - Classe Média - Desenvolvimento e Crise", concluído neste ano por 11 pesquisadores, 57% das famílias de classe média concentram-se no Sudeste. No Nordeste e no Norte, são 12,5% e 4,7%, respectivamente. No geral, três em cada quatro famílias de classe média vivem no Sudeste ou no Sul. O trabalho considera classe média as famílias com renda entre R\$ 2.275 e R\$ 25.200. Levando em conta que núcleos familiares no Brasil têm, em média, quatro pessoas e que geralmente os menores de idade da classe média não trabalham, a renda individual se situaria entre R\$ 1.137 (próxima a três salários mínimos) e R\$ 12.600. Por esses critérios, 32% das famílias são da classe média. (CANZIAN, 2006)<sup>6</sup>.

Levando-se em consideração as diferentes definições de classes sociais e os recentes estudos sobre a classe média brasileira, que mostram além de tudo sua concentração na região sudeste, dividi a população pesquisada, neste trabalho, utilizando a seguinte denominação: grupo 1, grupo 2, e grupo 3.

No grupo 1 encontram-se indivíduos com profissões com relativa valorização social, como os funcionários públicos, comerciantes, industriários, técnicos com especialização, gerentes de empresas.

O quadro a seguir ilustra os informantes inseridos neste grupo e suas respectivas profissões:

---

<sup>5</sup> CANZIAN, F. **Renda da Classe Média Cai 46% em 6 Anos**. 2006. Disponível em: <<http://www.ai.com.br/pessoal/indices/CLASSES.HTM>>.

<sup>6</sup> Idem 5.

**QUADRO 1**  
**Informantes do grupo 1**

<b>Informante</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Profissão</b>
CL	Ensino médio completo	Técnica em nutrição.
AB	Ensino superior completo	Bibliotecária e jogadora de vôlei.
AX	Ensino médio completo	Tatuador (Dono de uma empresa de tatuagens).
MT	Ensino médio completo	Aposentada (Professora e o marido é comerciante).
RT	Ensino médio completo	Comerciante.
RD	Ensino superior incompleto	Estudante e Técnico em Informática.
KR	Ensino médio completo	Comerciante.
WT	Ensino fundamental completo	Representante comercial.
JP	Ensino superior incompleto	Professor.
GD	Ensino médio completo	Aposentada (Secretária do Departamento de Informação da Secretaria da Cultura).
ZL	Ensino fundamental incompleto	Dona de casa (o marido era comerciante, dono de uma papelaria).

No grupo 2, os indivíduos contam com salários definidos, porém não constituem mão-de-obra especializada e, por isso, não valorizada socialmente: são operários ou filhos de operários. Suas condições de vida são precárias e seus rendimentos dificilmente possibilitam a educação além do Ensino Médio, sendo que nenhum informante desse grupo havia chegado ao nível superior de ensino até a data da coleta dos dados.

Além disso, melhores possibilidades de lazer, como viagens e participações em eventos culturais também não são possíveis para este grupo.

Podem ser enquadrados no grupo 2 os motoristas, pintores, eletricitas auxiliares de serviços gerais, mecânicos, etc.

O quadro a seguir ilustra os informantes inseridos neste grupo e suas respectivas profissões:

**QUADRO 2**  
**Informantes do grupo 2**

<b>Informante</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Profissão</b>
MR	Ensino fundamental incompleto	Dona de casa (vive dos aluguéis de seis barracões deixados pelo pai).
HL	Ensino médio incompleto	Estudante, mora com a tia a avó e um primo. A tia, professora e costureira, ajuda a sustentá-los.
AT	Ensino fundamental incompleto	Eletricista.
WD	Ensino médio completo	Vigilante.
JD	Ensino fundamental completo	Operador de máquina de xérox.
TN	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é enfermeira e a irmã casou-se e mora em Portugal).
BB	Ensino médio incompleto	Estudante (o pai possui uma loja de molduras e a mãe trabalha num bufê).
SV	Ensino médio completo	Secretária.

No grupo 3 foram incluídos os moradores de favelas ou aglomerados, indivíduos que vivem em condições precárias, com baixíssimo padrão de vida. Muitas vezes não contam com salário definido, não têm condições mínimas de moradia nem acesso ao saneamento básico.

Neste grupo inserem-se os biscateiros, as domésticas, as diaristas, as lavadeiras, os pedreiros, os catadores urbanos, os vigias, etc. Até a época da coleta de dados, nenhum informante desse grupo havia concluído o Ensino Médio.

O quadro a seguir ilustra os informantes inseridos neste grupo e suas respectivas profissões:

**QUADRO 3**  
**Informantes do grupo 3**

<b>Informante</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Profissão</b>
AG	Ensino fundamental incompleto	Doméstica.
JK	Ensino fundamental completo	Vigilante.
AL	Ensino fundamental incompleto	Vigilante.
JC	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é doméstica).
NM	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é dona de casa e o pai trabalha na construção civil).
FT	Ensino fundamental incompleto	Estudante (a mãe é doméstica).
NY	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é doméstica).

O quadro 4, a seguir, ilustra a divisão dos grupos sociais pelo acesso a alguns bens de consumo e suas respectivas faixas salariais:

É importante considerar que a condição social do informante deve ser analisada isoladamente, uma vez que é possível verificar pessoas de mesma profissão pertencendo a classes diferentes. Isso é facilmente explicado pelos estilos de vida diferenciados. Sendo assim, é possível que uma profissão possa pertencer à classe operária e à classe média, ou também pode-se verificar a mesma profissão na classe baixa e na classe operária. É o caso dos vigilantes, que transitam entre o grupo 2 e o grupo 3 e das donas de casa, que estão entre o grupo 1 e o grupo 2 e, por fim, dos estudantes, que estão distribuídos nos três grupos considerados.

**QUADRO 4**  
**Bens de Consumo e faixa salarial**

Categorias de consumo	Renda (em salários mínimos)		
	Até 2,0	De 2,0 a 5,0	De 5,0 a 10,0
<b>BENS DE CONSUMO</b>	<b>GRUPO 3</b>	<b>GRUPO 2</b>	<b>GRUPO 1</b>
<b>Local da habitação</b>			
Aglomerados, vilas e favelas	sim	não	não
Bairros periféricos	não	sim	não
Bairros tradicionais	não	não	sim
<b>Habitação</b>			
Casa própria	não	pouco	sim
Aluguel	sim	sim	não
<b>Bens duráveis</b>			
Eletrodomésticos	sim	sim	sim
Computador	não	pouco	sim
<b>Saúde e Cuidados Pessoais</b>			
Serviços de saúde	pouco	sim	sim
Produtos médico-odontológicos	pouco	sim	sim
<b>Educação, Leitura e Recreação</b>			
Educação	pouco	sim	sim
Leitura	não	sim	sim
Recreação	não	sim	sim
<b>Transportes</b>			
Transporte público	sim	sim	sim
Transporte próprio	não	sim	sim
<b>Viagens</b>			
A trabalho	não	não	sim
De férias	não	pouco	sim

No entanto, observa-se que o grupo 2, como classe intermediária que é, serve de ponte nessa transição, fazendo com que não haja saltos sociais da classe média para a baixa e vice-versa, como mostra a tabela a seguir:

**TABELA 2**  
**Profissões dos informantes por classes sociais**

Profissão	Número de pessoas por classe		
	Grupo 3	Grupo 2	Grupo 1
Estudante	4	1	2
Diarista	1	-	-
Vigilante	2	1	-
Eletricista	-	1	-
Dona de casa	-	1	2
Técnicos	-	-	2
Bibliotecária	-	-	1
Aposentada	-	-	1
Professores	-	-	2
Tatuador	-	-	1
Operador de máquinas	-	1	-
Comerciantes	-	-	3
<b>Total parcial</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>14</b>
<b>Total</b>	<b>26</b>		

Como mencionado anteriormente, um fator importante que contribuiu na distribuição dos informantes por classes sociais foi o grau de escolaridade. Para este trabalho foram considerados os seguintes níveis de escolaridade: Ensino fundamental, Ensino médio e Ensino superior.

A LDB (Lei de Diretrizes e Base), no ano de 1996, reformulou os antigos Ensinos de Primeiro e Segundo Grau no Brasil. A partir da nova reformulação, o Ensino de Primeiro Grau, que consistia do curso primário (com quatro a cinco anos de duração), e do curso ginásial, com quatro anos de duração, passou a Ensino fundamental.

O Ensino Fundamental inicia a etapa da educação básica no Brasil, envolvendo crianças e adolescentes entre os 9 e os 14 anos, e com duração de nove anos. É subdividido em dois níveis: o primeiro nível, a classe de alfabetização, que vai da primeira à quinta série e o segundo nível, da sexta à nona série.

O Ensino Médio, até 1967, dividia-se em três cursos e compreendia o Curso Científico, o Curso Normal e o Curso Clássico. Em 1968 resolveu-se mudar e chamar de curso Colegial, também dividido, sendo que os três primeiros anos eram iguais para todos e posteriormente quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico, tinha de fazer mais um ano. À partir de 1996 o Ensino de segundo Grau recebeu a atual denominação.

A Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece sua regulamentação específica e uma composição curricular mínima obrigatória para o ensino médio. Pode ainda ser

realizado em paralelo com a educação profissional de nível técnico. Historicamente, no Brasil, chamou-se de ensino secundário o que hoje corresponde à segunda metade do ensino fundamental (a partir da quinta série, 11 anos) e ensino médio.

O Ensino Superior ou a Graduação foi inspirado nos sistemas de educação superior franceses e se refere ao primeiro título universitário recebido por um indivíduo. Em geral, o termo graduação está cotidianamente associado também à idéia de formação profissional de nível superior, embora ele não se restrinja a isto.

Os cursos de graduação no Brasil estão tradicionalmente ligados às grandes áreas do conhecimento como Física, Química, Letras, Economia, ou a campos das artes, como Artes plásticas, Artes cênicas ou a formações profissionais de perfil generalista, como as tradicionais Medicina, Direito, e as Engenharias, além de outras como a Administração de empresas, o Jornalismo, etc.

A tabela a seguir mostra como estão divididos os informantes por graus de escolaridade e por suas profissões:

**TABELA 3**  
**Escolaridade dos informantes por profissões**

Profissões	Escolaridade					
	Fundamental completo	Fundamental incompleto	Médio completo	Médio incompleto	Superior completo	Superior incompleto
Estudante	-	1	-	6	-	1
Diarista	-	1	-	-	-	-
Vigilante	1	1	1	-	-	-
Eletricista	-	1	-	-	-	-
Dona de casa	-	2	1	-	-	-
Técnicos	-	-	1	-	-	1
Bibliotecária	-	-	-	-	1	-
Aposentada	-	-	1	-	-	-
Professores	-	-	-	-	-	1
Tatuador	-	-	1	-	-	-
Operador de máquinas	1	-	-	-	-	-
Comerciantes	1	-	2	-	-	-
<b>Total parcial</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Total</b>	<b>26</b>					

Pelos dados da tabela 3 (Escolaridade dos informantes por profissões) é possível depreender que ainda é pouco significativo o número de pessoas que chegam ao Ensino Superior em Belo Horizonte. Concomitantemente, a tabela 2 (Profissões dos informantes por classes sociais) ilustra que o maior número de estudantes da amostra pesquisada está no grupo 3. Confirma-se então que, no Brasil, os investimentos do atual governo estão realmente voltados para as classes mais desprovidas.

É o que mostra resumidamente a tabela 4 (Escolaridade dos informantes do grupo 3). Dos sete informantes do grupo 3, quatro têm 17 anos de idade e desses, três estavam em fase de conclusão do Ensino Médio. Apenas um informante nessa faixa etária estava ainda cursando o Ensino Fundamental. Os outros informantes têm entre 25 e 29 anos de idade e abandonaram os estudos ainda no Ensino Fundamental, sem concluí-lo.

**TABELA 4**  
**Escolaridade dos informantes do grupo 3**

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Classe social</b>
AG	F	29	F Incompleto	Diarista / faxineira / doméstica	Baixa
JK	M	26	F Completo	Vigilante	Baixa
AL	M	25	F Incompleto	Vigilante	Baixa
JC	M	17	M Incompleto	Estudante	Baixa
NM	M	17	M Incompleto	Estudante	Baixa
FT	F	17	F Incompleto	Estudante	Baixa
NY	M	17	M Incompleto	Estudante	Baixa

A partir do levantamento desse quadro social concluí que, após 110 anos de sua inauguração, Belo Horizonte ocupa hoje um lugar de destaque no quadro das grandes cidades do Brasil e do mundo. Dos estudos de Nicolau, em 1984, até os dias de hoje, passaram-se 24 anos. Portanto, o quadro da população sofreu grandes alterações. Hoje a maior parte da população de BH nasceu na capital.

Quanto aos estilos de vida, esses grupos apresentam-se com bastante distinção, tanto é que indivíduos de mesma profissão podem oscilar entre uma ou outra classe social. Isso foi observado com os vigilantes, as donas de casa e os estudantes.

Os dois vigilantes, incluídos no grupo 3, são moradores de favelas, apesar de um ter concluído o Ensino Médio e o outro ter interrompido o Ensino Fundamental. O outro vigilante, do grupo 2, concluiu o Ensino Médio e já tentou se ingressar no Ensino Superior duas vezes, não passando no vestibular.

Das três donas de casa, duas não concluíram o Ensino Fundamental e duas são do grupo 1. Das donas de casa pertencentes ao grupo 1, uma delas foi casada com um dono de papelaria e seus filhos já são formados, sendo um médico. A outra dona-de-casa aposentou-se como secretária do Departamento de Informação da Secretaria da Cultura e casou-se com quem, futuramente, tornou-se dono de um famoso frigorífico.

Em relação às donas de casa pertencentes ao grupo 2, uma casou-se com um pedreiro e hoje, depois de separada, vive com a renda de barracões deixados pelo pai como herança. A outra, secretária, cursou o Ensino Médio, é casada e mãe de duas filhas.

Observar o fator escolaridade pode ajudar a estabelecer a classe social do indivíduo, principalmente se observarmos o grupo 1, pois fazem parte desse grupo pessoas que chegaram ao Ensino Superior.

Como hoje, no país, existe um grande contingente de políticas públicas voltadas para as populações de grupo 3, percebe-se na amostra de informantes que há um aumento do número de estudantes da classe baixa em fase de conclusão do Ensino médio, em idade especificada pela LDB.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 A coleta dos dados

A coleta de dados para este trabalho iniciou-se no ano de 2005, com o grupo que participava da pesquisa denominada *Descrição Sócio-histórica do Português de Belo Horizonte*, coordenada pelo professor Marco Antônio de Oliveira, da qual participei na Iniciação Científica como bolsista pelo Probic.

Na época, esse grupo era composto por quatro alunas, sendo duas bolsistas e duas voluntárias. Cada uma se encarregou de fazer gravações em bairros específicos de Belo Horizonte para, posteriormente, trocarmos e utilizarmos as gravações em abordagens distintas na pesquisa.

Para o fenômeno da concordância verbal foi utilizada parte desse corpus constituído em 2005, além de mais 11 gravações - ou entrevistas - feitas entre 2006 e 2007, totalizando 26 informantes, 863 dados em 17 horas e 10 minutos de gravação, dando uma média de aproximadamente 40 minutos de gravação por informante, conforme o quadro de informantes (Anexo A).

Algumas das entrevistas foram realizadas com pessoas com as quais tínhamos algum contato, mas não foram realizadas com parentes diretos, como pais ou irmãos. Não foi adotado um critério rigoroso na condução das gravações, apesar do que, por precaução, poder-se-ia seguir um roteiro que orientasse a conversa.

De acordo com Silva<sup>7</sup>, a entrevista é o método mais habitual nos procedimentos sociolinguísticos por ser mais vantajosa para a maioria dos fenômenos linguísticos. Apesar das diversas circunstâncias que circundam uma entrevista, esta deve se constituir de uma conversa e o mais informal possível, uma vez que o entrevistador busca a fala informal, casual do informante, ou seja, a fala mais próxima possível do vernáculo.

---

<sup>7</sup> SILVA, G. M. O e. Coleta de Dados. In: BRAGA, M. L. & MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 125.

No entanto, Labov (1972:209-210) fala do paradoxo do observador, que se trata da busca pela fala mais natural ou próxima do vernáculo possível<sup>8</sup>. Na realidade, o entrevistador deseja observar a fala do informante quando ele não está sendo observado.

Entretanto, no momento da entrevista, o pesquisador pode se utilizar de meios que a tornem menos formal, fazendo aflorar a fala vernácula a partir do momento em que aborda assuntos de forte carga emocional para o informante, o que permite o desvio de sua atenção da entrevista para o assunto abordado.

Seguindo esses pressupostos, muitas gravações acabaram tornando-se conversas informais entre o entrevistador e o entrevistado, principalmente quando o assunto parecia ser de maior interesse do informante.

Como o fenômeno estudado é o da concordância verbal de terceira pessoa do plural, as últimas 11 gravações foram conduzidas de forma a direcionar as conversas para assuntos que abordassem temas diversos, porém buscando fazer com que os informantes tratassem mais de aspectos do coletivo, evitando que focalizassem em assuntos e fatos individuais, o que os faria utilizar freqüentemente a primeira pessoa.

A seleção dos informantes foi feita em etapas. Sendo assim, as primeiras 15 entrevistas foram feitas no ano de 2005, para composição do *corpus* que constitui a pesquisa denominada *Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte*, também desenvolvida na PUC. Os outros 11 informantes selecionados posteriormente, para esta pesquisa, foram escolhidos de forma a preencher as lacunas referentes aos quesitos pré-estabelecidos, como as variáveis não-estruturais. Desse modo, para a seleção do restante dos informantes observou-se os espaços a serem preenchidos nas variáveis idade, sexo, classe social e escolaridade.

Sendo assim, os informantes selecionados distribuem-se por essas variáveis da seguinte maneira:

- a) Sexo:
  - masculino: 14 informantes
  - feminino: 12 informantes

---

<sup>8</sup> Labov (1972:208) afirma que o vernáculo é o estilo de fala que mais possibilita dados sistemáticos para a análise lingüística, pois nesse estilo o falante presta menos atenção à fala. Além disso, é o modo de falar adquirido na adolescência, caracterizado por ser livre de irregularidades fonológicas, hipercorreções ou padrões gramaticais, como ocorre em outros estilos.

- b) Idade:
  - jovens (16 a 24 anos): 10 informantes
  - adultos (25 a 39 anos): 7 informantes
  - meia-idade (40 a 60 anos): 5 informantes
  - idosos (acima de 60 anos): 4 informantes
  
- c) Classe social:
  - grupo 1: 11 informantes
  - grupo 2: 8 informantes
  - grupo 3: 7 informantes
  
- d) Escolaridade:
  - Ensino fundamental: 9 informantes
  - Ensino médio: 14 informantes
  - Ensino superior: 3 informante

Após a gravação das entrevistas dos 11 informantes restantes, foram feitas as respectivas transcrições e deu-se início à etapa de levantamento dos dados.

### **3.2 Levantamento e tratamento dos dados**

Para o levantamento dos dados transcrevi todas as entrevistas, porém, a maior parte sem levar em conta as diferentes terminações das formas verbais utilizadas. Após as transcrições fiz o fichamento das terminações verbais de terceira pessoa do plural, inclusive as de sujeito indeterminado, como em “Já mexeram no carro do meu pai”<sup>9</sup>, sendo que para sua identificação observei o contexto e, quando dessa forma não era possível, considerava-se o sujeito como sendo pronominal (eles/elas).

Excluí algumas formas da análise por apresentarem alguma possibilidade de dúvida no que diz respeito aos seus aspectos de concordância. Desse modo, não foram consideradas as seguintes formas:

---

<sup>9</sup> Exemplos extraídos do *corpus*.

- a) Compostas por sujeito constituído de substantivo coletivo:
- (1) *Aí a gente tivemos que mudar pra cá...* (NM).
  - (2) *A maior parte são católicos.* (WT)
- b) Compostos pelo verbo ser, como em:
- (3) *Era dois vocalistas.* (JD)
  - (4) *São três andares.* (MT)
- c) Compostos por formas homófonas no singular e no plural:
- (5) *Eu tenho amigos que têm aviões.* (JP)
- d) Compostos pelo verbo ter quando impessoal, no lugar de existir ou haver:
- (6) *Só mulheres de fralda na cama tinha 60...* (MT).
- e) Compostos com infinitivo problemático, como em:
- (7) *Então tem certas pessoas que faz qualquer coisa pra ter a química.* (AX)
  - (8) *...porque tem umas que fazem e joga lá pro pai e pra mãe criar.* (ZL)

A etapa seguinte foi a de audição e conferência dessas terminações, alterando-as nas entrevistas quando necessário. Finalizando essa etapa, a próxima foi a de codificação dos dados para que fossem codificados e inseridos no GOLDVARB, conforme mostrado no capítulo 5.

O GOLDVARB é um programa estatístico que estabelece, matematicamente, quais são os fatores estruturais e não-estruturais que contribuem para a aplicação ou para a inibição de uma regra que represente um determinado processo lingüístico.

Para a análise dos dados considerei dois tipos de análise: uma quantitativa e outra qualitativa.

### 3.3 Análise dos dados

#### 3.3.1 Análise quantitativa

Para se avaliar a variação lingüística, devem ser considerados os resultados de aplicação de uma regra lingüística variável, que vem associada a ambientes contextuais favorecedores ou inibidores dessa aplicação.

O cálculo do cruzamento desses efeitos contextuais é fornecido pelo GOLDVARB, através dos TOKENS que são criados para cada dado. A esses dados é atribuída uma determinada codificação, que leva em consideração a regra lingüística variável, ou variável dependente, que é aquela que retrata o fenômeno estudado, neste caso a ausência/presença da concordância e que foi codificada da seguinte maneira: [ $\emptyset$  – ausência] e [1 – presença].

Além da variável dependente, as variáveis independentes também precisam ser codificadas. Isso é feito através da criação de grupos de fatores que representam os contextos possíveis e/ou selecionados para análise da aplicação ou da não-aplicação da regra estudada.

Os arquivos organizados em TOKENS permitem, se preciso for, novas categorizações dos fatores, que podem ser utilizadas em novas análises que objetivam testar, combinar ou eliminar fatores ou grupos de fatores.

Para cada categorização é calculado o valor do Chi-Quadrado ( $X^2$ ). O coeficiente Chi-quadrado é um valor da dispersão para duas variáveis de escala nominal, usado em alguns testes estatísticos. Através dele é possível saber em que medida os valores observados se desviam do valor esperado, caso as duas variáveis não estivessem correlacionadas. Quanto maior o chi-quadrado, mais significativa é a relação entre a variável dependente e a variável independente.

A tabela a seguir mostra os valores dos Chi-Quadrados que foram utilizados, sendo que  $\underline{x}$  representa os graus de liberdade e  $\underline{y}$  representa o nível de significância ou graus de certeza obtidos:

**TABELA 5**  
**Distribuição de Chi-Quadrados**

x \ y	0.995	0.975	0.9	0.5	0.1	0.05	0.025	0.01	0.005	0.001
<b>1</b>	0.000	0.001	0.016	0.455	2.706	3.841	5.024	6.635	7.879	10.827
<b>2</b>	0.010	0.051	0.211	1.386	4.605	5.991	7.378	9.210	10.597	13.815
<b>3</b>	0.072	0.216	0.584	2.366	6.251	7.815	9.348	11.345	12.838	16.266
<b>4</b>	0.207	0.484	1.064	3.357	7.779	9.488	11.143	13.277	14.860	18.466
<b>5</b>	0.412	0.831	1.610	4.351	9.236	11.070	12.832	15.086	16.750	20.515
<b>6</b>	0.676	1.237	2.204	5.348	10.645	12.592	14.449	16.812	18.548	22.457
<b>7</b>	0.989	1.690	2.833	6.346	12.017	14.067	16.013	18.475	20.278	24.321
<b>8</b>	1.344	2.180	3.490	7.344	13.362	15.507	17.535	20.090	21.955	26.124
<b>9</b>	1.735	2.700	4.168	8.343	14.684	16.919	19.023	21.666	23.589	27.877
<b>10</b>	2.156	3.247	4.865	9.342	15.987	18.307	20.483	23.209	25.188	29.588

Fonte: (mpt – 164 / 2003).<sup>10</sup>

Quanto maior o número de casos (n) ou o número de linhas ou colunas da tabela de contingência, maior será o Chi-quadrado.

Finalmente, observar os resultados dos cálculos para combinar ou eliminar fatores ou grupos de fatores, além de minimizá-los, maximiza os ajustes entre o modelo probabilístico e os dados observados.

### 3.3.2 Análise qualitativa

A pesquisa de caráter social é fortemente marcada por métodos quantitativos que descrevem e explicam os fenômenos. Entretanto, hoje, pode-se contar com métodos qualitativos, surgidos há 30 anos em áreas como a Antropologia e a Sociologia e que foram ganhando espaço na Psicologia, na Administração, na Educação, assim como na Sociolinguística.

Embora a pesquisa quantitativa procure lidar com a precisão numérica, planos previamente estabelecidos, variáveis que são o objeto de definição operacional, a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir seus eventos e, geralmente não se utiliza de instrumentais estatísticos. Sobre a análise qualitativa, Neves afirma que:

<sup>10</sup> Disciplina de métodos quantitativos em medicina (mpt – 164 / 2003). **Distribuição Chi-Quadrado**. Baseado em Rohlf, FJ & Sokal, RR. Statistical Tables, 2nd ed., USA, 1981. Disponível em: <http://www.dim.fm.usp.br/info/tabchi2/tabchi2.php>. Acesso em 05 de janeiro de 2008.

Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contatos diretos e iterativos do pesquisador com a situação do objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas é comum que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo as perspectivas dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p.1).

O autor, citando Maanen (1979) comenta que não atravessamos uma rua quando avistamos um caminhão se aproximando, embora não saibamos exatamente qual é o seu peso, sua velocidade, de onde ele estaria vindo. Portanto, alguns problemas podem ser resolvidos sem a quantificação exata de seus agentes.

Proveniente da Antropologia, a *etnografia* é um dos métodos qualitativos mais importantes utilizados. Nesse método, o pesquisador envolve-se com a comunidade pesquisada, nela fixando-se e passando a fazer parte de suas atividades, aproveitando este momento para colocar em prática suas técnicas de observação.

A pesquisa etnográfica é, portanto, muito importante para a pesquisa sociolinguística, uma vez que a coleta dos dados é mais eficiente quando o pesquisador conhece bem a região a ser pesquisada e lida com elementos não mensuráveis, como os fatores não-estruturais ou as classes sociais, além das redes de relacionamento dos informantes - *networks* - que podem ter maior ou menor densidade.

### **3.4 A interpretação dos valores obtidos**

Nesta pesquisa serão analisadas a presença e a ausência de concordância entre verbo e o sintagma nominal sujeito de terceira pessoa do plural. As probabilidades, ou peso relativo (PR), são fornecidos pelo GOLDVARB, como será mostrado no capítulo 6 deste trabalho, devendo ser interpretados da seguinte forma: o PR é atribuído a fatores que apresentarem probabilidade superior a .50 favorecerão a ausência de concordância verbal no português de Belo Horizonte. Fatores que apresentam PR inferior a .50 não serão favoráveis à concordância verbal. Serão considerados neutros os fatores ou os grupos de fatores que se aproximarem de .50.

### 3.5 O quadro teórico

Esta pesquisa foi desenvolvida à luz da Teoria da Variação Lingüística Laboviana ou da também denominada Sociolingüística Quantitativa. De acordo com Ferreira & Cardoso:

Sociolingüística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística. (CARDOSO & FERREIRA, 1994, p.19).

A teoria da variação busca determinar quais são “as pressões lingüísticas e extralingüísticas que se correlacionam às variantes de uma dada variável lingüística”. (GONÇALVES, 2007, p.52).

Foi através da sociolingüística que o estudo da língua passou a considerar o contexto social da comunidade estudada e, além disso, o fato de que as línguas são sistemas em mutação contínua.

A Sociolingüística baseia-se em dados coletados das práticas orais cotidianas, de preferência de falas espontâneas, de modo que se possa observar os padrões de comportamento lingüístico dentro da comunidade de fala. Para se trabalhar com esses dados é necessário criar um sistema formado por unidades e regras variáveis, que ora se aplicam ora não se aplicam, e que estão condicionadas a fatores lingüísticos e extralingüísticos - ou sociais.

As variáveis podem ser dependentes ou independentes, sendo que a “Concordância Verbal no Português Brasileiro constitui uma regra variável ou uma variável lingüística que comporta duas variantes: a presença ou a ausência de concordância”. (GONÇALVES, 2007, p.52). Portanto, através de exemplos extraídos do *corpus*, os dados podem se apresentar da seguinte forma:

1. *Eles arruma briga, né?* (NY)
2. *As duas mais velhas faziam de tudo...* (AB).

A respeito dos dados, a Gramática Gerativa considera toda construção aceitável como sendo uma construção gramatical e assume que, mesmo orações inaceitáveis podem ser gramaticais, caso a sua inaceitabilidade decorra de fatores externos ao conjunto de regras

internalizadas, como questões ligadas ao modo como a mente processa as informações (Scherre, 1988). Também leva em conta a possibilidade de ocorrência de determinada estrutura e não quantas vezes ela ocorre, diferentemente do que leva em conta a sociolinguística, que se interessa pela frequência de aplicação de uma determinada regra.

Desse modo, em sua *Reanálise da Concordância Nominal em Português*, Scherre (1988) lança dois questionamentos acerca de quando uma postura teórica considera irrelevantes aspectos que, para a outra, são fundamentais e vice-versa. Ela pergunta se uma teoria pode ser vista como extensão da outra ou se elas apresentam divisões epistemológicas realmente distintas. Imediatamente, responde que não há razão para que uma teoria se sobreponha à outra, uma vez que a Gramática Gerativa está focada nos processos mentais, atribuindo à língua a função cognitiva. Por outro lado, a Teoria da Variação está voltada para os possíveis indicadores da estrutura social e para as relações sociais da comunidade de fala, ou seja, para uma função comunicativa.

Baseando-se em Labov, Gonçalves (2007:52) afirma caber ao pesquisador analisar quais fatores são relevantes para o condicionamento da aplicação da regra variável. Além disso, cabe-lhe também detectar a importância desses fatores para a comunidade que compartilha traços linguísticos que diferenciam seu grupo de outros, comunica relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilha um conjunto de normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Ainda citando os estudos de Labov (1972), em centros metropolitanos, Gonçalves afirma que:

embora os estudos tradicionais de dialetos regionais postulem que o isolamento leva à diversidade linguística enquanto a mistura de populações leva à uniformidade, em seus estudos (...), ao invés de uma diferenciação horizontal (geográfica), ele percebeu uma diferenciação vertical (social) que não pressupõe isolamento do estrato linguístico considerado, ou seja, grupos que mantêm relações estreitas podem participar de rápidas mudanças linguísticas que levam a um grau ainda maior de diversidade. (GONÇALVES, 2007, P.52-53)

Foram Weinreich, Labov e Herzog, no texto denominado *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, de 1968, os primeiros a contraporem a visão pioneira de Ferdinand de Saussure, do início do século XX, da língua como estrutura homogênea. Fernando Tarallo discorre sobre as idéias defendidas por esses três autores, e explicita-as da seguinte forma:

1. (...) as teorias estruturais da linguagem, tão profícuas na investigação sincrônica, obscurecem a lingüística histórica com um conjunto de paradoxos que ainda não foram totalmente vencidos.
2. O neogramático Hermann Paul foi aparentemente “o primeiro a isolar a língua falada pelo indivíduo como objeto mais legítimo para estudos lingüísticos”.
3. “(...) o endurecimento do paradoxo no período saussuriano em que a homogeneidade da linguagem – supostamente encontrada no idioleto – era tomada como base e pré-requisito para a análise lingüística”.
4. O florescimento da descrição e da análise lingüística depois da Segunda Guerra Mundial: a) “a língua da comunidade como sistema diferenciado” e b) tentativas de reconciliar fatos observados de heterogeneidade lingüística às propostas teóricas em busca de ordem e estrutura”.
5. (...) um modelo de linguagem que acomode os fatos do uso variável e de seus denominadores sociais e estilísticos não somente leva a descrições mais adequadas da competência lingüística, como também naturalmente propicia uma teoria de mudança lingüística que vencerá os paradoxos com que a lingüística histórica tem se debatido há mais de cinquenta anos”. Ou seja, a solução para os impasses da lingüística histórica é “romper com a identificação entre estrutura e homogeneidade”, acreditando-se que o “domínio de estruturas homogêneas não é uma questão de multidialetalismo ou mesmo de ‘mero’ desempenho, mas sim parte essencial da competência lingüística unilíngüe. (TARALLO, 1990, p.56-57).

Labov (1972), também põe em discussão as colocações saussurianas sobre a língua ser uma estrutura invariante e heterogênea. Sobre essas idéias, Scherre observa que o autor “dissocia a estrutura de homogeneidade e introduz a noção de variação inerente a um sistema lingüístico, uma vez que ela existe não só na comunidade de fala, mas até na gramática de um único indivíduo”. (SCHERRE, 1978, p.8).

Tentando resumir as tendências lingüísticas ocidentais, Scherre cita Nichols e Woodbury (1985), que afirmam que a linha mestra da lingüística ocidental na atualidade divide-se em duas: uma abordagem funcional e outra formal, de modo que a Teoria da Variação pode ser denominada como funcionalista, uma vez que está interessada primordialmente em descrever e explicar os dados lingüísticos reais. Assim,

o que é menos freqüentemente reconhecido é que existe um e outro modo, fundamentalmente diferente (embora logicamente complementar) da lingüística teórica. Seu objetivo científico é descrever, não constructos teóricos e analíticos, mas os próprios fenômenos lingüísticos. (NICHOLS & WOODBURY, 1985, p.2).

Sgarbi (2006) afirma que muitos conceitos divergentes envolvem o Funcionalismo, mas há um consenso entre os funcionalistas ao dizerem que a autora estuda o modo como os usuários de uma língua natural comunicam-se de forma eficiente, o que dá relevância ao estudo do discurso como expressão lingüística na comunicação. Corroborando essa idéia, pode-se citar o que disse Nichols sobre o assunto:

O funcionalismo lingüístico combina certos avanços teóricos da gramática formal com as preocupações e avanços teóricos da sociolingüística e da etnografia da comunicação. (NICHOLS, 1984, p. 87).

Sendo a Sociolingüística historicamente posterior ao Funcionalismo de Praga, aproximou-se do mesmo ao dar destaque à importância da fala e do contexto extralingüístico, ou seja, a Sociolingüística aproximou-se da Teoria Funcionalista na medida em que ambas têm como foco de estudo o uso da língua, sendo, portanto, teorias que se baseiam em dados reais e não abstratos. (SGARBI, 2006). Além disso, a autora ainda esclarece que a Sociolingüística delimita um novo objeto de análise lingüística: a comunidade de fala em substituição à língua, objeto de análise estruturalista.

## 4 A REGRA DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS

### 4.1 Apresentação do problema

De acordo com Espínola & Hora (2004), o fenômeno da concordância verbal é um dos campos mais abertos e intrigantes da pesquisa sociolinguística, uma vez que é um dos pontos mais polêmicos da Gramática Tradicional, tendo em vista que as normas estabelecidas nem sempre correspondem ao seu uso pelo falante.

O fenômeno da concordância na língua portuguesa já foi constatado por lingüistas em textos do período clássico, século XIV, como em o *Orto do Esposo*, conforme o trecho extraído de Saraiva & Bittencourt (1990:91) “Em um monte há ãs árvores de maravilhosa altura, e o fruto dela som de mui bom odor”.

Também Silveira afirma que, em estudos do português arcaico, a ausência de concordância entre sujeito e predicado ocorria com freqüência.

A língua moderna, sobretudo na sua modalidade popular, revela vestígios dessa antiga arbitrariedade, principalmente quando o sujeito de plural vem depois do predicado tendem estes a ficar no singular como se, empregando primeiro o predicado, a pessoa que fala o deixasse no singular por ainda não ter pensado em que número vai dizer o respectivo sujeito. (SILVEIRA, 1964, p. 218).

A definição de concordância é dada por autores diversos, de forma mais abrangente ou mais simplificada. De forma mais simplificada, Cunha fala da concordância verbal como relação entre o verbo e o sujeito:

A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito. (CUNHA, 1976, p.339).

Sobre o fenômeno, Said Ali afirma que

consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa a respeito do outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar com estoutro termo. (SAID ALI, 1964, p.279).

Prosseguindo e justificando sua fala, o autor faz a seguinte afirmação:

A concordância não é, como parecerá à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir, num termo determinante, ou informativo, o gênero, número ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes de tudo uma redundância. (SAID ALI, 1964, p.279).

Pensando na concordância como um fenômeno obrigatório, pode-se mencionar a idéia de “obligatoriedade” presente na concordância verbal de Bybee (1985). A autora propôs o princípio da relevância, que:

é de natureza semântica, segundo o qual “um elemento é relevante a outro elemento significativo se o conteúdo semântico do primeiro afeta diretamente ou modifica o conteúdo semântico do segundo”. (BYBEE, 1985, p. 13).

Além do princípio da relevância, Sgarbi (2006:71) destaca que a ocorrência da falta de marcas de plural também se dá por causa do princípio da economia lingüística, uma vez que se realiza a flexão em apenas um dos elementos e, no caso da marca do plural, por exemplo, isto já seria suficiente para o falante não ter a necessidade de repeti-la.

Tratando a concordância como um fenômeno que tem a ver com a morfologia verbal, Nascentes (1953) afirma que a ausência de concordância entre o verbo e o seu sujeito deve-se às mutilações sofridas pelas desinências verbais na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de modo que formas terminadas em - *aram* passaram a - *aru*, como *amaru, deveru*.

Considerando a concordância uma conseqüência do flexionismo, isto é, da faculdade que certas línguas possuem de indicarem, por meio de determinadas alterações na terminação, os acidentes ou categorias gramaticais de gênero, número, pessoa, voz, etc., Melo (1957) a define como o ajustamento de desinências entre os termos subordinados e os termos subordinantes. Para esse autor, tanto para o verbo como para o adjetivo se podem encontrar três tipos de concordância: a gramatical, a ideológica e a de posição ou por atração.

De acordo com Bechara, a concordância verbal é explicada da seguinte forma:

pode ser estabelecida de vocábulo para *vocábulo* ou de *vocábulo* para *sentido*. A concordância de *vocábulo* para *vocábulo* será total ou parcial (também chamada atrativa). (...) A concordância de *vocábulo* para *sentido* se diz ainda concordância “ad sensum” ou silepse. (BECHARA, 1986, p.295-296).

Em sua gramática o autor utiliza-se de dois exemplos:

1. Repeli-a, porque se me *oferciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia;
2. A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso.

O exemplo (1) ilustra a concordância de vocábulo para vocábulo. Nesse exemplo, *afirmam* concorda, em sua totalidade, com o sujeito composto *vida e honra*.

O exemplo (2) ilustra a concordância de vocábulo para sentido. Nesse caso, *plebe* é um coletivo, daí a possibilidade de permanência de *vociferava* no singular e do plural de *chegassem*.

Sobre a concordância de vocábulo para sentido, Almeida (1973) utiliza-se de várias denominações sendo elas: silepse, concordância irregular ou figurada, semiótica, lógica, latente, anormal, mental. Esses nomes, segundo o autor, referem-se a uma operação de concordância não com a letra, mas com o espírito, com a idéia da frase.

Sobre a concordância ideológica, Lima (1992) comenta que por ser um campo muito vasto, freqüentemente entram em conflito a rigidez da lógica gramatical com razões de ordem psicológica ou estética, sendo que estas, muitas vezes, se sobrepõem à disciplina gramatical.

Assim, quando genericamente se diz que um termo deve concordar com outro, pensa-se na forma gramatical deste termo de referência. Com isso, quando se diz “uma dúzia de ovos” ou “o enxame voou para longe”, embora dúzia e enxame expressem pluralidade ou multidão de seres, são nomes no singular por sua forma.

Lima segue afirmando que, apesar dos critérios formais, algumas condições seguem apenas as idéias representadas pelas palavras, ocorrendo concordância, portanto, com aquilo que se tem em mente. Então, o autor usa quatro exemplos de Heitor Pinto, João de Barros, Francisco de Moraes e frei Antônio das Chagas, respectivamente:

3. A formosura de Páris e Helena *foram* causa da destruição de Tróia.
4. Os povos destas ilhas *é* de cor baça e cabelo corredio.
5. *Foi* dom Duardos e Flórida aposentados no aposento que tinha o seu nome.
6. Pouco importa que tenha a casa cheia de pérolas e diamantes, se se não aproveita *delas*.

O autor mostra que os desvios aparentes de concordância nesses casos são explicados por três motivos: a) no que consiste em concordar palavras conforme a idéia e não segundo a letra (exemplos 3 e 4); b) no que considera a concordância variando conforme a posição dos

termos do discurso (exemplo 5) e c) no que traduz o propósito de fazer a concordância com o termo que mais interessa acentuar ou valorizar (exemplo 6).

No Brasil, os estudos sobre a variação na concordância verbal iniciam-se com Lemle & Naro (1977), no Rio de Janeiro. Esses estudos, referentes ao projeto Competências Básicas do Português, basearam-se na fala de 20 cariocas semi-escolarizados que, na época, freqüentavam o curso de alfabetização de adultos.

Nicolau (1984) pesquisou dados de 32 informantes, em Belo Horizonte, constatando 56% de presença de concordância contra 44% de ausência. Esses informantes possuíam variados níveis de escolarização, do primeiro ao terceiro graus, ou seja, do Ensino Fundamental à Universidade.

A autora mostrou que a ausência de concordância está condicionada a fatores estruturais e não-estruturais, podendo ser caracterizada como uma variável estável, cuja freqüência de ocorrência está ligada ao prestígio, e concluiu que a ausência de concordância no português de Belo Horizonte é uma variável que está bem estabelecida como indicador e que não está sofrendo mudança.

Citando Motta (1979), Nicolau (1984) afirma que estudar as regras de concordância em português oferece bastante interesse para a observação da variabilidade lingüística, uma vez que essas regras podem implicar em mudança lingüística. A autora diz ainda que a redução progressiva de uma regra ao longo de gerações pode condicionar à fixação de regras novas para um determinado fenômeno.

Em 1982, os estudos de Assis Veado, referentes ao comportamento lingüístico no dialeto rural, dissertação que leva o mesmo nome, já apontavam para as conclusões de Nicolau: “a CV é uma regra que está passando por um processo de mudança sintática em direção a um sistema de não-concordância”. (ASSIS VEADO, 1982)

No entanto, considerando a concordância verbal a regra responsável pela atribuição de uma flexão ‘X’ em razão de seu(s) respectivo(s) sujeito(s), independentemente da implicação de oposição singular e plural, pode-se dizer que esteja se processando na língua portuguesa uma mudança não para um sistema de não-concordância, mas uma mudança em direção a um sistema de concordância (sistema flexional) mais simplificado e mais abrangente. (ASSIS VEADO, 1982, p.55).

Naro & Scherre (2004) mostram que na concordância de número no português brasileiro as mudanças são quantitativas e não qualitativas, ou seja, as mudanças são de *tokens* e não de *types* – sendo denominadas por ele de mudança sem mudança. Assim, resultados que

vão na direção de maior ou menor concordância podem ocorrer, bastando que se afrouxem ou se apertem as amarras sociais de prestígio.

Em 2006, em tese de doutorado, Varejão constatou 9% de não concordância verbal em dados do português europeu dialetal das décadas de 1980 e 1990, extraídos do Corpus Dialetal com Anotação Sintática. Segundo Naro & Scherre (2007), esse percentual era acima do suposto por eles, mesmo em casos de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização.

Com relação à ausência de concordância verbal, Gonçalves (2007) encontrou um percentual de 66% no Vale do Rio Doce. A autora considera que estudos lingüísticos feitos em pequenas comunidades brasileiras sejam de grande relevância para a Sociolingüística, no que diz respeito à descrição do português brasileiro, além de também contribuírem para o conhecimento e para a caracterização dos brasileiros de origem rural, que vêm sendo estigmatizados ao longo dos anos.

#### **4.2 Ausência de concordância verbal: não-aplicação da regra de concordância ou atuação da regra variável de desnasalização?**

Segundo Nicolau (1984), existem diferentes maneiras de se abordar a questão da concordância verbal de terceira pessoa no português.

A princípio, as gramáticas normativas consideram que a regra de concordância é obrigatória, considerando sua ausência como erro grave, próprio de falantes incultos e sem prestígio social.

Pode-se mencionar, em seguida, Lemle & Naro (1977), que tratam a aplicação da regra de concordância verbal como sendo diretamente proporcional ao grau de saliência fônica, como será mostrado nos capítulos a seguir.

Para Guy (1981), uma regra variável de desnasalização desfaz nos verbos com terminação átona *-am*, como *fala/falam*; *come/comem*; *faz/fazem* a ação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal. Para o autor, quando a terminação átona é atingida pela regra de desnasalização, ela passa a se realizar como [-ũ ~ -u ~ -**1**] nos verbos regulares e como [-u ~ -u] nas formas de pretérito perfeito.

No entanto, questionando a posição de Guy, Nicolau (1984) afirma que se formas como *falam* > *fala* sofrem transformação, então formas como *falaram* deveriam se transformar em *falara*. O mesmo ocorre nas terminações do pretérito perfeito que tem como

marca de pluralidade [-ũ] ou [-u]. Nesse caso, a autora considera como plural as formas como “falaru” mas não considera que formas regulares como “falu”, opondo-se a ele fala > eles falu, sejam plural.

Mencionando Oliveira (1983), a autora mostra que as vogais nasais átonas finais do português arcaico passaram por transformações que se iniciaram pelo processo de desnasalização, passando para a ditongação e por último, o alçamento das vogais médias pré-tônicas, que estão presentes na língua há vários séculos.

Nicolau, assumindo a proposta de Oliveira, ressalta que:

a ausência de concordância verbal, em português, resulta da interação entre um processo morfo-sintático variável e de alguns processos fonológicos também variáveis, só que o primeiro é sincrônico, e os últimos, diacrônicos. (NICOLAU, 1984, p. 75).

Os trabalhos mais recentes sobre a concordância verbal no português do Brasil mostram que esta é uma regra que ora se aplica ora não se aplica, sendo que essa variação depende de vários condicionamentos. (Nicolau, 1984).

De acordo com Naro & Scherre (2004:111), essa mudança na direção da aplicação da regra de concordância de número foi denominada pelos próprios autores de modelo de “fluxos e contrafluxos”, no texto de 1991, denominado *Variação e Mudança Lingüística: fluxos e contrafluxos*.

Nesse texto, os autores mostram, através de um estudo feito na década de 70, que os falantes semi-escolarizados indicavam perdas nas marcas de concordância, mas que análises futuras poderiam mostrar reversão nessa tendência, devido à influência da orientação cultural das pessoas e direção à classe média. Entre esses valores, inclui-se a concordância explícita de terceira pessoa do plural.

Dessa forma, os autores denominam a variação na concordância de número de *mudança sem mudança*, visto que é uma variação que não reflete a mudança clara para todos os falantes nem reflete só uma linha de mudança, uma vez que há aumento de concordância em função de maior tempo de escolarização, em termos do grupo ou individual, e também aumento de concordância entre os mais jovens, com um vislumbre de mudança geracional.

## 5 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

## 5.1 Visão geral das variáveis

Os fenômenos lingüísticos são condicionados por variáveis lingüísticas. No caso desta pesquisa, foi considerada a variável dependente, que é a presença ou a ausência da concordância verbal, além das variáveis independentes, que são os fatores que condicionam este fenômeno. Sendo assim, este capítulo destina-se a explicitar cada um dessas variáveis.

Como variável dependente, considere a presença ou ausência da concordância de terceira pessoa do plural nos verbos. Para isso, apliquei o valor [1] para a presença de concordância e o valor [∅] para sua ausência.

Como variáveis independentes, é preciso que seja observado o caráter dos fatores que influenciam na aplicação ou não da regra de concordância, de modo que esses fatores podem ser lingüísticos ou não-lingüísticos.

A aplicação da regra de concordância verbal no português sensibiliza-se a variáveis estruturais e a variáveis não-estruturais. As variáveis estruturais têm a ver com as estruturas morfológicas e sintagmáticas que cercam o fenômeno, enquanto as variáveis não-estruturais caracterizam o informante e o ambiente em que o dado foi coletado.

Para esta pesquisa as variáveis consideradas como estruturais foram a morfologia da forma verbal do SN sujeito de terceira pessoa do plural, o ambiente fonológico que sucede ao verbo, a posição do SN em relação ao verbo, a composição do SN sujeito e o paralelismo formal. As variáveis não-estruturais consideradas foram o estilo de fala, os distritos geográficos ou regionais em que Belo Horizonte está dividida, o sexo, a idade, a classe social e a escolaridade dos informantes.

A seguir, cada uma dessas variáveis será tratada individualmente.

## 5.2 Variáveis estruturais

### 5.2.1 Morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica

Para análise da morfologia da forma verbal, será levado em consideração o Princípio da Saliência Fônica, “variável de natureza fonológica e morfológica”. (BARDEN, 2005).

Segundo a definição de Lemle e Naro, a saliência fônica:

diz respeito ao tipo de diferença fônica entre a forma singular e plural do verbo, diferença essa que podemos colocar numa escala ordinal, hipotetizando que o grau de saliência fônica da diferença morfológica entre a forma singular e plural esteja diretamente relacionado com a probabilidade da aplicação da regra de concordância. (LEMLE & NARO, 1977, p.20).

Para os autores, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal, nas formas de terceira pessoa do plural é diretamente proporcional ao grau de saliência fônica estabelecido na oposição entre essas formas e a terceira pessoa do plural. Segundo eles, pelo Princípio da Saliência Fônica, a ausência de concordância é mais frequente quando as formas singular/plural são foneticamente menos nítidas.

Pesquisando a saliência fônica na concordância verbal do português de Portugal em trabalhos de autores diversos, como Peixoto (1968), Silva Pereira (1951) e Mira (1954), Naro e Scherre (2006) concluem que a saliência fônica tem seu funcionamento atestado no português arcaico de forma semelhante à observada no português brasileiro contemporâneo.

Citando Peixoto, Naro e Scherre (2006) explicitam inicialmente a perda de nasalidade em ambientes onde se preserva a marca explícita de plural, produzindo formas como *eles comero*, *eles amo*, *eles irio*, *eles punho*, *eles come*, *eles dorme*.

Citando Silva Pereira, os autores mostram que na terceira pessoa do plural dos verbos, -am soa sempre u, como em *fizeru* (*fizeram*), *canto* (*cantam*), etc.

Citando Mira, Naro e Scherre (2006), mostram que as formas verbais de terceira pessoa do plural, terminadas em vogal nasal [ ã̃ ] desnasalizam-se, principalmente nos verbos de terceira conjugação, como em *eles ouve* (*m*), *eles sacode* (*m*).

Corroborando essas idéias, Assis Veado (1982) afirma que:

(...) certas formas verbais tendem mais a permanecer concordando com seus respectivos sujeitos, quando o grau de saliência fônica entre a forma do singular e a equivalente do plural é significativo. (ASSIS VEADO, 1982, p.55).

A tabela 9, a seguir, é uma versão que mostra os verbos de terceira pessoa separados por classes morfológicas, seguindo a hierarquia de oposições proposta por Lemle & Naro. Deve-se notar que, quanto maior o nível, maior a diferença em termos da composição fonêmica. Desse modo, dependendo do nível, a diferenciação morfológica entre pares de verbos, em sua oposição singular x plural, torna-se maior ou menor.

**TABELA 6**  
**Níveis de saliência fônica por Lemle & Naro**

<b>Nível de diferenciação</b>	<b>Verbo</b>	<b>Oposição singular/plural</b>
<b>1</b>	Fala - <u>falam</u>	Acento na raiz; nasalização da vogal átona final.
<b>2</b>	Faz - <u>fazem</u>	Acento na raiz; presença ou ausência de vogal nasal átona final.
<b>3</b>	falou - <u>falaram</u>	Acento na terminação verbal; desinências completamente diferentes.
<b>4</b>	Fez - <u>fizeram</u>	Como a classe 3, mas com alguma irregularidade (no caso, mudança de vogal da raiz).
<b>5</b>	É - <u>são</u>	Monossilábicos; formas completamente diferentes.
<b><sup>11</sup>6</b>	Dá - <u>dão</u>	Monossilábicos; como em 5, mas regulares como em 3.

Fonte: Lemle & Naro (1977).

Em seu estudo sobre o português de Belo Horizonte, Nicolau (1984) verificou que essa variável influencia na maior ou menor incidência da aplicação da regra de concordância. Baseando-se nos trabalhos de Lemle & Naro (1977), Motta (1979), Naro (1981) e Guy (1981), Nicolau estabeleceu sua própria categorização referente aos níveis de saliência fônica.

Nesta pesquisa, utilizei a mesma categorização de Nicolau, sendo ela apresentada na tabela a seguir:

<sup>11</sup> De acordo com Lemle & Naro (1977), o nível 6 não teria nenhum grau de escala.

**TABELA 7**  
**Níveis de saliência fônica por Nicolau**

Nível de saliência fônica	Codificação	Exemplos
1	B	Fala;fal <u>am</u> / falava; falav <u>am</u>
2	C	Come, com <u>em</u> / fale; fale <u>m</u>
3	D	Faz; faz <u>em</u> / fazer; fazer <u>em</u>
4	G	Dá; d <u>ão</u> / está; est <u>ão</u> / falará; falar <u>ão</u>
5	H	Vai; v <u>ão</u>
6	J	Morreu; morrer <u>am</u> / partiu; partir <u>am</u>
7	M	Falou; fal <u>aram</u>
8	T	Soube; souber <u>am</u> / disse; disser <u>am</u>
9	X	Fez;fizer <u>am</u> / pôs; puser <u>am</u> / teve; tiver <u>am</u>
10	Y	Foi; for <u>am</u>
11	W	Quis; quis <u>eram</u>
12	Z	É; s <u>ão</u>

Fonte: Nicolau (1984).

As pesquisas da autora mostraram que o fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural ocorre com mais frequência em verbos regulares, ou seja, com saliência fônica baixa (fala/falam; come/comem, faz/fazem) do que em verbos não-regulares, como os que apresentam formas bem mais diferenciadas, que normalmente apresentam formas do pretérito perfeito do indicativo ou são verbos que apresentam terminação acentuada (é/são; dá/dão; fez/fizeram).

No entanto, o Princípio da Saliência Fônica, proposto por Lemle & Naro (1977) não foi confirmado no estudo de Nicolau. Portanto, não há evidências de relação entre a ausência de concordância verbal e o grau de saliência fônica que difere as formas verbais de singular e de plural.

No trabalho de Barden (2005) sobre a concordância verbal na fala de Porto Alegre, ficaram evidentes as tendências de relevância do aumento da saliência fônica na oposição singular/plural.

Na pesquisa realizada por Gonçalves, em 2007, sobre a ausência de concordância no Vale do Rio Doce, os resultados confirmaram os resultados obtidos por Nicolau. Em sua pesquisa, Gonçalves concluiu que:

- a. Nos verbos regulares é muito freqüente a ausência de concordância;
- b. Nas formas verbais do pretérito perfeito há um aumento da ordem de 25 pontos percentuais, na amostra de Braúnas, para a ausência de concordância (18% em Belo Horizonte; 43% em Braúnas);
- c. Nas formas verbais com terminação acentuada observamos um aumento de 28 pontos percentuais para essa ausência (21% em Belo Horizonte; 49% em Braúnas). (GONÇALVES, 2007, p. 82)

A autora concluiu, finalmente, que a ausência de concordância verbal é um fato do português brasileiro, que ocorre em diferentes tipos de formas verbais e que está presente na fala de comunidades diversificadas.

### 5.2.2 Ambiente fonológico que sucede ao verbo

Baseando-me nas conclusões de Guy (1981) e Nicolau (1984), considerei como ambientes fonológicos seguintes ao verbo a vogal, a consoante e a pausa.

\_\_\_ # # v

\_\_\_ # # c

\_\_\_ # # p

Guy concluiu, através de seus resultados, que entre verbos do tipo (fala, falam; come, comem; faz, fazem, etc.), a concordância é mais freqüente quando a forma verbal aparece seguida de pausa, sendo desfavorecida quando depois do verbo figura uma vogal oral.

Em relação à pesquisa de Nicolau, o ambiente fonológico seguinte ao verbo influenciou da seguinte forma: nos verbos regulares, do tipo (fala, falam; come, comem; faz, fazem, etc.), nos verbos não-regulares, do tipo (dá, dão; vai, vão; falou, falaram, etc.) e nos verbos com terminação não-padrão a ausência de concordância é favorecida pela vogal.

De acordo com a autora, as terminações padrão realizam-se sob a forma de ditongo e as não-padrão realizam-se sob a forma de monotongos, como em “...duas mulheres entraru e...”.<sup>12</sup>

A codificação que adotei, referente ao ambiente fonológico seguinte ao verbo, ficou da seguinte forma:

**QUADRO 5**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo**

Codificação	Ambiente fonológico que sucede ao verbo
c	Consoante
v	Vogal
p	Pausa

### 5.2.3 Posição do SN sujeito em relação ao verbo

O português brasileiro, assim como uma série de outras línguas no mundo, classifica-se como uma língua SVO (sujeito-verbo-objeto) e, por isso, nessa língua, “tudo o que se colocar depois do verbo é intuitivamente analisado pelo falante como objeto e, desse modo, mantido fora da concordância verbal”. (BAGNO, 2006:27).

Para esse autor, já está estabelecida na língua falada pelos brasileiros a regra de não-concordância com o sujeito posposto em todas as classes sociais, níveis de escolarização e, sobretudo, em falas menos monitoradas.

Concordando com Bagno, o trabalho de Gonçalves (2007) indica que a ausência de concordância se mostrou mais freqüente quando o sujeito está posposto ao verbo do que quando o sujeito está imediatamente anteposto. Além disso, a autora também afirma que a distância entre sujeito e verbo é proporcional à ocorrência da concordância. Desse modo, quanto mais elementos estiverem presentes entre o sujeito e o verbo, maior a probabilidade de não ocorrência da concordância. Do contrário, quanto menos elementos intervenientes, maiores as chances de a concordância ocorrer.

<sup>12</sup> Exemplo extraído de Nicolau (1984).

Guy (1981) considerou, em sua pesquisa, dois tipos de sujeito como relevantes: o expresso e o não expresso. No sujeito expresso estão incluídos o precedente e o distante do verbo, o imediatamente anteposto ao verbo e o pós-verbal. No não expresso, ele considerou o sujeito expresso na pergunta do entrevistador, aquele sujeito que aparece em orações anteriores, o sujeito indeterminado, ou seja, que faz referência a objetos não especificados e o sujeito inexistente, isto é, aquele que não ocorre na sentença. Além desses, Guy ainda incluiu o sujeito das orações em que o verbo *ser* concorda com o complemento.

Em se tratando da posição do SN sujeito, Nicolau afirma que:

a ausência de concordância verbal é determinada muito mais pela posição do SN sujeito em relação ao verbo do que pela constituição do SN sujeito; nos casos em que é dificilmente percebida a relação SN/SV (sujeito posposto ao verbo na oração e sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural), a ausência de concordância é bastante favorecida. (NICOLAU, 1984, p.159-160).

Tomando por base a categorização de Guy, Nicolau (1984) propõe a seguinte:

- a) sujeito imediatamente anteposto ao verbo na oração;
- b) sujeito anteposto e distante do verbo na oração;
- c) sujeito expresso em oração anterior;
- d) sujeito posposto ao verbo na oração.

Para esta pesquisa, o quadro 6, a seguir, ilustra a categorização que utilizei:

**QUADRO 6**  
**Posição do SN sujeito em relação ao verbo**

<b>Codificação</b>	<b>Fatores</b>	<b>Exemplos<sup>13</sup></b>
I	Sujeito imediatamente anteposto ao verbo.	“Eles julga as pessoas assim...” (NM)
A	Sujeito anteposto e distante do verbo na oração.	“Alguns probleminhas me fizeram afastar...” (WD)
E	Sujeito expresso em oração anterior.	“Os filhos dele são meus sobrinhos. E sofre, né?” (SV)
O	Sujeito posposto ao verbo.	“...ficam guardas nas esquinas...” (MT)
P	Sujeito expresso pela desinência verbal.	“...colocaram uma favela na porta da minha casa” (JK)
Q	Sujeito expresso na pergunta do entrevistador.	— “E aqueles bares que têm lá? Ficam cheios?” (Entrevistadora) — “Não, não fica cheio não...” (KM)
U	Sujeito embutido no contexto.	“... aí começaram a proibir...” (AB) – neste caso o informante refere-se a seus pais, que já haviam sido mencionados anteriormente na entrevista.

Barden (2005:1.156) verificou que a marca de concordância verbal diminui à medida que aumenta o número de sílabas que separa o SN sujeito de seu respectivo verbo.

Para os casos de sujeito expresso pela desinência verbal e sujeito embutido no contexto, Barden observou o seguinte: quando o sujeito é determinado pela desinência verbal significa que é possível identificá-lo ou deduzi-lo, mas não fica claro qual(is) pessoa(s) ou qual(is) objeto(s) está(ão) realizando uma ação ou concordando com o verbo. É o sujeito comumente denominado pela Gramática Tradicional de sujeito indeterminado.

Contudo, quando o sujeito aparece embutido no contexto, é possível identificá-lo na fala do informante em algum momento da entrevista, mesmo que haja uma longa distância entre a primeira menção e a que se busca identificar.

<sup>13</sup> Todos os exemplos foram extraídos do *corpus*.

### 5.2.4 Constituição do SN sujeito

No trabalho de Lemle & Naro (1977), a constituição do SN sujeito mostrou-se irrelevante. Em compensação, Motta (1979) percebeu que o SN sujeito constituído por pronome pessoal favorece a aplicação da regra de concordância verbal.

Nos estudos de Guy (1981), os dados mostram que o SN sujeito constituído por todas as palavras no plural favorece a aplicação da regra de concordância, diferentemente de quando o SN sujeito apresenta apenas algumas palavras no plural.

Nicolau (1984) propõe a categorização do SN sujeito como a que se apresenta no quadro a seguir, sendo que esta categorização foi a mesma que utilizei nesta pesquisa:

**QUADRO 7**  
**Constituição do SN sujeito**

<b>Codificação</b>	<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
S	SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular.	“Até as amante são problemática, né?” (AX)
L	SN constituído de pronome pessoal de terceira pessoa do plural (Eles/Elas).	“... aí eles soltaram essas bombas duas vezes.” (BB)
N	SN constituído ou de pronome indefinido ou de pronome possessivo, ou de numeral.	“... porque os 15 anos chega...” (CL)
R	SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural.	“... inclusive as meninas que trabalharam comigo...” (GD)

### 5.2.5 Paralelismo formal

No que diz respeito ao paralelismo formal, Scherre (1998)<sup>14</sup> atesta que esses trabalhos apresentaram resultados que não foram bem interpretados, inclusive com explicações diferentes para resultados iguais. Nesses trabalhos, a hipótese que se tinha sobre as marcas precedentes era a de que existia uma tendência a se eliminar a redundância.

Espínola & Hora (2004), comentando sobre o trabalho de Naro & Scherre (1991), mostram que os autores afirmam que o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro está em contradição direta com o princípio da economia linguística. Isso ocorre porque:

Marcas tendem a ocorrer precisamente naqueles contextos em que são altamente redundantes, e por isso, podem ser descartadas sem perda de informação. Além disso, as marcas sucessivas de ocorrências em série não podem ser consideradas estatisticamente eventos independentes, visto que a presença de marcas precedentes regula o efeito de marcas seguintes. (ESPÍNOLA & HORA, 2004, p. 228).

Também para Martinet (1962), a concordância é uma forma de redundância que resulta em uma regra do menor esforço, que ocorre porque as pessoas não se importam em repetir se o esforço mental é por isso reduzido.

No entanto, considerar a ausência de concordância como eliminação da redundância seria o mesmo que afirmar que o falante tem influência consciente nesse processo. Assim, Scherre afirma que:

Embora admitamos que a variável Paralelismo formal esteja ligada a algum princípio mental de repetição, que pode até implicar redução de esforço, consideramos que a colocação de Martinet insinua que o falante tem influência consciente neste processo de repetição, o que diríamos não ser o que ocorre, inclusive no discurso oral livre. Em verdade, a forma de atuar da variável Paralelismo formal mostra que os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, que pode estar ligado a uma das formas da mente humana operar, refletido no comportamento humano em geral. (SCHERRE, 1988, p. 164).

---

<sup>14</sup> SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do Português falado na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1998. P. 105.

Na pesquisa de Barden (2005), o paralelismo formal mostrou-se influente no fenômeno de concordância verbal. Seus resultados demonstraram a tendência de diversas ocorrências de uma mesma variável dependente no discurso apresentar relação de interdependência.

Os autores concluíram que os sintagmas verbais com marcas anteriores mostraram um maior uso da variante explícita de plural e os sintagmas verbais sem marcas anteriores um menor uso da forma explícita.

Para esta variável, considerei a codificação do paralelismo discursivo utilizada por Espínola & Hora (2004), como mostrado a seguir:

**QUADRO 8**  
**Paralelismo formal**

<b>Codificação</b>	<b>Fatores</b>
3	SV precedido de outro marcado no discurso do informante.
O	SV precedido de outro marcado no discurso do documentador.
U	SV precedido de outro não marcado no discurso do informante.
F	SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador.
0	SV isolado.

### 5.3 Variáveis não-estruturais

#### 5.3.1 Estilo de fala

Segundo os estudos de Labov (1972a), a formalidade pode ser definida pelo grau de atenção prestado à fala. Dependendo do grau de atenção do falante, no momento da entrevista, a fala pode passar de cuidadosa a espontânea, ou casual, esta muito próxima ao vernáculo. Segundo o autor, numa entrevista sociolingüística predomina o estilo por ele denominado de cuidado. Nesse contexto o falante mostra-se preocupado com o seu desempenho lingüístico. (Nicolau, 1984).

Para Lemle & Naro (1977), nas situações em que o falante presta menos atenção à fala, a ausência de concordância é favorecida. Corroborando essa posição, Motta (1979) considera os contextos menos formais e mais formais em sua análise, sendo que nos menos formais prevalece a conversação espontânea, enquanto que nos mais formais prevalecem histórias produzidas ou criadas, ou seja, narrativas. Os dois mostram que em contextos mais formais a regra de concordância prevalece.

De acordo com Cardoso (2005), baseando-se na teoria da acomodação, existe um conjunto de autores que defendem que o modo de falar do sujeito influencia na maneira como seu interlocutor o julgará.

A respeito da investigação realizada sobre a influência da situação de interação na fala de uma maranhense de 40 anos, e focalizando a concordância verbal, a autora afirma que:

Como há uma forte tendência de considerar que falantes com baixa ou nenhuma escolaridade possuem uma menor monitoração da própria fala em relação aos falantes com alta escolaridade, utilizando menos a forma padrão da concordância verbal, por exemplo, ou um estilo sem variação ou com poucas variações e como a “falta” de concordância de número é bastante estigmatizada no Brasil, um dos lugares onde a ideologia lingüística do padrão é muito forte, os resultados aqui apresentados demonstram que Iraci possui pouca escolaridade e, em termos estatísticos e lingüísticos, isso não foi fator relevante para que ela não utilizasse a forma padrão da concordância verbal em contexto considerado mais formal. (CARDOSO, 2005, p.212).

Nicolau (1984) afirma que não há influência da variável estilística no estudo de Guy (1981) sobre o português brasileiro. No entanto, a pesquisa da autora mostra que no estilo informal há maior probabilidade da ausência de concordância que no estilo formal.

Nesta pesquisa considerei dois estilos de fala, o formal e o informal, conforme codificação abaixo:

#### **QUADRO 9** **Estilo de fala**

<b>Codificação</b>	<b>Estilo de fala</b>
f	Formal
i	Informal

### 5.3.2 Distribuição geográfica

Conforme foi mencionado no capítulo 2, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte dividiu a cidade em nove setores administrativos, com o objetivo de facilitar a administração de uma cidade com dimensões de uma metrópole.

Para esta pesquisa, um dos critérios de seleção dos informantes foi essa divisão setorial. A princípio, esses setores seriam usados apenas como uma maneira de se tentar distribuir, de forma mais esparsa, os informantes ao longo da vasta área geográfica de Belo Horizonte, tentando evitar que as áreas centrais fossem tratadas com exclusividade e as periféricas fossem deixadas de lado.

No entanto, como esta é uma pesquisa na área da sociolinguística, refleti sobre a relevância da criação de um grupo para essas regiões e que cada uma delas poderia se tornar um fator dentro desse grupo, já que as regionais possuem histórias diferentes de ocupação.

Assim, todas as regionais de Belo Horizonte, divididas oficialmente pela prefeitura municipal, tiveram pelo menos um informante como representante, exceto pela região Centro-Sul<sup>15</sup>, e isso por dois motivos: primeiro porque sua história de ocupação, embora seja tão antiga quanto a do antigo Arraial do Curral Del Rei, na década de 80 sofreu grandes transformações como, por exemplo, a Savassi passando de área residencial para área comercial.

O segundo motivo é que, como essas transformações ocorreram a partir da década de 80, os bairros localizados externamente à Avenida do Contorno foram fortemente povoados nesta época.

Portanto, devido à sua parte antiga, interna à Avenida do Contorno, hoje possuir maior caráter comercial, a região mais nova, na área externa é composta, em sua maioria, por indivíduos que se deslocaram de outras áreas.

O quadro a seguir ilustra como codifiquei o grupo distribuição geográfica:

---

<sup>15</sup> Apesar de os deslocamentos populacionais ocorrerem em todas as outras regiões, levei em consideração ainda o fato de os bairros mais tradicionais da região Centro-sul terem como moradores nascidos em Belo Horizonte as pessoas mais idosas, o que poderia levar à predominância de presença de concordância na fala desses informantes.

**QUADRO 10**  
**Distribuição geográfica**

Codificação	Regional
a	Norte
b	Nordeste
d	Noroeste
e	Pampulha
g	Leste
j	Barreiro
k	Venda-nova
l	Oeste

### 5.3.3 Sexo

De acordo com Chambers (1995:102), as mulheres usam menos as variantes estigmatizadas e não-padrão que os homens do mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias. Além disso, autores como Labov (1966), Trudgill (1974), Guy (1981) entre outros, constataram, em seus trabalhos, que os fenômenos referentes a formas padrão são mais produzidos pelas mulheres e que o sexo feminino, portanto, realiza menos as formas não-padrão. (PAIVA & SILVA, 1998)<sup>16</sup>.

No que diz respeito aos trabalhos citados acima, Paiva & Silva (1998)<sup>17</sup> falam sobre a preferência feminina pelas formas aceitas socialmente se verifica tanto nos fenômenos considerados de variação estável quanto nos de mudança.

No Brasil, em 1977, Grynier verificou que as mulheres, mais que os homens, rompem com a norma, utilizando concordância onde a norma a proscree e não fazendo concordância com os verbos em que ela é exigida.

---

<sup>16</sup> PAIVA, M. C & SILVA, G. M. O.. A. Visão de Conjunto das Variáveis Sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões Sociolinguísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p. 335-378.

<sup>17</sup> Idem 12.

Sobre variações estáveis correlacionadas à variável sexo, observadas nos trabalhos de autores diversos, Paiva & Silva (1998:366) afirmam que as mulheres prestigiaram a variante padrão, independente de o fenômeno tratar-se de fonológico ou morfossintático. O mesmo ocorre com fenômenos considerados de mudança: as formas lingüísticas padrão estão associadas mais fortemente às mulheres.

No que diz respeito à implementação de uma mudança, as autoras afirmam que, quando não se trata de uma forma lingüística não-padrão, as mulheres manifestam-se conservadoras, optando pela forma mais antiga. Entretanto, quando a mudança ocorre no sentido de uma forma prestigiosa, as mulheres podem ser inovadoras.

Em Belo Horizonte, os estudos de Nicolau (1984) descartaram a possibilidade de mudança em progresso, uma vez que as probabilidades de ausência de concordância verbal, forma não-padrão, são maiores nos homens do que nas mulheres.

Para a minha pesquisa, utilizei a seguinte codificação para a variável sexo:

**QUADRO 11**  
**Sexo**

<b>Codificação</b>	<b>Sexo</b>
n	Feminino
m	Masculino

#### **5.3.4 Idade**

Em relação à variável idade, observar apenas as diferenças etárias não é suficiente para analisar a mudança em progresso. “É preciso distinguir as diferenças etárias que indicam mudanças lingüísticas daquelas diferenças que simplesmente caracterizam a linguagem de jovens e velhos e se repetem em qualquer geração”. (PAIVA & SILVA, 1998, p.353)<sup>18</sup>.

Também de acordo com a autora, a comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua. As diferenças etárias relacionadas ao uso das variantes lingüísticas podem indicar que mudanças lingüísticas estão

---

<sup>18</sup> Idem 12.

ocorrendo. Essas evidências foram denominadas por Labov (1972a) de tempo aparente. No entanto, o estudo da mudança é mais satisfatório se os fenômenos forem investigados no tempo real, através da comparação da linguagem da mesma amostra em dois pontos diferentes no tempo.

Contudo, a dificuldade de se contactar os mesmos informantes com o passar do tempo é enorme, o que torna o estudo da mudança em tempo aparente mais utilizado. Labov (1966) afirma que, se as diferenças etárias forem reforçadas pelos resultados associados a outras variáveis como sexo e classe social, o estudo da mudança no tempo aparente pode ser mais confiável.

Segundo Nicolau (1984), apesar da ausência de concordância aparecer como um fenômeno antigo na literatura, não se pode afirmar que a variação lingüística relativa a ela represente mudança em progresso, mas sim uma variação estável. Seus resultados mostraram que os adultos, com idade igual ou superior a 36 anos, favorecem a ausência de concordância e, por outro lado, os jovens, com idade entre 14 e 18 anos, a desfavorecem.

Os fenômenos de variação estável estão associados à estratificação etária da comunidade, delimitando a linguagem de jovens e adultos. Isso ocorre, segundo Paiva & Silva (1998:357)<sup>19</sup>, principalmente em fenômenos em que está envolvida a dicotomia padrão/não padrão e, normalmente, as variantes de menor prestígio caracterizam a linguagem dos jovens.

Nesta pesquisa, dividi os informantes em quatro faixas etárias e utilizei a seguinte codificação:

**QUADRO 12**  
**Idade**

<b>Codificação</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Classificação</b>
Q	De 16 a 24 anos	Jovens
R	De 25 a 39 anos	Adultos
S	De 40 a 60 anos	Meia-idade
T	Acima de 60 anos	Idosos

---

<sup>19</sup> Idem 12.

### 5.3.5 Classe social

De acordo com Labov (1966), uma mudança lingüística sempre começa no interior de um grupo social e isso ocorre através de associações que caracterizam esse grupo. Portanto o modo como se distribuem as variáveis lingüísticas por classes sociais pode fornecer evidências de mudança em progresso.

Scherre (1998) afirma que na variação estável, geralmente as variantes lingüísticas obedecem a um padrão linear quando se correlacionam com a classe social. Desse modo, citando Labov (1972a), a autora afirma que, em alguns casos, as variantes de prestígio ocorrem mais freqüentemente na classe social imediatamente abaixo da classe mais alta, resultando num padrão hipercorretivo, o que é interpretado como indício de processo de mudança lingüística.

As maiores probabilidades de ausência de concordância verbal associam-se a grupos sociais mais baixos e as probabilidades mais baixas a grupos sociais mais altos e, por isso, o padrão curvilíneo, uma das características da mudança em progresso, também não foi encontrado. (Nicolau, 1984). Segundo Nicolau, essa variação representa, portanto, uma distribuição social usualmente associada a variáveis estáveis.

Lucchesi (2006:107), utilizando a concordância verbal com o objetivo de dar apoio ao seu estudo sobre a polarização sociolingüística do português brasileiro, mostra que o aumento do prestígio na aplicação da regra de concordância entre os segmentos populares poderia converter essa variante num marcador social, desencadeando um processo de variação estilística a partir do momento em que falantes menos escolarizados adquirissem consciência do valor social de uso da regra de concordância. Assim, uma ligeira queda na freqüência de aplicação dessa regra entre os falantes urbanos escolarizados contrasta com um incremento impulsionado pelo elevado prestígio do uso da regra de concordância entre os segmentos populares.

Para este trabalho, estabeleci três grupos sociais, conforme explicitados no capítulo 2, com a seguinte codificação:

**QADRO 13**  
**Grupos sociais**

<b>Codificação</b>	<b>Grupos sociais</b>	<b>Ocupação</b>
W	1	Funcionários públicos, comerciantes, industriários, técnicos com especialização, gerentes de empresas e pequenos proprietários de terras.
X	2	Motoristas, pintores, eletricitas auxiliares de serviços gerais, mecânicos, etc.
Y	3	Biscateiros, como domésticas, diaristas, lavadeiras, pedreiros, catadores urbanos, vigias, etc.

### 5.3.6 Escolaridade

A escola exerce um papel de suma importância na sociedade, que é o de socialização, requerida por uma língua nacional, de prestígio. A escola é capaz de gerar mudanças na fala e na escrita de seus frequentadores, mas, por outro lado, ela atua também como preservadora de formas prestigiosas. (VOTRE *apud* PAIVA & SILVA, 1998)<sup>20</sup>.

Trabalhos referentes a fenômenos lingüísticos diversos, de autores como Labov (1966), Labov (1972), Gryner (1977), Barden (2005) entre outros, embora não tivessem privilegiado a variável escolarização, demonstraram que existe predominância de formas lingüísticas padrão entre falantes com índices mais altos de escolaridade. (Paiva & Silva, 1998:343).

A autora afirma que isso ocorre mesmo nos fenômenos em que a programação escolar não atua. No entanto, ainda assim esses fenômenos mostraram-se tão condicionados ao fator escolarização quanto os que são objeto de ensino nas escolas.

Gonzales *et al* (2007:10) afirmam que a variável escolaridade tem influência considerável sobre as taxas de aplicação de uma gama de fenômenos lingüísticos e que esse papel pode estar correlacionado com a função social que a escola exerce, como promotora dos falantes típicos dos setores mais intelectualizados da sociedade.

---

<sup>20</sup> Idem 12.

A codificação que utilizei, referente à variável escolarização, foi feita como se mostra a seguir:

**QUADRO 14**  
**Escolarização**

<b>Codificação</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Sigla</b>
5	Ensino Fundamental	EF
6	Ensino Médio	EM
9	Ensino Superior	ES

## **6 ANÁLISE DOS DADOS**

### **6.1 Resultados preliminares**

Inicialmente, os percentuais e os pesos relativos (PR) de concordância verbal dos 863 dados referentes às formas verbais de terceira pessoa do plural foram calculadas pelo GOLDVARB, de modo que esses dados foram distribuídos em 11 grupos, constituídos por 56 fatores.

Em seguida, os percentuais e os pesos relativos foram calculados para os 483 casos de concordância padrão, com os dados também distribuídos em 11 grupos e 56 fatores.

Como o fator T, referente à constituição morfológica da forma verbal, não possui dados referentes a ele, esse fator foi excluído da rodada.

Os resultados obtidos estão mostrados na tabelas a seguir:

**TABELA 8**  
**Resultados percentuais e pesos relativos referentes à concordância verbal e à concordância padrão em todos os grupos de fatores**

Grupos	Fatores	Presença de concordância	Presença de concordância (pesos relativos)	Presença de concordância padrão	Presença de concordância padrão (pesos relativos)
1 - Constituição morfológica da forma verbal	B - fala/falam	278	.33	136	.36
	C - come/comem	62	.19	25	.23
	D - faz/fazem	39	.43	22	.45
	G - dá/dão; está/estão	60	.58	41	.67
	H - vai/vão	30	.50	20	.55
	J - morreu/morreram	49	.56	23	.42
	M - falou/falaram	156	.62	84	.51
	X - fez/fizeram	41	.82	27	.81
	Y - foi/foram	26	.52	15	.52
	W - quis/quiseram	2	.24	1	.29
Z - é/são	120	.76	89	.79	
2 - Ambiente fonológico seguinte ao verbo	c - consoante	528	.51	317	.52
	v - vogal	301	.49	149	.47
	p - pausa	34	.41	17	.47
3 - Posição do SN sujeito	I - sujeito imediatamente anteposto ao verbo	473	.54	276	.54
	A - sujeito anteposto e distante do verbo	153	.44	88	.45
	E - sujeito expresso em oração anterior	92	.55	47	.52
	O - sujeito posposto ao verbo	76	.16	26	.19
	P - sujeito expresso pela desinência verbal	50	.83	32	.86
	Q - sujeito expresso na pergunta	10	.38	7	.51
	U - sujeito embutido no contexto	9	.41	7	.55
4 - Constituição do SN sujeito	L – SN constituído de pronome de 3ª pessoa	412	.63	253	.65
	S – SN cujo núcleo é substantivo (s)	338	.37	173	.37
	N - SN constituído de pronome indefinido, possessivo ou numeral	34	.58	19	.56
	R – SN representado por pronome relativo “que”	79	.33	38	.31

Grupos	Fatores	Presença de concordância	Presença de concordância (pesos relativos)	Presença de concordância padrão	Presença de concordância padrão (pesos relativos)
5 - Paralelismo formal	3 - SV precedido de outro marcado no discurso do informante	101	.56	58	.52
	o - SV precedido de outro marcado no discurso do documentador	6	.62	4	.46
	u - SV precedido de outro não marcado no discurso do informante	32	.04	2	.014
	F - SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador	17	.17	4	.14
	0 - SV isolado	707	.54	415	.56
6 - Estilo de fala	f - formal	758	.52	441	.52
	i - informal	105	.38	42	.32
7 - Regionais	a - norte	21	.15	15	.21
	b - nordeste	82	.97	64	.97
	d - noroeste	72	.77	58	.77
	e - pampulha	179	.25	53	.19
	g - leste	83	.69	51	.63
	j - barreiro	17	.17	6	.16
	k - venda nova	55	.70	26	.71
	l - oeste	354	.36	210	.38
8 - Sexo	m - masculino	392	.47	215	.44
	n - feminino	471	.52	268	.55
9 - Idade	q - jovem	297	.29	167	.29
	r - adulto	131	.65	47	.67
	s - meia-idade	168	.69	105	.74
	t - idoso	267	.55	164	.53
10 - Classe social	x - grupo 2	472	.52	304	.54
	y - grupo 3	210	.73	133	.72
	z - grupo 4	181	.19	46	.19
11 - Escolaridade	5 - Ensino Fundamental	170	.43	126	.40
	6 - Ensino Médio	302	.42	270	.44
	9 - Ensino Superior	94	.90	87	.88

Na seqüência, a significância dos 11 grupos de fatores foi testada, partindo-se da seguinte hipótese nula: não há qualquer relação entre a concordância verbal em BH e os grupos de fatores considerados. (Nicolau, 1984).

Para esse teste foram consideradas 11 novas rodadas, de modo que em cada uma delas foi excluído um grupo de fatores, para verificação da perda (ou não) de graus de liberdade e/ou Log-Likelihood em relação à rodadas anteriores. Nessa primeira rodada, o Log-Lkh obtido foi de - 347,407 e os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

**TABELA 9**  
**Significância de cada grupo de fatores na concordância verbal**

Grupos de fatores / Rodadas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	Log-Lkh	X <sup>2</sup> Chi Quadrado	Graus liberdade	Nível significância
A	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	- 347, 407	—	—	—
B	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	- 378, 900	68,451	10	0.001
C	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	- 347, 755	1,618	2	0.5
D	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	- 365, 491	47,117	5	0.001
E	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	- 349, 639	29,349	3	0.001
F	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	- 361, 100	4,674	1	0.05
G	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	- 349, 243	74,194	7	0.001
H	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	- 388, 299	5,363	1	0.025
I	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	- 347, 534	41,732	3	0.001
J	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	- 350, 035	116,105	3	0.001
K	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	- 365, 401	58,653	5	0.001
L	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	- 360, 692	52,867	4	0.001

Como pode ser constatado pela tabela, houve perda de Log-Lkh em cada uma dessas novas rodadas. Sendo assim, pode-se rejeitar a hipótese nula, isto é, todos os grupos de fatores inicialmente considerados contribuem para a concordância verbal entre o verbo e o SN sujeito de terceira pessoa do plural no português de Belo Horizonte.

Depois de constatada a significância dos grupos de fatores considerados inicialmente, os dados foram analisados com o objetivo de se verificar a relevância de cada um dos fatores de cada grupo, levando-se em conta os fatores estruturais e não-estruturais.

## 6.2 Análise dos fatores estruturais

Após os cálculos das probabilidades de concordância verbal das formas de terceira pessoa do plural, fornecidos pelo GOLDVARB, parti para a análise de múltiplas regressões, que também pode ser feita por este programa. Essa análise possibilita conhecer o melhor ajuste dos dados em cada fator e também em cada grupo de fatores, de modo a obter-se um *stepping up* e um *stepping down* ideais.

Os melhores *stepping up* e *stepping down* contêm os mesmos grupos de fatores e o mesmo valor de Log-Likelihood. Se eles não são idênticos, a significância estatística dos outros grupos de fatores que diferem da análise do *step-up* e do *step-down* é questionada<sup>21</sup>.

Dentre os fatores estruturais, os grupos selecionados pelo *stepping up*, na análise binomial, foram: constituição morfológica do verbo, posição do SN sujeito e constituição do sujeito.

O grupo eliminado no *stepping down*, nessa análise, foi o ambiente fonológico seguinte ao verbo.

A análise mais aprofundada dos fatores estruturais está especificada a seguir.

### 6.2.1 Morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica

Na primeira rodada do GOLDVARB, foram considere os casos de ausência e de presença da concordância verbal de terceira pessoa. Nessa rodada, os valores para o Log-Likelihood, Chi-quadrado, graus de liberdade e níveis de significância foram respectivamente: Log-Lkh = - 347,409,  $X^2 = 51,24$ , gl = 10 e nível 0.001.

A tabela a seguir ilustra os valores obtidos nesta rodada:

---

<sup>21</sup> “The Best *stepping up* and the best *stepping down* runs ideally contain the same factor groups and associated factor weights. If they are not identical, the statistical significance of the factor group that differs from the *step-up* and *step-down* analysis is questionable. It is therefore wise to check the results in more detail”. (LAWRENCE, H; ROBINSON, J & TAGLIAMONTE, 2001, p.27).

**TABELA 10**  
**Constituição morfológica da forma verbal**

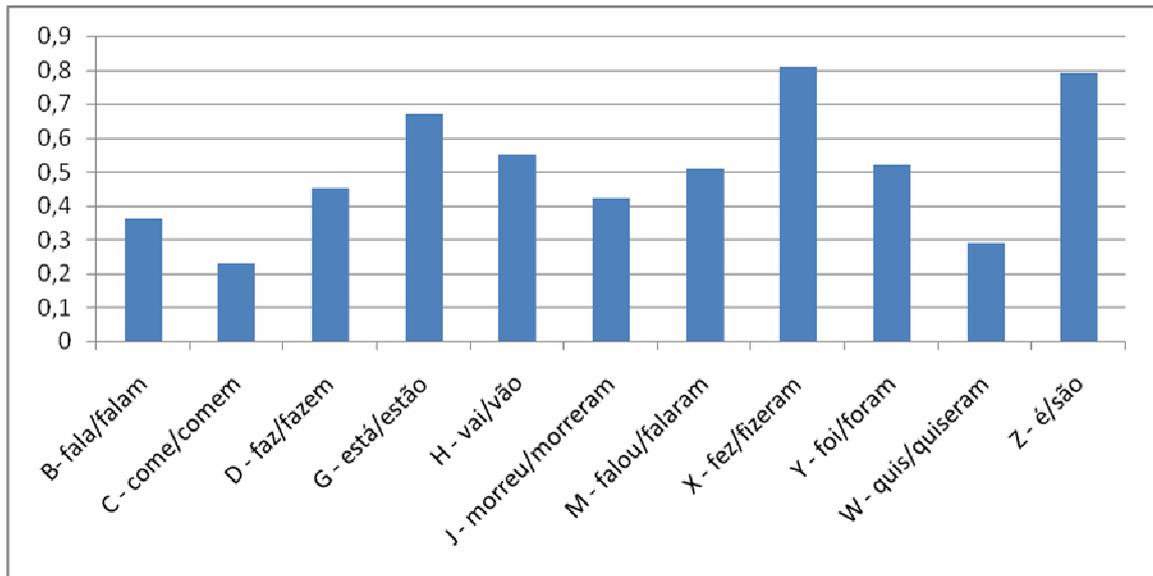
Grupos	Fatores	PR – presença de concordância padrão
1 - Constituição morfológica da forma verbal	B - fala/falam	.36
	C - come/comem	.23
	D - faz/fazem	.45
	G - dá/dão; está/estão	.67
	H - vai/vão	.55
	J - morreu/morreram	.42
	M - falou/falaram	.51
	X - fez/fizeram	.81
	Y - foi/foram	.52
	W- quis/quiseram	.29
Z - é/são	.79	

Levando-se em conta uma rodada com formas padrão, os índices probabilísticos mostram que os fatores X (.81), Z (.79) e G (.67) favorecem a concordância verbal. Nesta rodada, foram obtidos os seguintes valores: Log-Lkh = - 314,168,  $X^2 = 70,44$ , gl = 10 e nível 0.001.

Esses índices não seguem uma ordem crescente e, os valores ocorrem, algumas vezes, ao contrário do esperado, pois num maior grau de saliência fônica, esperar-se-ia que as probabilidades de concordância fossem maiores. No entanto, os valores mostram que: B = .36 > C = .23 < D = .45 < G = .67 < H = .55 > J = .42 < M = .51 < X = .81 > Y = .52 > W = .29 < Z = .79.

Por essa rodada pode-se perceber que os resultados não confirmam o princípio da saliência fônica estabelecido por Lemle & Naro (1977) para explicar a ausência de concordância no português coloquial do Brasil, pois, para que isso ocorresse, a aplicação dessa regra deveria ser diretamente proporcional ao grau de diferença fônica encontrado entre as formas de singular e plural.

Esses resultados podem ser vistos no gráfico a seguir:



**Gráfico 01: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal – Níveis de saliência fônica.**

Diante disso, a partir de uma nova categorização, conforme proposta de Nicolau (1984) e Gonçalves (2007), reduzi o número de fatores da seguinte forma: verbos regulares, pretéritos perfeitos e terminações acentuadas.

A categorização do fator *verbos regulares* foi feita pelo agrupamento dos fatores B, C e D no fator B.

Para o fator *pretéritos perfeitos*, a categorização passou a ser o agrupamento dos fatores J, M, X e Y em M. Os dados referentes ao fator W também foram inseridos no grupo M.

O fator denominado *terminações acentuadas* passou a ser o agrupamento dos fatores G, H, e Z em Z.

Após essa rodada, o Log-Lkh inicial, com valor igual a - 314,168, passou para o valor de - 355,723,  $X^2 = 426,39$ ,  $gl = 2$  e nível = 0.001.

A tabela a seguir mostra como ficaram os pesos relativos nesta rodada:

**TABELA 11**  
**Constituição morfológica da forma verbal: Verbos regulares, pretéritos perfeitos e**  
**terminações acentuadas**

Constituição morfológica da forma verbal	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
B - regulares	197/378	52	.32
M - pretéritos perfeitos	214/275	77	.61
Z - terminações acentuadas	155/210	73	.68
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Os resultados apresentados por Nicolau (1984) e Gonçalves (2007) mostraram que nos verbos regulares com terminações átonas, a ausência de concordância é altamente freqüente do que nas demais formas verbais do pretérito perfeito e, naquelas formas com terminação acentuada, a ausência de concordância é pouco freqüente.

Os valores acima corroboram a hipótese das duas autoras, pois os verbos regulares apresentaram menores chances de concordância (.32), seguidos pelos verbos no pretérito perfeito (.61) e pelos verbos com terminações acentuadas (.68).

Verificando agora o comportamento das variáveis com outra categorização, proposta por Nicolau (1984), classifiquei os verbos como regulares e não-regulares. Foram denominados de regulares os verbos que mantêm o radical inalterado na terceira pessoa do plural, sendo eles representados pelos fatores B, C, e D, que foram agrupados em B. Já como verbos não-regulares considerei aqueles que sofrem alguma alteração no radical, sendo eles representados pelo restante dos fatores, tendo sido agrupados em M.

Dessa vez, o Log-Lkh passou a - 356, 082,  $X^2 = 327, 99$ , gl = 1 e nível = 0.001 e os pesos relativos obtidos nessa rodada foram:

**TABELA 12**  
**Constituição morfológica da forma verbal: Verbos regulares e não-regulares**

Constituição morfológica da forma verbal	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
B - regulares	369/485	52	.32
M - não regulares	197/378	76	.64
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Como era esperado, os verbos não-regulares mostraram-se favorecedores da concordância, ao contrário dos verbos regulares, que não a favoreceram.

Por último, verifiquei, nas formas verbais de pretérito perfeito, as probabilidades de marcas de concordância padrão e não-padrão na fala de Belo Horizonte. Nicolau (1984) aponta as marcas padrão como aquelas que se realizam sob a forma de ditongos nasais átonos [-ãw] enquanto as marcas não-padrão realizam-se sob a forma de monotongo, nasal ou oral [-ũ ou -u].

Em vista disso, a variável dependente passou a ser constituída por três variantes, sendo elas:

- ∅ - não ocorrência de concordância verbal;
- \$ - ocorrência de marcas padrão;
- % - ocorrências de marcas não-padrão.

Os resultados obtidos para esses pretéritos apresentam-se sob a forma de porcentagens, de modo que os valores obtidos nesta rodada foram os seguintes:

**TABELA 13**  
**Constituição morfológica da forma verbal: Marcas padrão e não-padrão em verbos no pretérito perfeito**

Constituição morfológica da forma verbal	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal
∅ - ausência de concordância verbal	58	21
\$ - ocorrência de marcas padrão	149	54
% - ocorrência de marcas não-padrão	65	23
<b>Total</b>	<b>272</b>	

Por essa tabela, observa-se 54% de presença de concordância nos verbos de pretérito perfeito com marcas padrão, seguido por 23% de presença de concordância nos verbos de pretérito perfeito com marcas não-padrão e, por último, 21% de casos com ausência de concordância nos verbos do pretérito perfeito.

Comparando os resultados obtidos por mim com os de Nicolau (1984), é possível perceber que Belo Horizonte apresenta dois momentos distintos em relação à concordância verbal de terceira pessoa do plural, conforme a tabela 27:

**TABELA 14**  
**Constituição morfológica da forma verbal: Comparação entre a ausência de concordância, concordância padrão e não-padrão em BH (2008) e BH (1984)**

Fatores	FARIA (2008) - BH			NICOLAU (1984) - BH		
	% ACV	% CP	% CNP	% ACV	% CP	% CNP
Regulares	48	52	-	63	37	-
Pret. perfeito	21	54	23	18	14	68
T. acentuadas	27	73	79	21	79	-

A tabela nos mostra que:

- a) Nos verbos regulares: Há uma diferença de 15 pontos percentuais, de 1984 (37%) para 2008 (52%);
- b) Nas formas de pretérito perfeito: Há uma diferença de 63 pontos percentuais, de 1984 (14%) para 2008 (54%);

- c) Nas formas com terminações acentuadas: Há uma diferença de 6 pontos percentuais, de 1984 (79%) para 2008 (73%).

Pela análise dos dados, é possível afirmar que em 1984, no que diz respeito à presença de concordância, os Pretéritos perfeitos estavam na frente das Terminações acentuadas que, por sua vez, estavam na frente dos Regulares. Em 2008, o uso dessas formas manteve-se na mesma ordem, porém, com queda no índice dos Pretéritos perfeitos e aumento nos índices dos Regulares e das Terminações acentuadas.

Além disso, a comparação entre esses dois momentos de Belo Horizonte também evidencia a não aplicação do princípio da saliência fônica, pois Regulares > Pretéritos perfeitos < Terminações acentuadas.

A partir desses valores, algumas perguntas podem ser feitas:

- 1) O comportamento em relação ao uso da variante manteve-se o mesmo desde 1984?
- 2) Se não se manteve, o que mudou?
- 3) O que uma alteração desse comportamento significaria?

Respondendo às questões, afirmo que o comportamento da variante sofreu alterações importantes decorridos 24 anos do primeiro estudo até o estudo atual, pois houve aumento dos Regulares e aumento significativo dos Pretéritos perfeitos, enquanto nas Terminações acentuadas houve uma pequena queda.

A alteração desse comportamento nos mostra que os verbos regulares estão na liderança assim como a opção por formas consideradas não-padrão.

Agora comparando os valores obtidos por mim com os de Nicolau (1984) e Gonçalves (2007), chego à seguinte tabela:

**TABELA 15**  
**Constituição morfológica da forma verbal: Comparação entre a ausência de concordância e concordância padrão e não-padrão em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007)**

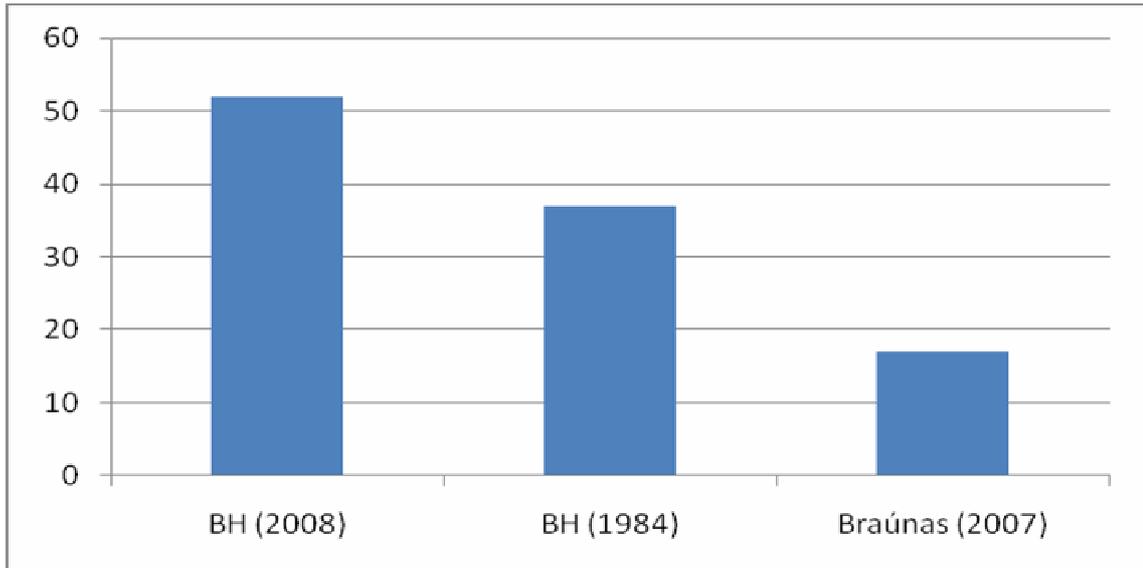
Fatores	FARIA (2008) - BH			NICOLAU (1984) - BH			GONÇALVES (2007) - BRAÚNAS		
	% ACV	% CP	% CNP	% ACV	% CP	% CNP	% ACV	% CP	% CNP
Regulares	48	52	-	63	37	-	83	17	-
Pret. perfeito	21	54	23	18	14	68	43	8	49
T. acentuadas	27	73	-	21	79	-	49	51	-

Como nos trabalhos de Nicolau (1984) e Gonçalves (2007), meus resultados não confirmam o Princípio da Saliência Fônica proposto por Lemle e Naro (1977). Para que o princípio fosse confirmado, os resultados deveriam ser Regulares > Pretéritos perfeitos > Terminações acentuadas, mas o que foi obtido foi Regulares < pretéritos perfeitos > Terminações acentuadas.

Como afirma Gonçalves, esses resultados mostram que existe sim uma relação entre a concordância verbal e o grau de saliência fônica que diferencia formas de plural e de singular, mas uma, a relação diretamente proporcional entre ausência/presença de concordância não ocorre.

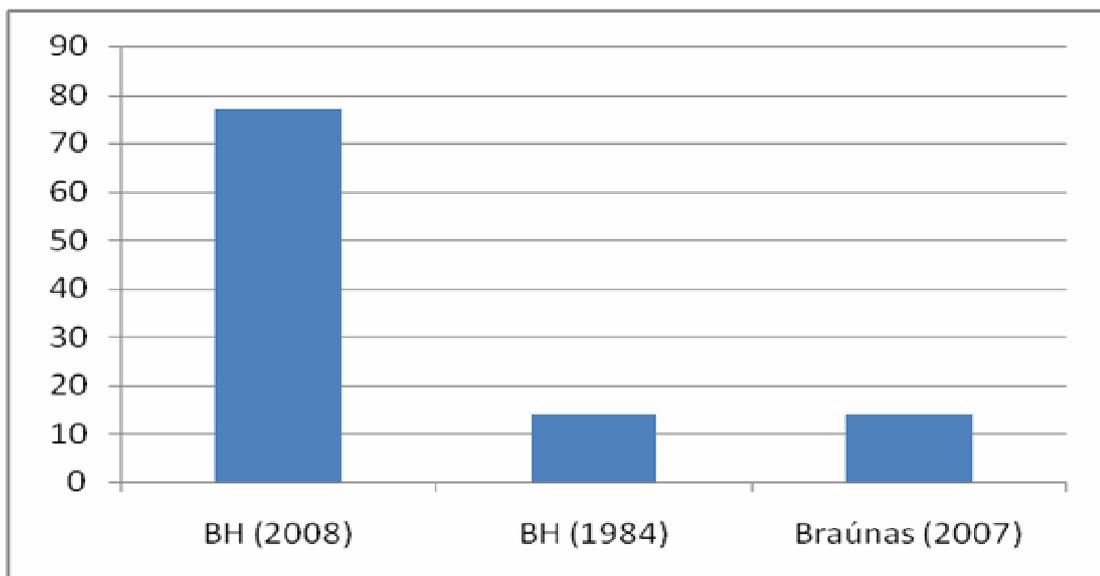
Através da análise da tabela, afirmo que:

- a) Nos verbos regulares: A concordância verbal ocorre com menos frequência, sendo que de BH (1984) para Braúnas (2007) houve diferença de 20 pontos percentuais (BH (1984) 37% e Braúnas (2007) 17%) dos casos de concordância. Entretanto, atualmente, em BH, a ocorrência de concordância é de 52% para esses verbos, ou seja, houve um aumento significativo ao longo dos anos, independente da localidade, conforme o gráfico 02, a seguir:



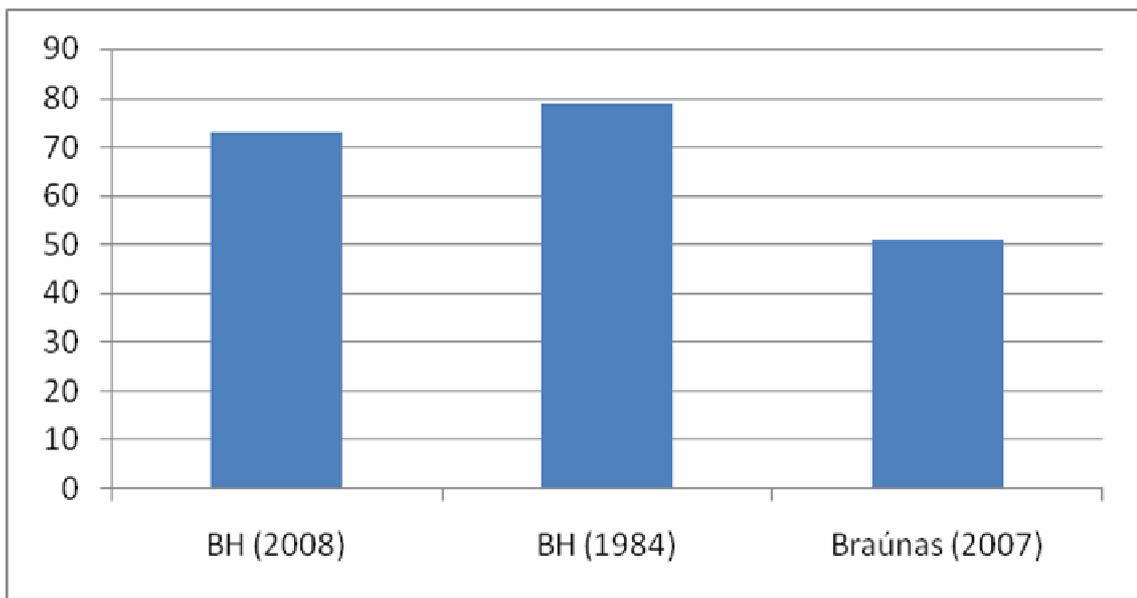
**Gráfico 02: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Comparação entre a presença de concordância nos verbos regulares em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007).**

- b) Nas formas de pretérito perfeito: houve uma diferença de 6 pontos percentuais da concordância em BH no ano de 1984 para a concordância de Braúnas no ano de 2007. No entanto, atualmente, comparando-se com Braúnas, a porcentagem teve uma elevação significativa, sendo que os valores foram (BH (1984) 14%, Braúnas (2007) 8% e BH (2008) 77%), conforme o gráfico 03, a seguir:



**Gráfico 03: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Comparação entre a presença de concordância nas formas de pretérito perfeito em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007).**

- c) Nas formas com terminações acentuadas: Nas formas verbais que apresentam terminações acentuadas, houve diferença de 28 pontos percentuais na concordância de BH em 1984 para a de Braúnas em 2007 (BH (1984) 79% e Braúnas (2007) 51%). Novamente para BH (2008) houve nova diminuição do valor percentual, apresentando 73% de ocorrência de concordância verbal, conforme o gráfico 04, abaixo:



**Gráfico 04: Concordância verbal pela constituição morfológica da forma verbal - Comparação entre a presença de concordância nas terminações acentuadas em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007).**

Analisando os gráficos, é possível fazer algumas indagações a respeito dos resultados das comparações entre as localidades de Belo Horizonte e suas diferentes épocas e entre Belo Horizonte e Braúnas.

- 1) Por que houve aumento significativo da concordância verbal entre os verbos regulares, independente da localidade?
- 2) Por que os valores para os pretéritos perfeitos e para as terminações acentuadas sofrem queda significativa de BH (1984) para Braúnas (2007) e depois esses valores ascendem novamente em BH (2008), mas sem atingir os valores de BH em 1984?

Para responder a essas questões, vejamos o que fala Luchesi (2006) sobre a variação na concordância verbal no português brasileiro. Segundo Luchesi, a idéia do enfraquecimento fonético do segmento nasal estaria conduzindo a uma erosão do morfema de plural nas formas verbais. A combinação desse processo de simplificação morfológica com as mudanças de ordem pronominal conduziria à eliminação total da flexão verbal de pessoa e número. No entanto, evidências mostram que um processo aparentemente geral, corresponde, na realidade, a processos específicos.

Apresentando os resultados de Graciosa (1991), Luchesi comenta sobre o baixo nível de variação na concordância verbal de número, realizada pelo morfema *-m*, na norma urbana culta, ou seja, nos segmentos em que os níveis de escolarização são mais elevados. Em seguida, comenta que na norma semiculta, abordando informantes com doze anos de escolarização, esse nível sobe pouco mais de vinte por cento.

Também Naro & Scherre (2004:109) comentam sobre a elevação da concordância plural como apropriação dos bens de prestígio e que isso se deve à exposição cada vez maior da comunidade ao ambiente escolar. Os autores afirmam que os grupos tendem a copiar, consciente ou inconscientemente, o comportamento lingüístico do meio, principalmente quando estão envolvidos fenômenos sujeitos a estigma e preconceito explícito, como é o caso da concordância de número no português brasileiro.

Além disso, os resultados obtidos em BH (2008), BH (1984) e Braúnas (2007) estão de acordo com as idéias de Naro (1981) sobre as direções diversas com relação aos fenômenos de concordância na comunidade de fala brasileira, modelo que foi denominado, dez anos mais tarde, de “fluxos e contrafluxos” por Naro & Scherre.

Sendo assim, os autores afirmam que em fenômenos variáveis estigmatizados,

fluxos e contrafluxos são naturais, tendo em vista que os falantes ou grupos de falantes apenas transitam por mais ou menos concordância em termos de porcentagens globais – mudanças superficiais –, que não afetam a essência dos sistemas envolvidos. (NARO & SCHERRE, 2004, p.115)

Assim, os resultados de uma determinada amostra em um período do tempo podem reverter em outra direção, no sentido de mais ou menos concordância, bastando, para isso, que se afrouxem as amarras sociais de prestígio.

### 6.2.2 O ambiente fonológico que sucede ao verbo

O segundo grupo considerado para os cálculos da concordância verbal em BH foi o ambiente fonológico seguinte ao verbo. No entanto, esse grupo não foi selecionado pelo GOLDVARB como significativo para a análise. Os resultados probabilísticos obtidos na primeira rodada podem ser vistos na tabela a seguir:

**TABELA 16**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo**

<b>Ambiente fonológico que sucede ao verbo</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
c - consoante	354/528	67	.51
v - vogal	192/301	63	.49
p - pausa	20/34	58	.41
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Os pesos relativos para os três fatores foram muito aproximados. No que se refere ao favorecimento da concordância verbal, a consoante e a vogal mostram-se neutros, mas a pausa mostrou-se desfavorável ao fenômeno da concordância.

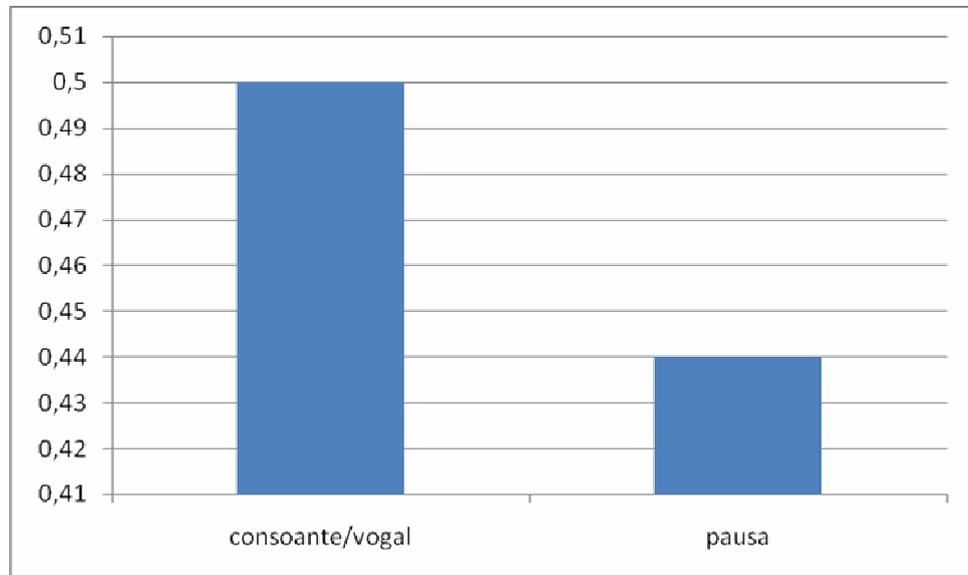
Com a união das duas categorias, c e v, os resultados obtidos nos dois ambientes passaram a:

**TABELA 17**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Consoante/vogal e pausa**

<b>Ambiente fonológico que sucede ao verbo</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
v (c) – vogal/consoante	546/829	65	.50
p - pausa	20/34	58	.41
<b>Total</b>	<b>566</b>	<b>65</b>	

Após essa rodada, o Log-Lkh inicial, de - 347, 409 a perda não foi tão significativa e passou a apresentar-se com o valor de - 314,168,  $X^2 = 277,65$ ,  $gl = 1$  e nível = 0.001.

O gráfico 05, a seguir, ilustra o comportamento dos resultados obtidos nessa rodada:



**Gráfico 05: Concordância verbal pelo ambiente fonológico que sucede ao verbo – Consoante/vogal e pausa.**

Por esses valores, pode-se fazer as seguintes afirmações:

a) Não se pode afirmar que consoante e vogal favoreçam ou desfavoreçam a ocorrência do fenômeno da concordância verbal no que se refere ao ambiente fonológico seguinte ao verbo, já que apresentaram peso relativo de .50.

(1) (...) tava os dois no carro num sei que... (øBvOSfdnsx80);

(2) eu tinha uma irmã mais velha e um irmão mais novo que não aceitava nem que eu passasse na rua...(INF. øBcIRfdnsx80);

(3) Eles não sabem nada. (INF. 1CcALfamsy50);

(4) (...) tirando essas pessoas que te seguiram ou que cê segue elas né? (INF. 1BvIRfbnqy70).

b) A pausa é um fator inibidor da ocorrência de concordância verbal, pois apresentou peso relativo de .41.

(5) Como assim se os policial pára? (INF. øBpISflmqz7u);

(6) (...) meus filhos continuou. (INF. øMpISflntw50).

Cruzando-se os dados entre o ambiente fonológico seguinte aos verbos regulares, os resultados obtidos foram os seguintes:

**TABELA 18**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos regulares**

<b>Ambiente fonológico que sucede ao verbo</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
c - consoante	119/258	52	.51
v - vogal	67/137	48	.48
p - pausa	9/14	64	.57
<b>Total</b>	<b>196/409</b>	<b>51</b>	

Nesta rodada, não houve perda de Log-Likelihood. Na realidade, houve um aumento significativo, pois o inicial era de Log-Lkh = -347, 409 e nesta rodada passou a Log-Lkh = -182, 669,  $X^2 = 50,21$ , gl = 2 e nível = 0.001.

Também nesta rodada o comportamento das variáveis consoante e vogal foi exatamente o mesmo, ou seja, ambas não influenciam na concordância verbal. No entanto, o peso relativo da pausa sofreu aumento de 9 pontos, passando a .57 e, portanto, favorecendo a concordância verbal.

Esses resultados revelam-se parcialmente parecidos com os de Nicolau (1984), que observou que a vogal não favorecia a concordância, enquanto consoante e pausa a favoreciam. Verificando o comportamento das variáveis, agora nos verbos não-regulares, os resultados obtidos foram:

**TABELA 19**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos não-regulares**

Ambiente fonológico que sucede ao verbo	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
c – consoante	234/300	78	.51
v - vogal	124/164	75	.51
p – pausa	11/20	55	.28
<b>Total</b>	<b>369/484</b>	<b>76</b>	

Semelhantemente ao que ocorreu na rodada anterior, nesta o Log-Likelihood sofreu aumento mais significativo ainda, passando a Log-Lkh = - 144, 862,  $X^2 = 379,55$ , gl = 2 e nível = 0.001.

No entanto, o comportamento da consoante permaneceu inalterado, e o da vogal subiu 3 pontos. O comportamento da pausa nesta rodada foi o que mais se alterou, sofrendo queda significativa de 32 pontos, indo de .60 a .28. Isso quer dizer que a pausa não favorece a concordância verbal quando vem depois de um verbo não-regular.

Em Nicolau (1984), apenas a consoante não favorecia a concordância verbal quando o ambiente fonológico seguinte era um verbo não-regular.

Testando dessa vez o ambiente fonológico seguinte com os verbos no pretérito perfeito, analisando-se a concordância não-padrão, os resultados apresentados foram:

**TABELA 20**  
**Ambiente fonológico que sucede ao verbo: Verbos no pretérito perfeito com concordância não-padrão**

Ambiente fonológico que sucede ao verbo	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
c – consoante	30/110	27	.48
v - vogal	35/96	36	.53
p – pausa	2/8	25	.46
<b>Total</b>	<b>67/214</b>	<b>31</b>	

Aqui, o Log-Likelihood teve um aumento impressionante, passando para - 94, 654,  $X^2 = 113,46$ ,  $gl = 2$  e nível = 0.001.

Os resultados mostram que na concordância não-padrão, nas formas verbais do pretérito perfeito, os valores apresentam-se bastante próximos a .50, sendo a concordância ligeiramente favorecida pela vogal, conforme Nicolau (1984).

Em todas as rodadas, os resultados relativos ao ambiente fonológico seguinte ao verbo mostraram-se praticamente neutros em relação à concordância verbal de terceira pessoa. Isso explica o fato de que, no cálculo da análise binomial, feita pelo GOLDVARB, este grupo de fator tenha sido considerado irrelevante para a análise.

### 6.2.3 Posição do SN sujeito em relação ao verbo

Nesta rodada, o GOLDVARB considerou significativo o grupo de fatores relativo à posição do sujeito com relação ao verbo, apresentando os resultados probabilísticos conforme mostrados abaixo:

**TABELA 21**  
**Posição do SN sujeito**

<b>Posição do SN sujeito</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
I - sujeito imediatamente anteposto ao verbo	320/473	67	.54
A - sujeito anteposto e distante do verbo	95/153	62	.44
E - sujeito expresso em oração anterior	63/92	68	.55
O - sujeito posposto ao verbo	27/76	35	.16
P - sujeito expresso pela desinência verbal	45/50	90	.83
Q - sujeito expresso na pergunta	8/10	80	.38
U - sujeito embutido no contexto	8/9	88	.41
<b>Total</b>	<b>566</b>	<b>65</b>	

De acordo com esses resultados, a concordância verbal é altamente favorecida pelo SN sujeito expresso pela desinência verbal  $P = .83$ , ou seja, pelo sujeito usualmente denominado pela GT de sujeito indeterminado.

Para essa rodada, não houve diferença entre sujeito imediatamente anteposto ao verbo  $I = .54$  ou entre sujeito expresso em oração anterior  $E = .55$ . Também para o sujeito expresso na pergunta  $Q = .38$ , embutido no contexto  $U = .41$  ou anteposto e distante do verbo  $A = .44$  não houve diferenças significativas com relação aos pesos relativos.

A posição do sujeito que claramente desfavorece a concordância verbal é quando ele está posposto ao verbo  $O = .16$ .

Como os pesos relativos foram muito aproximados entre alguns fatores, eles foram agrupados numa nova codificação que consistiu no agrupamento de Q e U no fator A; de I e E no fator I.

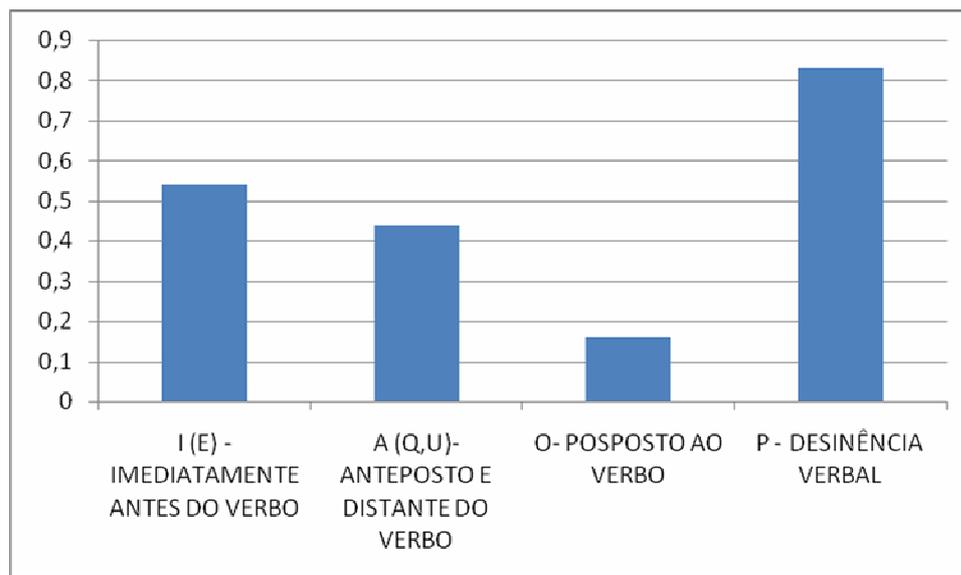
Os resultados obtidos foram os que se mostram que praticamente não houve perda de Log-Lkh entre a primeira rodada  $\text{Log-Lkh} = -347,409$  e esta, que apresentou  $\text{Log-Lkh} = -347,440$ ,  $X^2 = 335,37$ ,  $gl = 3$  e nível = 0.001.

Os pesos relativos obtidos nesta nova rodada foram, portanto, de:

**TABELA 22**  
**Posição do SN sujeito: IAOP**

Posição do SN sujeito	Ocorrências/Total	% de presença verbal	PR de presença de concordância verbal
I (E)	383/565	67	.54
A (Q, U)	111/172	64	.44
O	27/76	35	.16
P	45/50	90	.83
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico 6 ilustra o comportamento dos dados com relação à variável referente à posição do SN sujeito com a nova codificação:



**Gráfico 06: Concordância verbal pela posição do SN sujeito - IAOP.**

De acordo com Gonçalves (2007), os baixos valores obtidos para o sujeito anteposto e distante do verbo devem-se ao fato de que quanto mais material interveniente entre SN sujeito e verbo, menores são as chances de concordância verbal. Os resultados de Gonçalves, para essa categorização, verificando-se a ausência da concordância verbal, foram os seguintes: I (.40), A (.52), O (.54) e P (.79).

Os resultados que obtive com essa categorização correspondem com os de Gonçalves, uma vez que o peso relativo obtido no fator sujeito imediatamente anterior ao verbo foi de .54, ou seja, apenas .10 acima do peso obtido no fator sujeito anteposto e distante do verbo, cujo valor obtido foi de .44. Essa diferença não parece ser muito significativa e Gonçalves, em seu trabalho, encontrou uma diferença similar entre os fatores I e A, sendo ela igual a .12. Além disso, o contexto que mais favoreceu a concordância verbal foi o sujeito expresso pela desinência verbal, que apresentou peso relativo de .83 de concordância verbal.

Buscando outra categorização, foram unidos os fatores I (sujeito imediatamente antes do verbo) e A (sujeito anteposto e distante do verbo) em um único fator em I. Nesta rodada houve perda significativa de Log-Lkh da primeira para esta rodada que passou de Log-Lkh = - 347, 407 para Log-Lkh = - 348, 822,  $X^2 = 44, 31$ , gl = 2 e nível = 0.001. Os resultados obtidos nela foram:

**TABELA 23**  
**Posição do SN sujeito: IOP**

Posição do SN sujeito	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
I (A)	494/737	67	.51
O	27/76	35	.17
P	45/50	90	.83
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Entre as rodadas em que são considerados os graus de saliência fônica e os verbos regulares e não-regulares praticamente não houve alteração de probabilidades, mas houve de Log-Likelihood, conforme mostrado acima.

A partir desses resultados, é possível afirmar, então que:

a) A desinência verbal referente às formas de terceira pessoa do plural favorece altamente a concordância verbal;

(1) (...) e agora vieram me cobrando... (INF. 1XcPLfemrz50);

(2) Chamavam casinha de abelha. (INF. 1BcPLfensx60).

b) Sujeito posposto ao verbo é altamente desfavorecedor da concordância verbal;

(3) (...) tava os dois no carro num sei que.. (INF. øBvOSfdnsx80);

(4) (...) aí acontece essas coisas assim sabe.. (INF. øCvOSfbnqy70).

c) O sujeito anteposto e distante do verbo não se mostrou favorecedor da concordância verbal, embora tivesse seu peso relativo aumentado se comparado com os estudos de Nicolau (1984), e Gonçalves (2007), que apresentaram peso relativo de .26 e .40, respectivamente.

(5) eu tinha uma irmã mais velha e um irmão mais novo que não aceitava nem que eu passasse (...) (INF. øBcARfdnsx80);

(6) (...) então os médico quando me via falava assim... (INF. øBvASfenqy70).

### 6.2.4 Constituição do SN sujeito

Com relação à constituição do sujeito, na primeira rodada foram obtidos os seguintes resultados:

**TABELA 24**  
**Constituição do SN sujeito**

Constituição do SN sujeito	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
L – SN constituído de pronome de 3ª pessoa	307/412	74	.63
S – SN cujo núcleo é substantivo (s)	196/338	57	.37
N - SN constituído de pronome indefinido, possessivo ou numeral	20/34	58	.58
R – SN representado por pronome relativo “que”	43/79	54	.33
<b>Total</b>	<b>566</b>	<b>65</b>	

A partir dos pesos relativos apresentados, é possível perceber que há uma semelhança de comportamento entre pares de fatores, sendo eles L e N, com pesos relativos de .63 e .58 e dos fatores S e R, com pesos de .37 e .33, respectivamente.

Nesta rodada, os valores mostram que os pronomes de terceira pessoa, os pronomes indefinido e possessivo e os numerais favorecem a concordância verbal. Por outro lado, quando o núcleo do sujeito é composto por um substantivo ou quando o sujeito é o pronome relativo “que”, a concordância verbal é desfavorecida.

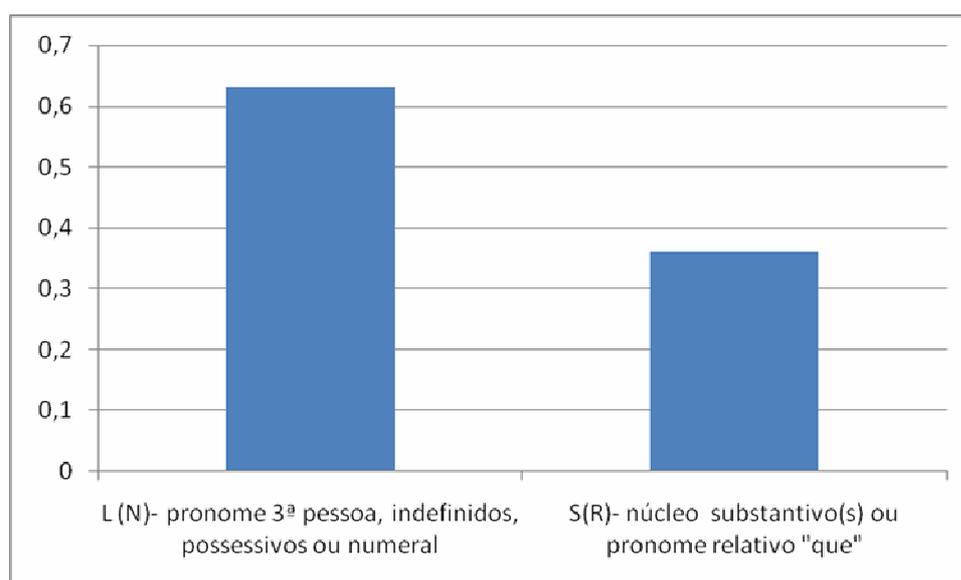
A partir desses valores, uma nova rodada testando o agrupamento dos fatores que apresentam pesos relativos aproximados foi feita, e o valor do Log-Lkh, referente à primeira rodada, que foi de Log-Lkh = - 347, 407 praticamente não se alterou, passando a Log-Lkh = - 347, 624,  $X^2 = 300, 37$ , gl = 1 e nível = 0.001.

Com isso, os pesos relativos obtidos nesta rodada foram os que se mostram na tabela a seguir:

**TABELA 25**  
**Constituição do SN sujeito: LS**

Constituição do SN sujeito	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
L (N)	327/446	73	.63
S (R)	239/417	57	.36
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Esses resultados podem ser visualizados no gráfico a seguir:



**Gráfico 07: Concordância verbal pela constituição do SN sujeito - LS.**

Através desses resultados, é possível afirmar que:

- a) Os sujeitos constituídos por pronomes de terceira pessoa eles/elas ou constituídos por pronomes indefinidos, possessivos e os numerais são favorecedores a concordância verbal.

(1) Eles vieram da Síria... (INF. 1XcILfgmsx60);

(2) As duas outras se comunicam muito com ela... (INF. 1BcANfbnqy70).

b) Os sujeitos constituídos de SN que têm como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular são desfavorecedores da concordância verbal.

(3) (...) nem as casada hoje em dia faz isso mais não. (INF. øDvASijmrx60);

(4) A mãe e a irmã tava perto mas eles num caçô matar elas não. (INF. øBcISflmqz70).

c) Os sujeitos constituídos pelo pronome relativo “que” desfavorecem não favorecem a concordância verbal de terceira pessoa do plural.

(5) Eu tinha uma irmã mais velha e um irmão mais novo que não aceitava (...). (INF. øBcIRfdnsx80) ;

(6) (...) tem outras que chora, tem outras que sorri demais.. (INF. øBcIRfjmr60).

### 6.2.5 Paralelismo formal

Em relação à variável paralelismo formal, os resultados apresentados na primeira rodada podem ser vistos na tabela 26:

**TABELA 26**  
**Paralelismo formal**

<b>Paralelismo formal</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
3 - SV precedido de outro marcado no discurso do informante;	81/101	80	.56
o - SV precedido de outro marcado no discurso do documentador;	5/6	83	.62
u - SV precedido de outro não marcado no discurso do informante;	5/32	15	.04
F - SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador;	6/17	35	.17
0 - SV isolado.	469/707	66	.54
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

Os resultados demonstram que o SV precedido de outro marcado no discurso do documentador é o que favorece mais a ocorrência da concordância verbal, com peso relativo de .62. Em seguida, o SV precedido de outro marcado no discurso do informante e o SV isolado, com pesos relativos de .56 e .54, respectivamente. O SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador não favoreceu a ocorrência da concordância. No entanto, o SV precedido de outro não marcado no discurso do informante apresentou peso relativo mais baixo ainda, com PR de .04.

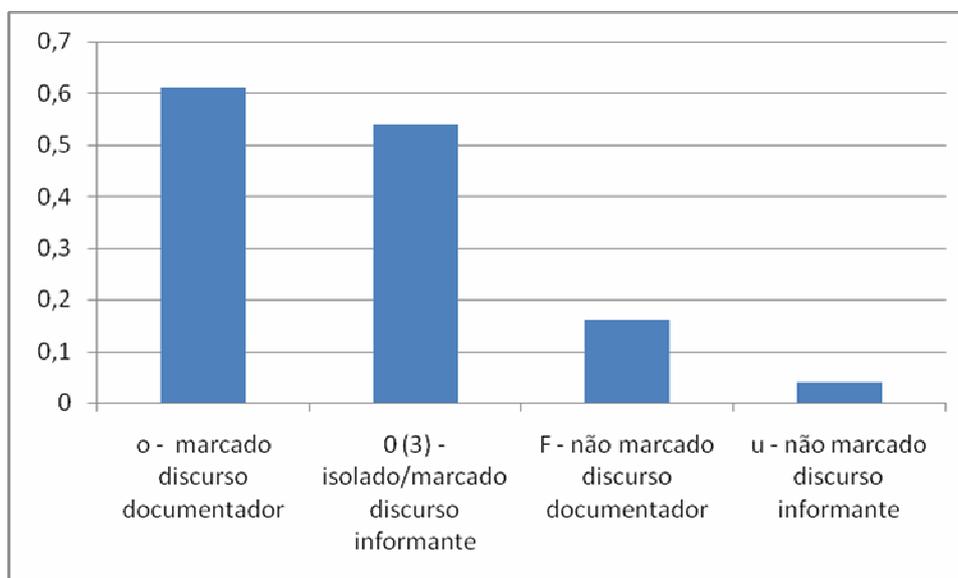
Como os valores de 3 e 0 foram muito aproximados, foi testada uma nova categorização para este grupo. Nesta nova rodada, a perda de Log-Lkh não foi significativa, passando de Log-Lkh = - 347, 409 para Log-Lkh = - 347, 624,  $X^2 = 320, 37$ , gl = 3 e nível = 0.001

A tabela 27 especifica os resultados da segunda rodada do GOLDVARB:

**TABELA 27**  
**Paralelismo formal: 0uFO**

<b>Paralelismo formal</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
o - SV precedido de outro marcado no discurso do documentador;	5/6	83	.61
u - SV precedido de outro não marcado no discurso do informante;	5/32	15	.04
F - SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador;	6/17	35	.16
0 (3) - SV isolado / SV precedido de outro marcado no discurso do informante;	550/808	68	.54
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico 08 ilustra o comportamento da variável paralelismo formal nesta nova rodada:



**Gráfico 08: Concordância verbal pelo paralelismo formal – 0uFO.**

A partir desses valores, é possível fazer as seguintes afirmações:

- a) A fala do documentador é influenciadora da fala do informante quando se trata da ocorrência da concordância verbal, com pode ser visto no gráfico 08, em que o fator o aparece com PR de .61 pontos probabilísticos. Os exemplos abaixo ilustram essas ocorrências:

(1) Recuperaram... (INF. øMpPLfbnqy7o).<sup>22</sup>

b) O segundo fator favorável é quando o SV encontra-se isolado na sentença ou quando o SV é marcado no discurso do próprio informante. Neste caso, a probabilidade de concordância foi de PR de .54 e abaixo, seguem os exemplos relativos a estas ocorrências:

(2) Já me roubaram um boné no ônibus uma vez. (INF. 1MvPLfkmry60);

(3) (...) que não dava aula direito. (INF. øBvIRfenqy73).

c) A ocorrência da concordância verbal é desfavorecida quando o SV não aparece marcado no discurso do documentador (.17), mas, praticamente não há favorecimento da concordância quando o SV não é marcado no discurso do próprio informante (.04).

(4) Eles ganhava salário mínimo e pagava 60 reais do barracão. (INF. øBcELfIntx6F);

(5) Geralmente eles num pega não<sup>23</sup> ... (INF. øBcALfenrz5F);

(6) (...) existia os trólebus<sup>24</sup>. (INF. øBvOSfensx6u).

<sup>22</sup> Neste momento da entrevista, o documentador perguntou ao informante se a família recuperou um carro roubado. A transcrição exata desse trecho é:

INF. - (...) só que um ano depois encontraro o carro dele parado no estacionamento.

DOC. - Ah, tá... Recuperaram o carro?

INF. - Recuperaram.

<sup>23</sup> Transcrição exata do contexto em que foi verificado o F (sintagma verbal precedido de outro não marcado no discurso do documentador):

DOC. - Bobagem isso... Você conhece muita gente que foi... sei lá... que tomou tiro, facada por causa do tráfico?

INF. - Nó... esses dia mesmo já matou dois aí... matou dois aí dentro da favela aí...foi cinquenta reais... cara morreu de graça...outro morreu ponto conta de... de... vinte reais....

DOC. - E se não pega a pessoa pega alguém da família?

INF. - não... geralmente eles num pega não... mas obriga a família a pagar as dívida né... é... fica ameaçando né,,, porque... tipo assim...o cara que usa... não tem dinheiro pra pagar...aí ele fala assim então cê paga ou então vai lá manda a mãe e o pai pagar...

<sup>24</sup> Transcrição exata do contexto em que foi verificado o u (sintagma verbal precedido de outro não marcado no discurso do informante):

INF. - amanhã eu tenho de passar aqui na Meire... amanhã é sábado né? Amanhã provavelmente eu vou passar amanhã à tarde... aí eu pego essa planta... acho que eu tenho xerox... se eu tiver xerox eu te dou o xerox que eu tirei... eu acho que eu tirei o xerox das plantas lá... cê quer só do bairro ou cê quer de Belo Horizonte todo... porque na época por exemplo que eu fui pro Tiradentes eu tinha sete anos já existia os trólebus... exista os trólebus eu tava o quê eu tô com cinquenta e dois então em cinquenta e ... não peraí em cinquenta e nove mais quatro... então eu tinha onze anos... em 63... foi isso mesmos quatro aos eu estudei por aqui... os quatro anos eu estudei no Santa Marcelina que foi na base... na época só existia o Aeroporto da Pampulha...

### 6.3 Análise dos fatores não-estruturais

Dentre os fatores não-estruturais, os grupos selecionados pelo *stepping up*, na análise binomial, foram: estilo de fala, regionais, classe social. Nessa análise, os grupos eliminados no *stepping down* foram o sexo e a idade.

A análise mais aprofundada dos fatores não-estruturais está especificada a seguir.

#### 6.3.1 Estilo de fala

No estilo de fala, os resultados da primeira rodada demonstraram que o estilo formal favorece a concordância verbal enquanto o informal desfavorece a ocorrência do fenômeno.

Labov (1972) afirma que a formalidade do contexto pode ser definida pelo grau de atenção dispensado à fala e que na entrevista, quando a informação é requisitada ou fornecida não se pode esperar que o vernáculo esteja sendo utilizado<sup>25</sup>.

De acordo com os resultados encontrados em Luchesi (2006), quando o informante presta mais atenção à sua fala, as probabilidades de haver a concordância verbal são maiores.

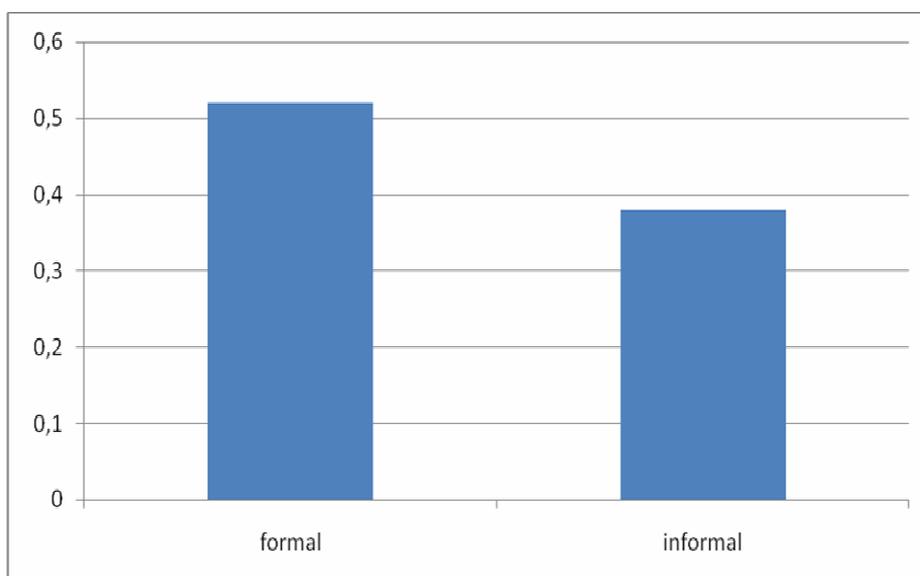
Dessa forma, para qualquer rodada testada, os valores dos pesos relativos obtidos foram sempre os mesmos.

**TABELA 28**  
**Estilo de fala**

<b>Estilo de fala</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
f - formal	507/758	66	.52
i - informal	59/105	56	.38
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

<sup>25</sup> Any systematic observation of a speaker defines a formal context in which more than the minimum attention is paid to speech. In the main body of an interview, where information is requested or supplied, we would not expect to find the vernacular used. (LABOV, 1972, p. 209).

O gráfico a seguir mostra o comportamento dos valores probabilísticos relativos ao estilo de fala:



**Gráfico 09: Concordância verbal pelo estilo de fala.**

Em relação a estes valores, pode-se afirmar que:

a) O estilo formal favorece a concordância verbal em Belo Horizonte;

- (1) (...) e meus hábitos são muito diferente. (INF. 1ZcISfjmrX60);
- (2) (...) certos tipos de pessoas não podem jogá. (INF. 1CcASfknqz50).

b) O estilo informal desfavorece a concordância verbal em Belo Horizonte;

- (3) (...) os namorados que quis entrar depois (...) (INF. øWvIRiensX60);
- (4) Todo santo dia é os mesmos professores... (INF. øZvOSiemrz40).

### 6.3.2 Distribuição geográfica

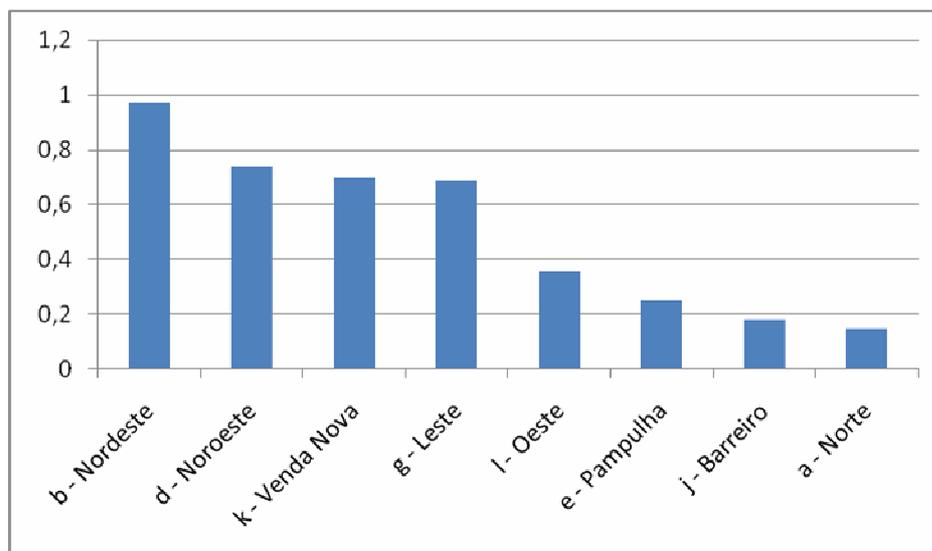
Quanto à distribuição geográfica, as regionais que apresentaram pesos relativos maiores para a concordância verbal em Belo Horizonte, na primeira rodada, foram a regional Nordeste, com .97, seguida da regional Noroeste, com .77, logo depois a regional Venda Nova, com .70 e, por último a regional Leste, com .69.

No entanto, as regionais que apresentaram baixos pesos relativos de concordância verbal na capital mineira foram Oeste, com .36, Pampulha, com .25, Barreiro, com .17 e Norte, com .14.

**TABELA 29**  
**Distribuição geográfica**

<b>Regionais</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
a - Norte	16/21	76	.14
b - Nordeste	69/82	84	.97
d - Noroeste	64/72	88	.77
e - Pampulha	84/179	46	.25
g - Leste	65/83	78	.69
j - Barreiro	7/17	41	.17
k - Venda Nova	28/55	50	.70
l - Oeste	233/354	65	.36
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico a seguir ilustra o comportamento das variáveis regionais:



**Gráfico 10: Concordância verbal pela distribuição geográfica.**

Através desses resultados, pode-se afirmar que:

- a) A regional Nordeste é grande favorecedora da ocorrência da concordância verbal em BH, seguida pelas regionais Noroeste, Venda Nova e Leste;

- (1) (...) todos eles passaram pelo Colégio São Pascoal. (INF. 1McILfdntw60);
- (2) Os caras mandam muito bem. (INF. 1BcISfgmqy40);
- (3) (...) para eles não cobrarem muito caro eles tiveram que fazer isso... (INF. 1XcILfknqz50);
- (4) (...) as portas ficavam abertas... (INF. 1BvISfbmqz70).

- b) As regiões Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte não favorecem a concordância verbal em BH.

- (5) (...) os cara chegô o revólver nele e tomou a moto. (INF. øMvISfamsy50);
- (6) (...) os dois meninos, pivete mesmo de rua, entrava na frente... (INF. øBcANflntx60);
- (7) (...) as pessoas tinha mais tempo um pro outro... (INF. øBcISfensy50);
- (8) (...) porque geralmente pessoas chegam aqui e fala assim: nossa eles ganha dinheiro demais. (INF. øBcILfjmrx60).

Com relação ao fenômeno da concordância verbal em Belo Horizonte, ao verificar-se o início da ocupação das áreas onde hoje essas regionais administrativas são demarcadas, evidencia-se que as regiões favorecedoras da concordância são as mais antigas e iniciaram o processo de povoamento antes da fundação de BH e a consolidação dessa ocupação ocorreu até a década de 1920. Por outro lado, as regionais que tiveram o povoamento consolidado após a década de 1920, mostraram-se não favorecedoras da ocorrência concordância verbal na capital.

O quadro abaixo mostra as datas de ocupação dessas áreas, datas que foram extraídas do site da Prefeitura Municipal:

**TABELA 30**  
**Regionais de Belo Horizonte e datas de ocupação**

<b>Regional</b>	<b>Ano de ocupação</b>
<b>Nordeste</b>	Iniciou a ocupação com a inauguração da capital, em 1897, consolidando-se na década de 1920, com o bairro Concórdia.
<b>Noroeste</b>	Iniciou a ocupação antes da inauguração, entre 1893 e 1897, e já nessa época houve a ocupação das áreas da Lagoinha e da Pedreira Prado Lopes.
<b>Venda Nova</b>	Iniciou a ocupação um século antes da inauguração, em 1711, segundo a tradição oral. Em 1949 a região foi anexada à Belo Horizonte, já com composição característica de um distrito.
<b>Leste</b>	Iniciou a ocupação com a inauguração, em 1897, mas consolidou-se a partir da década de 1920, com a primeira fábrica de doces de BH, a Fábrica de Balas Lalka, fundada em 1925.
<b>Oeste</b>	Iniciou a ocupação por volta de 1900, com o bairro Calafate, mas os bairros tiveram ocupação consolidada anos depois e até os dias atuais a região vem sendo fortemente ocupada, como é o caso dos bairros Estoril e Buritis, que tiveram ocupação iniciada na década de 70 e 80, respectivamente.
<b>Pampulha</b>	Iniciou a ocupação após 1936, com a construção da Barragem da Pampulha, mas consolidou-se após a década de 1950..
<b>Barreiro</b>	Iniciou a ocupação após a divisão da Fazenda Barreiro, no ano de 1940, para a construção da Companhia Siderúrgica Mannesmann.
<b>Norte</b>	Iniciou a ocupação em 1930, com os bairros Primeiro de Maio e São Bernardo.

Fonte: <http://portal1.pbh.gov.br/pbh/index.html?idNv1=27&idConteudoNv1=&emConstrucaoNv1=N> e <http://www.bairrosdebh.xpg.com.br/>.

Através desses dados, conclui-se que, com o passar dos anos de ocupação da capital, a tendência do fenômeno da concordância verbal, em Belo Horizonte, é caminhar no sentido de uma diminuição da ocorrência do fenômeno, já que as regionais mais recentemente ocupadas não favorecem sua ocorrência, fator que pode ser explicado pela ocupação dos bairros mais novos ser de pessoas oriundas de áreas diferentes do estado de Minas Gerais.

### 6.3.3 Sexo

Na primeira rodada do GOLDVARB, a variável sexo apresentou os seguintes resultados:

**TABELA 31**  
**Sexo**

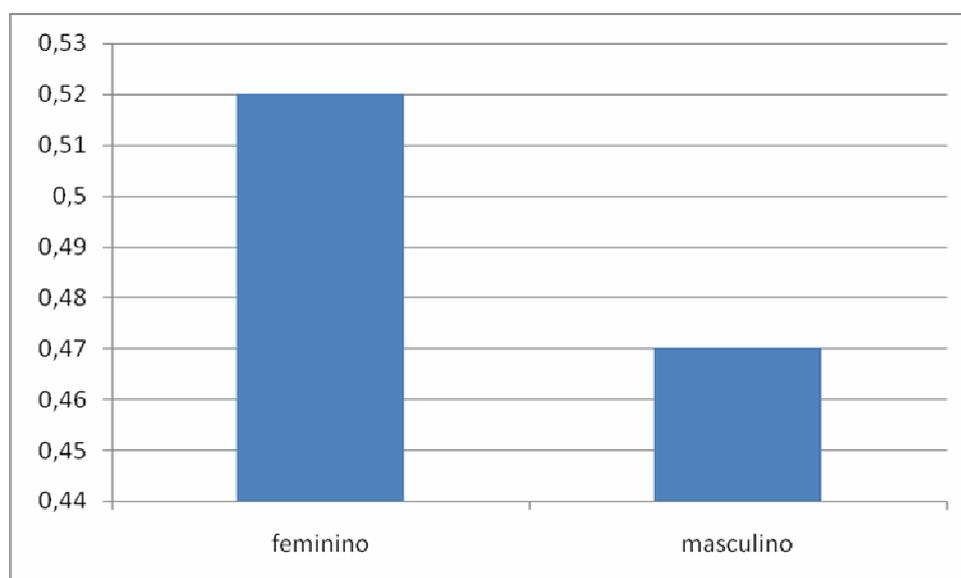
Sexo	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
m - masculino	241/392	61	.47
n - feminino	325/471	69	.52
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

De acordo com estes resultados, as mulheres favorecem a ocorrência da concordância verbal em Belo Horizonte, apresentando peso relativo de .52, enquanto os homens apresentaram peso relativo de .47.

Se levarmos em consideração a rodada em que os verbos foram categorizados em regulares, pretérito perfeito e terminação acentuada, o valor do peso relativo de concordância no sexo masculino permanece em .52 e a das mulheres sobe um ponto, passando a .48. No entanto, a perda de log-LKH é significativa, passando de Log-Lkh = - 347, 407 para Log-Lkh = - 354, 358,  $X^2 = 5, 36$  gl = 1 e nível = 0.01.

Considerando-se a categorização que denomina os verbos de regulares e não-regulares, ocorre o inverso. O valor do peso relativo de concordância para as mulheres permanece em .48 e a dos homens diminui um ponto, passando a .51. Também nesta rodada houve perda ainda maior de Log-Lkh, que passou para Log-Lkh = - 354, 715,  $X^2 = 5, 36$  gl = 1 e nível = 0.01.

Com isso, o gráfico a seguir ilustra os valores da melhor rodada para a variável sexo:



**Gráfico 11: Concordância verbal pelo sexo.**

Observando estes valores, é possível afirmar que:

- a) As mulheres favorecem ligeiramente a ocorrência da concordância verbal em Belo Horizonte;

(1) (...) eles deixam pra ele o dia (...) (INF. 1BcILiency50);

(2) (...) de vez em quando eles tentam dar oportunidade (...) (INF. 1BcILfknqz50).

- b) Os homens desfavorecem ligeiramente a ocorrência da concordância verbal em Belo Horizonte.

(3) (...) porque eles arruma briga (...) (INF. øBcILflmqz70);

(4) (...) tanto que essas casa não ocupa o lote inteiro.. (INF. øBvISfgmsx60).

Esses resultados mostram que não há diferença sensível entre homens e mulheres no que diz respeito à concordância verbal de terceira pessoa do plural na cidade de Belo Horizonte. Tanto é que esse grupo de fatores foi eliminado na análise binomial do GOLDVARB.

### 6.3.4 Idade

Em relação à variável idade, os resultados da primeira rodada demonstraram que há maior probabilidade de ocorrência de concordância verbal na meia-idade, que apresentou peso relativo de .69, seguida pelos adultos, que apresentaram .65 de PR de concordância, ou seja, os valores são bastante próximos. Na seqüência, a tabela mostra que os idosos seguem favorecendo a concordância verbal, com PR igual a .55 e que os jovens não se mostraram favorecedores do fenômeno em Belo Horizonte, apresentando PR de apenas .29. A tabela a seguir ilustra esses resultados:

**TABELA 32**  
**Idade**

<b>Idade</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
q – jovens (16 a 24 anos)	186/297	62	.29
r – adultos (25 a 39 anos)	60/131	45	.65
s - meia-idade (40 a 60 anos)	135/168	80	.69
t – idosos (acima de 60 anos)	185/267	69	.55
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O fato de as pessoas na faixa etária entre os 25 e os 60 anos de idade concordarem mais o SN com o SV de terceira pessoa do plural, em Belo Horizonte, deve-se à incidência da variável extralingüística *mercado ocupacional*, uma variável não convencional para o entendimento da variação lingüística numa sociedade complexa como a brasileira, em que parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não são claramente delimitadas (Paiva & Scherre, 1999). Silva *apud* Paiva & Silva (1998:64), define a variável *mercado ocupacional* como a correlação entre o tipo de atividade profissional desempenhada por uma pessoa ao longo de sua vida e a necessidade de utilização de formas lingüísticas de prestígio. Dessa forma, tanto os adultos quanto as pessoas de meia-idade estão ativas, atuantes no *mercado ocupacional*, portanto, utilizando bem mais as formas prestigiosas que os jovens, que estão se preparando para nele ingressar e os idosos, que se preparam para dele sair.

Em busca de uma análise mais aprofundada, foram agrupados os fatores que apresentaram valores probabilísticos aproximados. O grupo dos adultos foi agrupado, então, com os de meia- idade.

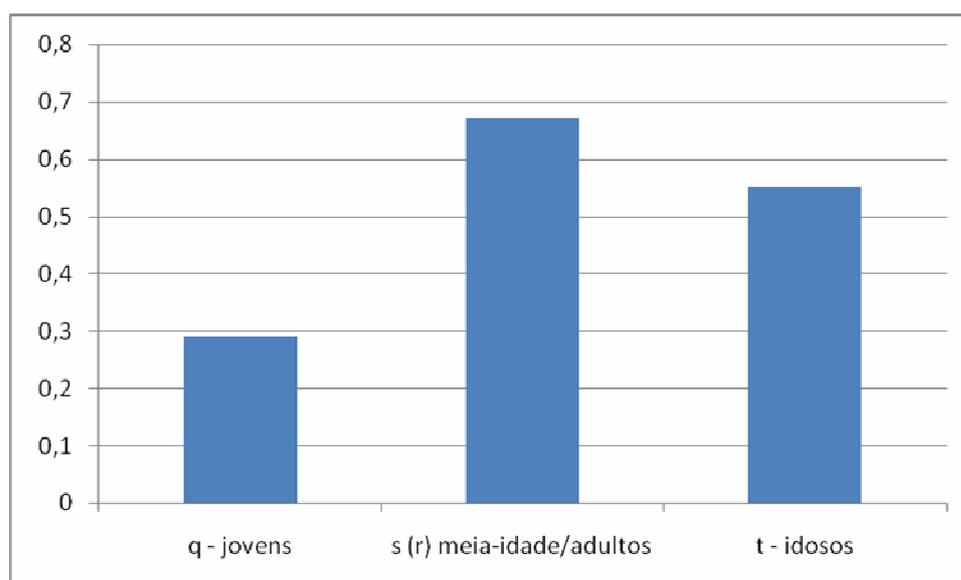
Essa nova categorização foi a que permaneceu, pois ela não apresentou perda significativa do Log-Lkh inicial, que era de - 347, 409 e passou a Log-Lkh = - 374, 445,  $X^2 = 374,30$  gl = 2 e nível = 0.1.

A partir dessa nova categorização, os resultados obtidos estão especificados na tabela abaixo:

**TABELA 33**  
**Idade: qst**

<b>Idade</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
q - jovens	186/297	62	.29
s (r) - meia-idade/adultos	195/299	65	.67
t - idosos	185/267	69	.55
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico 12 ilustra os resultados obtidos com a segunda rodada do GOLDVARB:



**Gráfico 12: Concordância verbal pela Idade - qst.**

A partir desses resultados, é possível afirmar que:

- a) Os jovens não favorecem a concordância verbal em Belo Horizonte, ou seja, não há evidências que apontem mudança. Abaixo, dois exemplos que ilustram este fato:

(1) (...) aí acontece essas coisas assim sabe... (INF. øCvOSfbnqy70);

(2) (...) meus primo tirou... (INF. øMpISfkmqz70).

- b) O comportamento dos indivíduos adultos e de meia-idade tem se mostrado bastante semelhante no que diz respeito à ocorrência da concordância verbal em Belo Horizonte e são esses indivíduos os favorecedores do fenômeno, sendo que este fato pode ser explicado pela variável extralingüística *mercado ocupacional*. Os exemplos a seguir servem de ilustração:

(3) (...) agora eles estão falando que vão mudar o Palácio e a secretaria. (INF. 1HcELflntw50);

(4) (...) todos eles são bons. (INF. 1ZcILflmtx60);

(5) os meninos estavam grandinho. (INF. 1BcISfknry60);

(6) mas eles tavam construindo a outra... (INF. 1BcILfensy50).

- c) Os idosos apresentam probabilidades um pouco menores de concordância que os adultos e os indivíduos de meia-idade e, no entanto, os idosos concordam mais que os jovens. Este fato é ilustrado pelos exemplos que seguem:

(7) (...) quando eles me pedia para ir com eles fazer compra. (INF. øBvALflntx50);

(8) (...) quando eles tiram a visitação. (INF. 1BvILflntx50).

O estudo de Nicolau (1984) mostrou que os adultos, considerados por ela como informantes com idade igual ou superior a 36 anos favoreciam a concordância verbal em BH, enquanto os jovens, informantes com idade entre 14 e 18 anos não a favoreciam.

Os resultados apresentados acima corroboram os de Nicolau. Contudo, os resultados de Gonçalves (2007), no estudo de Braúnas, mostraram que a concordância no Vale do Rio Doce é favorecida pelos jovens, seguida pelos adultos e desfavorecida pelos idosos.

Com o intuito de extrair maiores informações a respeito da idade dos informantes, foi feito o cruzamento entre a variável sexo e a variável idade, de modo que foram obtidos os valores percentuais mostrados pela tabela 37:

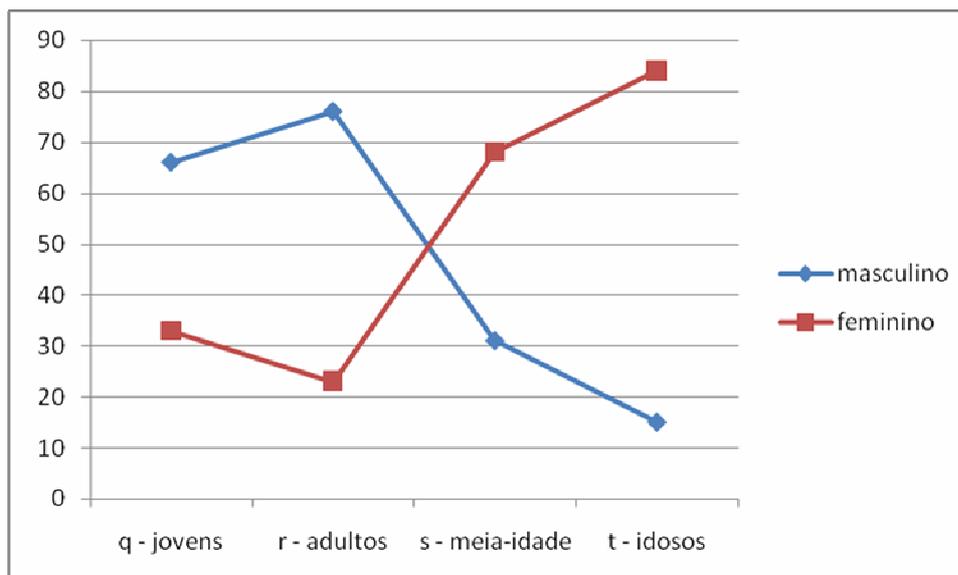
**TABELA 34**  
**Relação entre sexo e idade**

Idade	% de presença de concordância verbal	
	masculino	feminino
q - jovens	66	33
r - adultos	76	23
s - meia-idade	31	68
t - idosos	15	84
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>57</b>

Em relação ao sexo feminino, os valores revelam que as idosas são as que mais concordam o SN sujeito com o verbo (84%), seguidas pelas mulheres de meia-idade (68%), depois pelas jovens, com (33%) e, por último, as mulheres adultas, que são as que menos concordam, apresentando (23%) de concordância.

Em relação ao sexo masculino, o comportamento dos idosos se inverte, pois os homens mais velhos são os que menos fazem uso da concordância (15%), seguidos pelos indivíduos de meia-idade, com (31%), pelos jovens, com (66%) e por último, pelos adultos, que apresentam (76%) de concordância verbal.

Esses valores são retratados no gráfico 13:



**Gráfico 13: Concordância verbal na relação entre sexo e idade.**

A partir da observação desses dados, percebe-se a diferença sensível entre a fala de homens e mulheres. Paiva & Silva *apud* Scherre & Silva (1998:369) afirmam que as mulheres idosas empregam mais a norma padrão em decorrência da forte tendência feminina à obediência às normas. Ao que parece, essa tendência chega até as mulheres de meia-idade. O fato de as mulheres adultas concordarem menos o SN com o SV explica-se pelo fato, ainda, da predominância das atividades domésticas, que faz com que ela permaneça mais tempo dentro de casa, sendo privada de um contato social mais amplo. Em contrapartida, um maior grau de concordância entre as jovens, em relação às adultas, deve-se ao fato de que as jovens estão estudando cada vez mais e, conseqüentemente, procurando ingressar mais cedo no mercado de trabalho.

Conclui-se, finalmente, em relação ao sexo masculino, que os adultos utilizam mais a forma de prestígio por estarem inseridos no mercado de trabalho, portanto, em contato com outros indivíduos, envolvidos numa rede de relacionamentos intensa. Os jovens vêm logo em seguida, pois estão se preparando para ingressar no *mercado ocupacional* e também por estarem sujeitos à influência do que Labov denominou de “prestígio encoberto”, ou *covert prestige*, que se refere às formas lingüísticas escolhidas pelo falante por elas garantirem sua identidade com o grupo. (Scherre & Silva, 1998:368). Os indivíduos de meia-idade preparam-se para deixar o mercado de trabalho, o que explica o menor grau de concordância em relação a jovens e adultos e esclarece o menor valor percentual, no caso dos idosos, que já não mais precisam assegurar sua participação no mercado de trabalho.

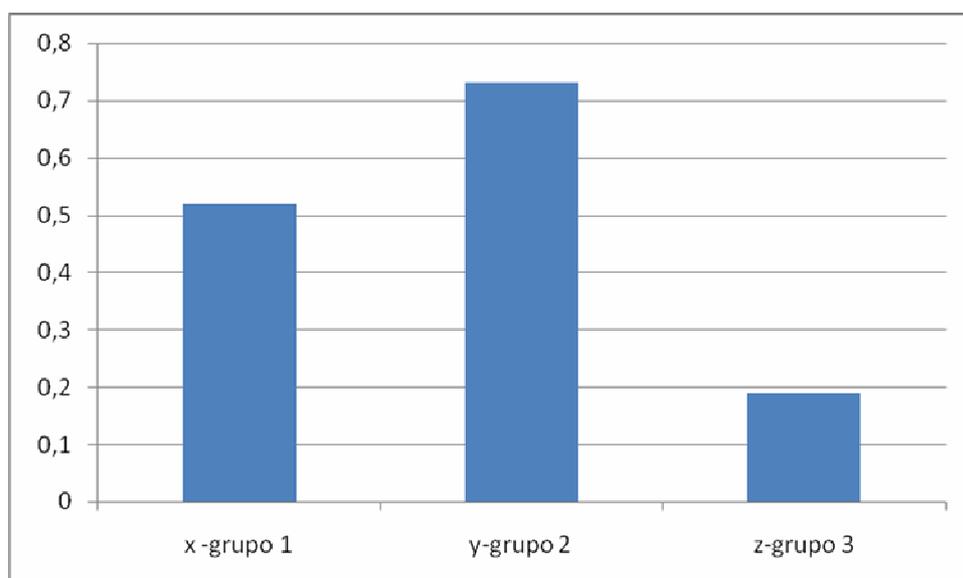
### 6.3.5 Classe social

Como mostra a tabela 35, em relação ao grupo da classe social é possível observar que o grupo 2 é o que mais favorece a concordância, com peso relativo de .73, seguido pelos grupos 1, com peso de .52 e por último o grupo 3, com peso relativo de apenas .19, desfavorecendo a concordância verbal.

**TABELA 35**  
**Classe social :xyz**

Classe social	Ocorrências/Total	% de presença de concordância verbal	PR de presença de concordância verbal
x - grupo 1	347/472	73	.52
y - grupo 2	161/210	76	.73
z - grupo 3	58/181	32	.19
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico a seguir ilustra os resultados obtidos com esta rodada:



**Gráfico 14: Concordância verbal pela classe social.**

A partir desses valores, pode-se afirmar que:

a) O grupo 2, constituído por indivíduos que não possuem mão-de-obra especializada, ou seja, profissionais como motoristas, pintores, eletricitas auxiliares de serviços gerais, mecânicos, etc. é o grupo que mais favorece a concordância verbal em Belo Horizonte, conforme os exemplos a seguir:

- (1) Eles pulam roleta e ameaçam o motorista. (INF. 1BvALfamsy53);
- (2) Ontem soltaram um tanto de bomba lá na escola, né. (INF. 1MvULfbnqy70).

b) O grupo 1, composto por funcionários públicos, comerciantes, industriários, técnicos com especialização, etc., concorda menos o SN sujeito que o grupo 3, conforme os exemplos abaixo:

- (3) Eles vieram fazer a mercearia do cumpadre. (INF. 1XcILfensx60);
- (4) (...) aqui nasceram mais três filho. (INF. 1JcOSfdntw60).

c) O grupo 3, constituído por indivíduos que não possuem mão-de-obra especializada, com ocupações que não requerem especialização, do tipo biscateiros, domésticas, diaristas, lavadeiras, pedreiros, catadores urbanos, vigias, etc. é o grupo que não favorece a concordância verbal em Belo Horizonte.

- (5) (...) eles não fica satisfeito... (INF. øBcALienrz50);
- (6) (...) porque eles fala que enjoa da mulher a(INF. øBcILflmqz70).

Relacionando os dados da variável classe social e da variável sexo, os resultados obtidos foram:

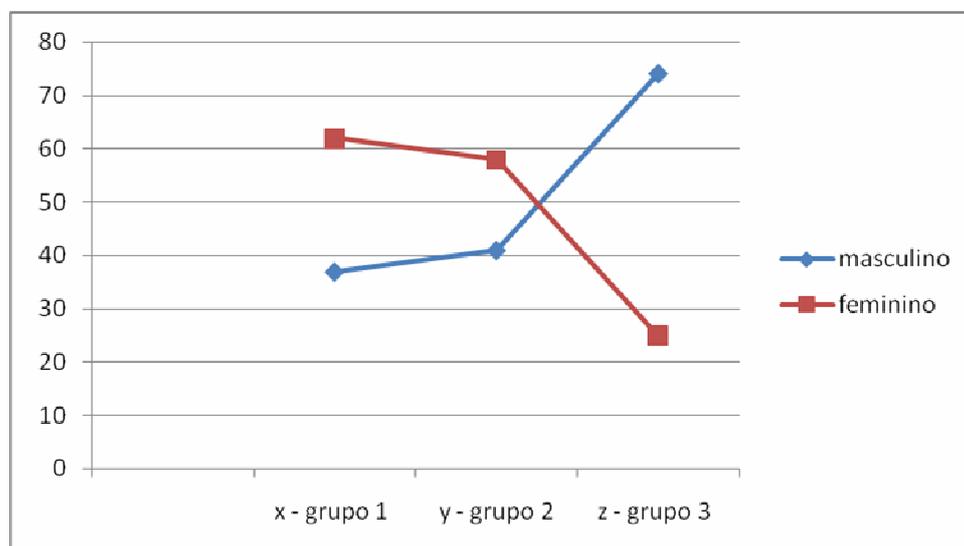
**TABELA 36**  
**Relação entre sexo e classe social**

Classe social	% de presença de concordância verbal	
	masculino	feminino
x - grupo 1	37	62
y - grupo 2	41	58
z - grupo 3	74	25
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>57</b>

Em relação ao sexo masculino, o grupo 3 é o que mais concorda, com porcentagem de 74%. Em seguida, os grupos 2 e o 1, com percentuais de 41% e 37%, respectivamente.

Em relação ao sexo feminino, o grupo 1, seguido do grupo 2 apresentam maiores percentuais de concordância, com 62% e 58%, respectivamente. O grupo 3, com percentual de 25%, é o que menos concorda.

A relação entre esses dados pode ser vista no gráfico a seguir:



**Gráfico 15: Concordância verbal na relação entre sexo e classe social.**

Os resultados mostram que no grupo 3 ocorre uma inversão no comportamento entre homens e mulheres com relação a concordar mais o verbo de terceira pessoa com o SN sujeito. Assim, as mulheres do grupo social de condições mais precárias concordam bem menos que os homens desse mesmo grupo.

Os homens desse grupo mostram um comportamento menos previsível, concordando mais o SN com SV, porque sofrem influência da variável *mercado ocupacional*. Dessa forma, estão mais expostos aos contatos sociais que as mulheres, que possuem menor número de oportunidades sociais e estão menos sujeitas à convivência com o grupo, conforme afirmam Paiva e Silva (1998:368).

Relacionando os dados das variáveis idade e classe social, os valores obtidos são os mostrados na tabela a seguir:

**TABELA 37**  
**Relação entre idade e classe social**

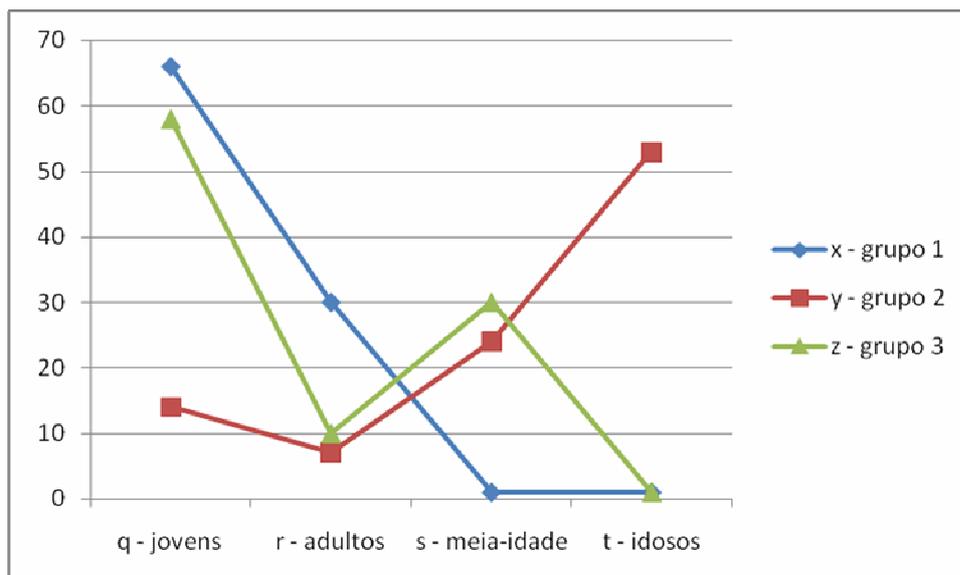
Classe social	% de presença de concordância verbal			
	q - jovens	r - adultos	s - meia-idade	t - idosos
x - grupo 1	14	7	24	53
y - grupo 2	58	10	30	1
z - grupo 3	66	30	1	1
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>10</b>	<b>23</b>	<b>32</b>

A tabela mostra que, em relação aos três grupos sociais, os jovens concordam mais que os adultos. Além disso, há diminuição de 8 pontos percentuais do grupo 3 para o grupo y, e de 44 pontos percentuais do grupo 2 para o grupo 1.

Na relação entre os adultos e os indivíduos de meia-idade, há um aumento de concordância nos grupos 1 e 2, enquanto que no grupo 3, houve queda quase que total na concordância verbal.

Comparando-se os indivíduos de meia-idade com os idosos, apenas no grupo 1 houve aumento de concordância de 29 pontos percentuais. No grupo 2 a queda na concordância foi de 29 pontos e no grupo 3 os valores não se alteraram.

O gráfico 16, a seguir, ilustra esses resultados:



**Gráfico 16: Concordância verbal na relação entre idade e classe social.**

Através da análise do gráfico, conclui-se que no grupo 2, grupo de poder aquisitivo intermediário, há uma crescente preocupação com a concordância verbal, de modo que essa preocupação estende-se até os idosos.

Já nos grupos 1 e 3, há queda de concordância à medida em que os jovens tornam-se adultos. A partir da idade adulta, os comportamentos se diferenciam, de modo que a queda de concordância continua no grupo 1 mantêm-se estável até a velhice. No grupo 3, há aumento de concordância na meia-idade e nova queda à medida em que os indivíduos vão tornando-se idosos.

A conclusão a que chego, a partir desses dados, é de que o grupo intermediário demonstra maior preocupação com a utilização das formas padrão, enquanto o grupo 3 se volta para a utilização dessas formas quando está inserido no mercado de trabalho. O grupo 1 não se sensibiliza ao uso da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

### 6.3.6 Escolaridade

Com relação à escolaridade, o Ensino superior é o grande favorecedor da concordância verbal em BH, apresentando peso relativo de .90, seguido pelo Ensino fundamental e pelo Ensino médio, com pesos relativos de .43 e .42, respectivamente. Esses valores estão mostrados na tabela 49 abaixo:

**TABELA 38**  
**Escolaridade**

<b>Escolaridade</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
5 - EF	170/286	59	.43
6 - EM	302/473	63	.42
9 - ES	94/104	90	.90
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

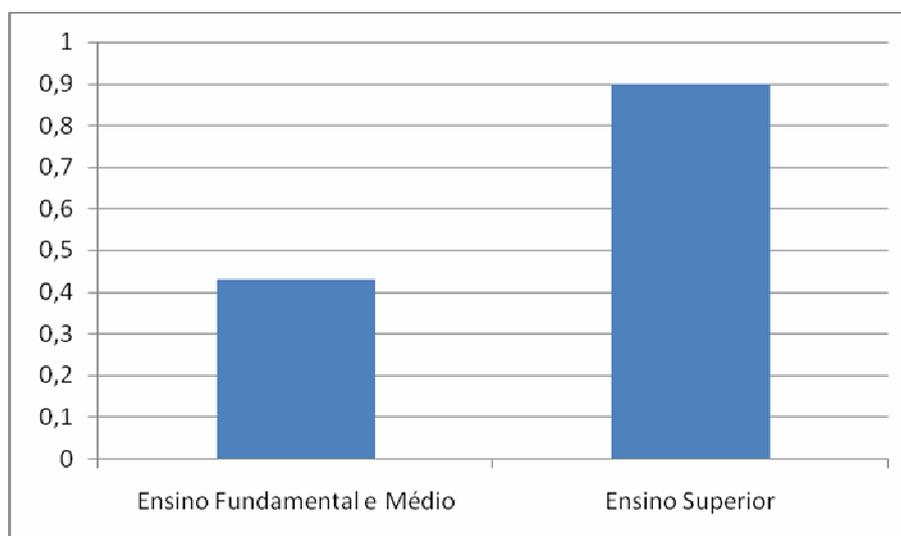
Como o Ensino fundamental e o Ensino médio apresentaram valores semelhantes, estes fatores foram agrupados, numa nova categorização e, após uma nova rodada, os pesos relativos não foram alterados e o Log-Lkh também não teve perda significativa, indo de Log-Lkh = - 347, 409 para Log-Lkh = - 353, 767,  $X^2 = 307,81$ ,  $gl = 5$  e nível = 0.001.

Após esta rodada, os resultados obtidos foram os especificados na tabela 50, a seguir:

**TABELA 39**  
**Escolaridade: EF/EM e ES**

<b>Escolaridade</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>% de presença de concordância verbal</b>	<b>PR de presença de concordância verbal</b>
5 (6) - EF /EM	472/759	62	.43
9 - ES	94/104	90	.90
<b>Total</b>	<b>566/863</b>	<b>65</b>	

O gráfico a seguir ilustra o comportamento das variáveis relativas à escolaridade novamente agrupadas:



**Gráfico 17: Concordância verbal pela escolaridade.**

A partir do gráfico, é possível fazer as seguintes afirmações:

a) O Ensino superior é o grande favorecedor da concordância verbal em Belo Horizonte, como nos exemplos a seguir:

- (1) Eles saem muito. (INF. 1DcILflmqx90);
- (2) Mas eu acho que as coisa vão caminhamo... (INF. 1HcISflmqx90).

b) O Ensino médio e o Ensino fundamental não favorecem a ocorrência da concordância verbal em Belo Horizonte.

- (3) (...) só tem essas duas linhas que passa por dentro... (INF. øBcESflmrx60);
- (4) (...) e até hoje eles não joga. (INF. øBpALflntw60).

A partir dessas afirmações, conclui-se, portanto, que a forma padrão ocorre com grande frequência onde os níveis de escolarização são mais altos, ou seja, onde há maior sensibilidade e acesso das pessoas às formas de prestígio.

Fazendo a relação entre as variáveis idade e escolaridade, chega-se à tabela a seguir:

**TABELA 40**  
**Relação entre idade e escolaridade**

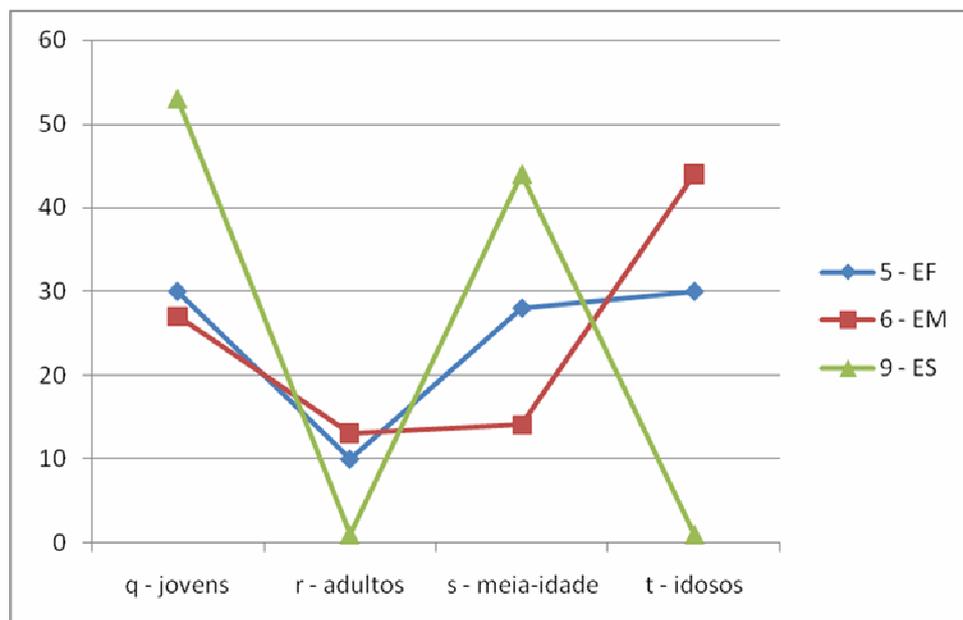
Classe social	% de presença de concordância verbal			
	q - jovens	r - adultos	s - meia-idade	t - idosos
5 - EF	30	10	28	30
6 - EM	27	13	14	44
9 - ES	53	1	44	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>23</b>	<b>32</b>	<b>32</b>

Pela tabela, é possível visualizar que, para os três níveis de escolarização, há diminuição de concordância de jovens para adultos. No Ensino fundamental, a diferença foi de 20 pontos percentuais, contra 14 pontos no Ensino médio e de 54 pontos percentuais no Ensino superior.

Relacionando os adultos com a meia-idade, a relação é inversa, pois há aumento na concordância em todos os níveis de escolarização, sendo que no Ensino fundamental diferença de 18 pontos, contra 1 ponto no Ensino médio e 43 pontos no Ensino superior.

Na relação entre meia-idade e idosos, há aumento de 2 pontos percentuais no Ensino fundamental e de 10 pontos no Ensino médio. Porém, no Ensino superior, os valores de concordância são praticamente anulados.

O gráfico 18 mostra como se comportam essas variáveis relacionadas:



**Gráfico 18: Concordância verbal na relação entre idade e escolaridade.**

Analisando o gráfico, pode-se concluir que o comportamento dos indivíduos em relação ao uso da concordância verbal é discrepante no Ensino superior, com picos de concordância nos jovens e na meia-idade e picos de ausência de concordância nos adultos e nos idosos.

No Ensino médio e no fundamental o comportamento dos jovens e dos adultos é muito parecido, tendendo a se diferenciar a partir da meia-idade, onde no Ensino fundamental o índice torna-se mais elevado que no Ensino médio. Chegando aos idosos, os gráficos se cruzam, de modo que o Ensino médio ultrapassa os índices de concordância do Ensino fundamental.

## 7 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi traçar um panorama do fenômeno da concordância verbal na terceira pessoa do plural em Belo Horizonte, a partir de dados coletados de entrevistas espontâneas com 26 informantes aí residentes.

Da fala desses informantes foram extraídos 863 dados, sendo que desses, 65% (566 dados) apresentaram presença de concordância e 34% (297 dados) apresentaram ausência de concordância. Considerando-se as formas de concordância padrão, os valores encontrados para a presença de concordância foram de 61% (483 dados) contra 38% (297 dados) de ausência de concordância.

Os trabalhos de Nicolau (1984) e Gonçalves (2007) foram os norteadores desta pesquisa, servindo de referência para a análise dos grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos favorecem ou desfavorecem o fenômeno.

A seguir, apresento as conclusões a que cheguei, após análise percentual e probabilística dos dados coletados:

### **1 – Constituição morfológica da forma verbal e grau de saliência fônica:**

→ O princípio da saliência fônica não se sustenta plenamente com relação à concordância verbal em BH, uma vez que nem sempre as formas mais salientes são preservadas;

→ A ocorrência de concordância verbal é favorecida pelos verbos com terminação acentuada (.68), seguida pelos verbos no pretérito perfeito (.61) e pelos verbos regulares (.32);

→ Os verbos não-regulares também favorecem a concordância verbal, apresentando peso relativo de .64 contra .32 dos verbos regulares;

→ Nas formas do pretérito perfeito, houve 54% de presença de concordância padrão contra 23% da concordância não-padrão.

→ Em comparação com os trabalhos de Nicolau (1984), em BH, pode-se afirmar sobre:

a) os verbos regulares: houve aumento dos casos de concordância do ano de 1984, que representavam 37% para o ano de 2008, com 52%;

- b) os verbos no pretérito perfeito: houve grande aumento dos casos de concordância, pois em 1984 foram 14% dos casos e em 2008, 54%;
- c) as formas com terminação acentuada: houve queda de seis pontos percentuais de 1984 para 2008, que apresentava 79% e passou a 73%.

Essas oscilações significativas entre as formas verbais, dependendo da localidade, podem ser explicadas pelo modelo de “fluxos e contrafluxos” de Naro & Scherre (2004).

## **2 – Ambiente fonológico que sucede o verbo:**

→ Consoante e vogal mostraram-se neutros em relação ao fenômeno da concordância verbal, com .51 e .49 de peso relativo, respectivamente;

→ Com o agrupamento dos dois fatores, consoante e vogal, o peso relativo de ocorrência de concordância passou a .50 e a da pausa, que mostrou-se inibidora, passou a .41;

→ Nos verbos regulares, a pausa mostrou-se favorecedora da ocorrência do fenômeno, com peso relativo de .57, enquanto a consoante e a vogal mostraram-se neutras, com .51 e .48, respectivamente.

→ Nos verbos não-regulares, consoante e vogal permanecem neutros, com peso relativo de .51 e .52, respectivamente, enquanto a pausa apresenta peso relativo de .28.

→ No pretérito perfeito, consoante e pausa praticamente igualam-se com pesos de .48 e .46, respectivamente, enquanto a vogal apresenta .53 de peso relativo para a ocorrência de concordância verbal. Pode-se afirmar, portanto, que, neste contexto, o ambiente é neutro, não favorecendo nem desfavorecendo a ocorrência da concordância.

→ Em todos os contextos, os valores do ambiente fonológico seguinte ao verbo apresentaram-se muito próximos a .50, portanto, valores praticamente neutros, o que representa que a significância desse grupo de fator é nula. O GOLDVARB não selecionou este grupo como relevante para a análise dos dados.

## **3 – Posição do SN sujeito em relação ao verbo:**

→ A concordância de terceira pessoa é desfavorecida pelo sujeito posposto ao verbo;

→ O sujeito anteposto e distante do verbo não se mostrou favorecedor da concordância verbal de terceira pessoa em BH, contudo, sofreu aumento do peso relativo em

comparação ao trabalho de Nicolau (1984), que apresentou peso relativo igual a .26 e passou a .44 em 2008.

#### **4 – Constituição do SN sujeito:**

→ O SN sujeito constituído por pronomes de terceira pessoa do plural, pelos possessivos, pelos indefinidos e pelos numerais favorecem a ocorrência da concordância verbal;

→ O SN sujeito que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular não favorecem a ocorrência de concordância verbal.

#### **5 – Paralelismo formal:**

→ Em relação ao paralelismo formal, foi possível concluir que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros.

#### **6 – Estilo de fala:**

→ O estilo formal favorece a ocorrência de concordância verbal enquanto o estilo informal a desfavorece.

#### **7 – Distribuição geográfica:**

→ As regiões Nordeste, Noroeste, Venda-Nova e Leste favorecem a ocorrência do fenômeno da concordância verbal, o que pode ser explicado pelo fato de essas regiões serem as mais antigas em termos de início e consolidação da ocupação da cidade de Belo Horizonte;

→ As regiões Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte desfavorecem a ocorrência do fenômeno e, ao contrário das regiões que o favorecem, essas foram ocupadas mais recentemente.

### **8 – Sexo:**

→ As mulheres favorecem a ocorrência do fenômeno e os homens o desfavorecem ligeiramente. Este fator não se mostrou relevante para a análise, uma vez que ele não foi selecionado pelo GOLDVARB.

### **9 – Idade:**

→ Os jovens não favorecem a ocorrência de concordância verbal;

→ Os adultos e os indivíduos de meia-idade comportam-se de forma semelhante, favorecendo a ocorrência do fenômeno;

→ Os valores obtidos na faixa etária dos idosos ficam no intermédio entre os valores dos jovens e os dos adultos e de meia-idade;

→ Cruzando-se os dados entre a variável idade e sexo, percebe-se queda de ocorrência de concordância de jovens para adultos e elevação até os idosos no sexo feminino, enquanto no sexo masculino o movimento é o oposto. Este fato pode ser explicado pela tendência das mulheres estarem atentas aos fenômenos prestigiosos. O GOLDVARB não selecionou este grupo de fator como relevante para a análise da ocorrência da concordância verbal.

### **10 – Classe social:**

→ O grupo 2, constituído por indivíduos que não possuem mão-de-obra especializada, é o que favorece a concordância verbal, seguido pelo grupo 1, constituído pelos funcionários públicos, comerciantes, industriários, técnicos com especialização, etc.

→ O grupo 3, constituído por indivíduos que não possuem mão-de-obra especializada, com ocupações que não requerem especialização, não favorece a ocorrência do fenômeno;

→ A variável *mercado ocupacional* influencia o comportamento dos indivíduos em relação à concordância verbal, pois os homens do grupo 3 concordam mais que as mulheres do mesmo grupo.

### **11 – Escolaridade:**

→ O Ensino superior favorece a ocorrência de concordância verbal;

→ O Ensino fundamental e o médio não favorecem a ocorrência do fenômeno;

Enfim, a partir dessas afirmações, pode-se finalmente considerar que o fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural, na cidade de Belo Horizonte, sofre influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Os fatores lingüísticos que mais atuam sobre o fenômeno são a constituição morfológica da forma verbal, posição e constituição do SN sujeito e paralelismo formal.

Os fatores extralingüísticos relevantes para a análise foram o estilo de fala, as regionais, a classe social e a escolaridade dos informantes.

Algumas divergências de comportamento entre os fatores lingüísticos foram encontradas na comparação com as análises de Nicolau (1984) e Gonçalves (2007). No entanto, Naro e Scherre (2006) afirmam que essas divergências podem ser explicadas pelo modelo de *fluxos* e *contrafluxos* proposto pelos próprios autores em 1991, que postula que a comunidade de fala, no Brasil, apresenta direções diversas com relação ao fenômeno de concordância.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- BAGNO, M. **A Norma Oculta**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BARDEN, L. V. **A Concordância Verbal da Terceira Pessoa do Plural na Fala de Porto Alegre**. Anais do IV Congresso Internacional da Abralín. Brasília: [s.n.]. 2005. p.1145-1158. Disponível em: <<http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2007.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 30.ed. São Paulo: Campanha Editora Nacional.1986.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós Chegemu na Escola, e Agora? – Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Parábola Editorial. 2005.
- BRAGA, M. L. & MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BYBEE, J. L. **Morphology - A study of the relation between meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company, 1985.
- CANZIAN, F. **Renda da Classe Média Cai 46% em 6 Anos**. 2006. Disponível em: <<http://www.ai.com.br/pessoal/indices/CLASSES.HTM>> Acesso em: 01 nov. de 2007.
- CARDOSO, A., FERREIRA, S. **A Dialektologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARDOSO, C. R. **Estilo em Foco: Uma Dimensão da Variação Lingüística**. Anais do IV Congresso Internacional da Abralín. Brasília: [s.n.]. 2005. p. 211-222. Disponível em: <<http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2007.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance**. University of Toronto: Blackwell. 1995.
- CUNHA, C. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1976.
- ESPÍNOLA, S.; HORA, D. **O Paralelismo Lingüístico e sua Atuação no Processo Variável da Concordância Verbo-Sujeito**. Revista da Abralín, v. 3, n. 1-2, p.217-247, jul e dez 2004. Disponível em: <[http://www.abralin.org/revista/RV3N1\\_2/artigo8/RV3N1\\_2\\_art8.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV3N1_2/artigo8/RV3N1_2_art8.pdf)> Acesso em: 19 nov. 2007.
- GONÇALVES, V. F. **A Ausência de Concordância Verbal no Vale do Rio Doce**. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Letras, 2007. 122p. Dissertação de Mestrado.

GONZALEZ, C. A.; QUADROS, E. S.; SCHWINDT, L. C. S.; TOLEDO, E. E. **A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

GUY, Gregory R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History**. PhD. Dissertation, University of Pennsylvania, 1981.

GRYNER, H. **A Variação de Concordância com Verbos Pessoais na Cidade de Petrópolis**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1977. 139p. Dissertação de Mestrado.

LABOV, W. **The Social Stratification English in New York City**. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns**. Conduct and Communication n° 4. University of Pennsylvania Press. Philadelphia. 1972.

\_\_\_\_\_. **Field Methods Used by the Research Project on Linguistic Change and Variation**. Texas Working Papers on Sociolinguistics. (1972a).

LAWRENCE, H; ROBINSON, J; TAGLIAMONTE, S. **A Multivariate Analysis Application for Windows**. 2001. Disponível em: <file://D:\Instalar\VARBRUL\GOLGVARB%202001%20Users\%20Manual.htm>. Acesso em 01 nov. 2004.

LEMLE, M & NARO, A. J. **Competências Básicas do Português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p.407-408.

LIMA, B. **Canteiro de Saudades – Pequena História Contemporânea de Belo Horizonte (1910-1950)**. Sistema Promove de Ensino. 1996.

LUCCHESI, D. **Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro**. Revista Abralín, v.5, n. 1-2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <[http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art4.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf)> Acesso em: 19 nov, 2007.

MARTINET, A. **A Functional View of Language**. 1 ed. London, Oxford University Press, 1962.

MARX, K. **O Capital**. Tradução de Reginaldo Sant’Anna, 3ª edição, Livro Terceiro, v. 5, cap. LII, p. 1012, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1981.

MELO, G. C. **Iniciação a Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1957.

\_\_\_\_\_. **A Língua do Brasil**. Rio de Janeiro. Padrão Livraria Editora. 1981.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Basil Blackwell. 1992.

MOTTA, E. C. M. **Escolarização e Variação Lingüística**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas. 1979.

NARO, A. J. **The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change**. *Language*, n. 57, p.63-98, 1981.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. **Mudança sem Mudança: A Concordância de Número no Português Brasileiro**. Texto apresentado no XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística (APL). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2004.

\_\_\_\_\_. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, A. **O linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões.1953.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa – Pesquisa, Usos e Possibilidades**. São Paulo, v.1, n.3, 2º sem./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2007.

NICHOLS, J. **Functional theories of grammar**. *Annual Review of Anthropolgy*, 1984.

NICHOLS, J. & WOODBURY, A. C. Introduction. In: (eds.). **Grammar Inside and Outside the Clause**. London, Cambridge University Press, 1985. 1-14.

NICOLAU, E. M. D. **A Ausência de Concordância Verbal em Português: Uma Abordagem Sociolingüística**. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.1984. 166p.

PAIVA, M. C. & SCHERRE, M. M. P. **Retrospectiva Sociolingüística: Contribuições do Peul**. São Paulo: Revista Delta, v.15, número especial, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300009&lng=&nrm=iso&tlng=>](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300009&lng=&nrm=iso&tlng=>)> Acesso em: 15 abr, 2008.

POULANTZAS, N. As Classes Sociais. In: ZENTENO, R. B. (Coord) **As Classes Sociais na América Latina: Problemas de Conceituação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SAID ALI. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos. 1964.

SARAIVA, M. E. F. & BITTENCOURT, V. de O. **A Concordância Verbal em Estruturas com SN Complexo no Português: um Caso de Interferência de Fatores Metonímicos e Metafóricos**. In: PONTES, Eunice (org.) **A Metáfora**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 91-114.

SCHERRE, M. M. P. **A Regra de Concordância de Número no Sintagma Nominal em Português**. Dissertação de Mestrado, Puc, Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. 1988. Tese de Doutorado em Lingüística. UFRJ, Rio de Janeiro.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A Variação de Concordância Verbal entre os Falantes de Mato Grosso do Sul**. 2006. Tese de Doutorado em Letras. UESP, São Paulo.

SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões Sociolingüísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SILVEIRA, S. da. **Lições de Português**. 7. Ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1964.

SOUZA, J. B de. **Bairros de BH**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bairrosdebh.xpg.com.br>>. Acesso em: 03 jul. 2007.

TARALLO, F. **Tempos Lingüísticos: Itinerário Histórico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

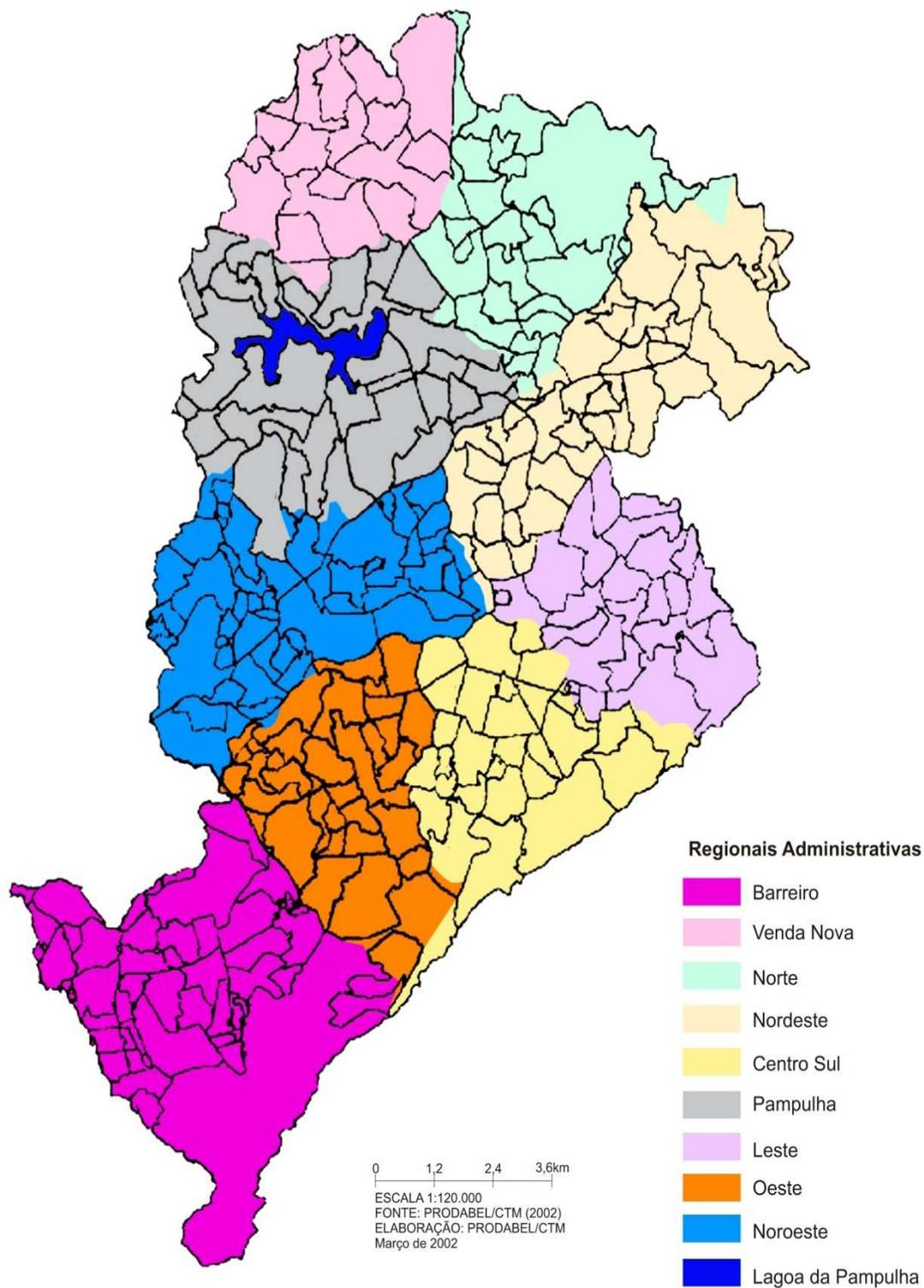
TRUDGILL, P. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press. 1974.

WEINREICH, U., W. LABOV e M. HERZOG. **Empirical Foundations for a Theory of Language Change**. IN: LEHMANN e MELKIEL (eds). Directions for Historical Linguistics. AUSTUI: University of Texas Press. 1968.

VAREJÃO, F de O. **Variação em Estruturas de Concordância Verbal e em Estratégias de Relativização no Português Europeu Popular**. Doutorado em LÍNGUA Portuguesa – Faculdade de Letras, UFRJ. 2006.

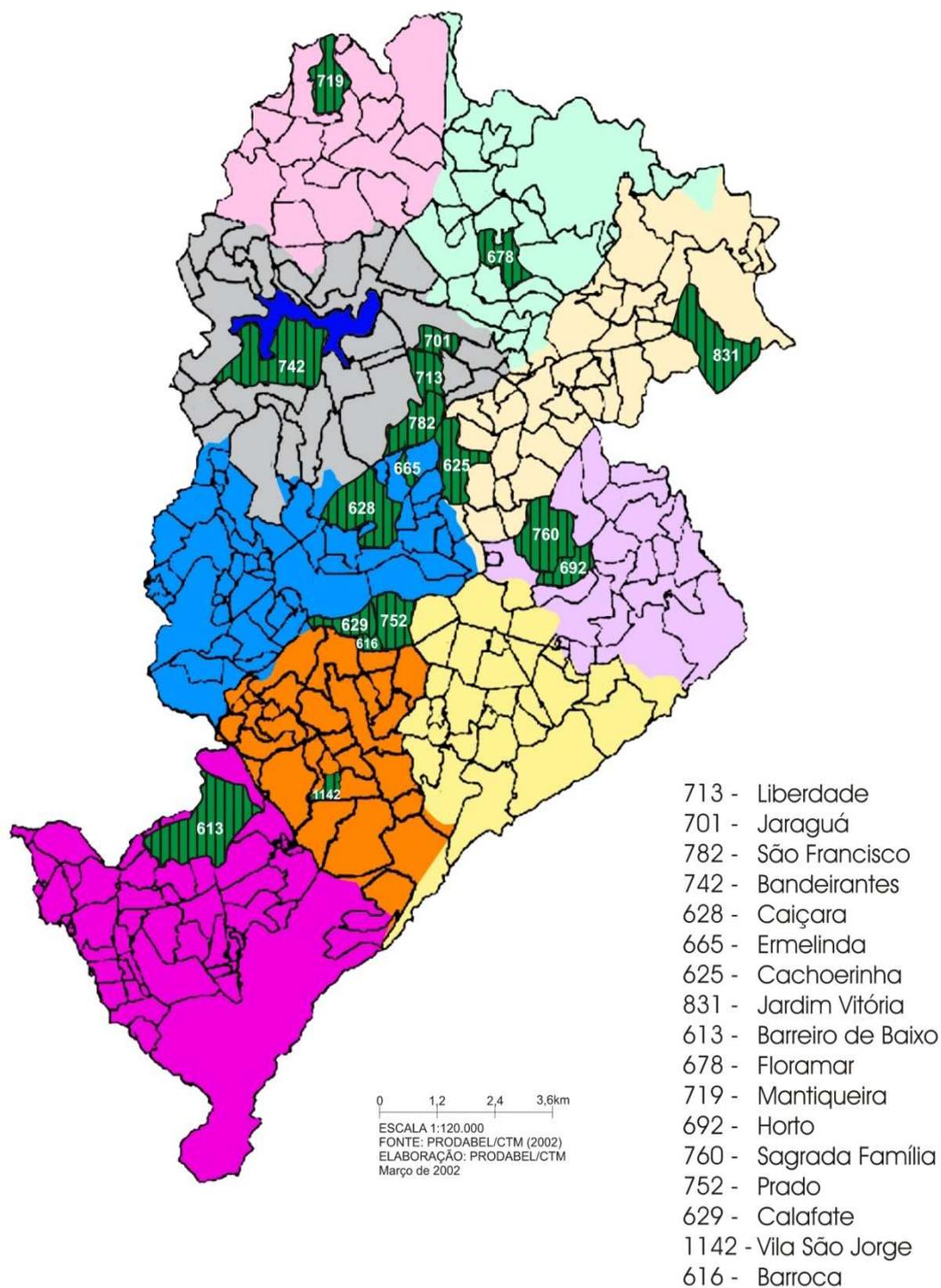
VEADO, R. M. A. **Comportamento Lingüístico do Dialeto Rural**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.



**ANEXO B - Regionais administrativas de Belo Horizonte**

**Crédito: Prodabel/CTM (2002) Elaboração: Prodabel/CTM Março 2002. Disponível em <[http://209.15.138.224/brazil\\_mapas/m\\_belo\\_bairros-regionais.htm](http://209.15.138.224/brazil_mapas/m_belo_bairros-regionais.htm)> Acesso em 12 de julho de 2007.**

### ANEXO C - Bairros selecionados para realização das entrevistas



**Crédito: Prodabel/CTM (2002) Elaboração: Prodabel/CTM Março 2002. Disponível em <[http://209.15.138.224/brazil\\_mapas/m\\_belo\\_bairros-regionais.htm](http://209.15.138.224/brazil_mapas/m_belo_bairros-regionais.htm)> Acesso em 12 de julho de 2007.**

## ANEXO D - Regionais administrativas de belo horizonte e bairros selecionados para realização das entrevistas

